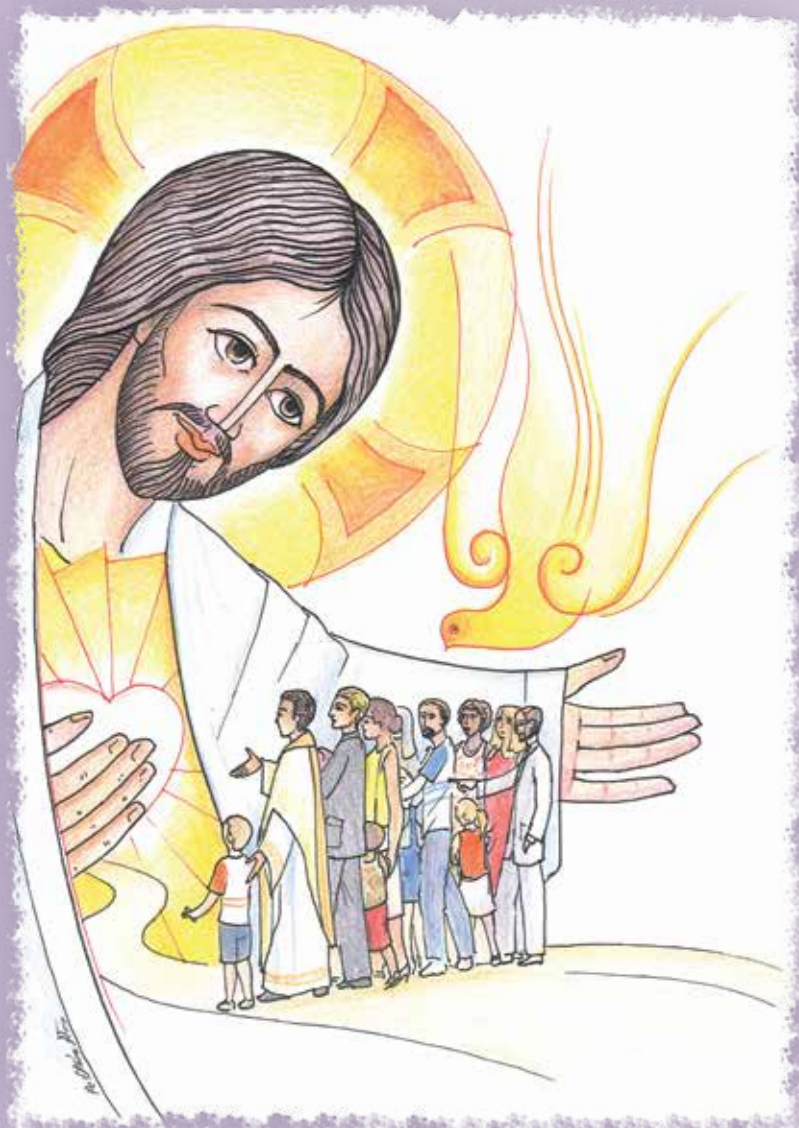


## Mutações culturais e evangelização



03

Um novo “fundamento  
antropológico” para a  
teologia, a pastoral e a  
espiritualidade

Pe. Nicolau João Bakker, svd

13

Evangelização,  
educação  
e universidade hoje

Pe. Johan Konings, sj

23

Catequese com jovens:  
desafios e esperanças

Solange Maria do Carmo

João Ferreira Júnior, ofmCap

33

Roteiros homiléticos

Celso Loraschi

# Em busca de uma nova catequese COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

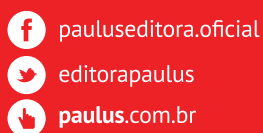


Os manuais de catequese **Nossa vida com Jesus (Eucaristia)** e **Confirmados na fé (Crisma)** visam formar verdadeiros discípulos, conhecedores da Palavra, por meio de roteiro para encontros adaptados e elencados aos catequistas, segundo as necessidades e condições da faixa etária do catequizando e as orientações mais atuais da Igreja.

## VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)



## Caros leitores e leitoras,

Graça e paz!

“A Igreja católica não é um museu de arqueologia. É a antiga fonte do lugar que dá água às gerações de hoje, como a deu no passado”, dizia-nos sabiamente o papa João XXIII. Observamos nas fases da história e da evolução da humanidade as enormes mutações ocorridas. Em comparação com o tempo e a cultura em que Jesus viveu, e mesmo com o período em que João XXIII proferiu a frase acima, temos uma realidade bastante diferente. Portanto, em primeiro lugar, ao olhar a história, sentimos-nos gratos pelos que nos precederam na fé e, entre percalços e avanços, conseguiram transmitir o evangelho que receberam de maneira a continuar fazendo sentido aos que vieram depois. Em segundo lugar, isso nos estimula ao compromisso de continuar atualizando essa fé, fazendo-a viva e operante para as novas gerações.

O cuidado de conhecer as mutações civilizacionais e encontrar formas de “traduzir” o evangelho e encarná-lo na realidade e de atualizar a Igreja e sua ação evangelizadora para o mundo de hoje não significa jogar fora a tradição, mas, ao contrário, ser mais fiel a ela, fazendo que se mantenha como fonte viva e vivificadora, e não como um conjunto de peças de museu ou apego saudosista ao passado. Diante das mudanças culturais, a força do evangelho e da ação evangelizadora não está em impor verdades prontas, frias e petrificadas, mas, no diálogo com a cultura, ajudar as pessoas a se nortearem segundo aquilo que Jesus ensinou e segundo a rica tradição espiritual que herdamos.

Com muita frequência escutamos dizer que o mundo e a Igreja estão em crise. O ser humano atual se sente desenraizado, seja das tradições, seja dos ideais elevados norteadores, o que gera vazio, carência de

sentido da vida, ansiedades de todo tipo. As grandes utopias e certezas perderam força; há excesso de informação, diante da qual há dificuldade de orientação e escolhas adequadas; perdeu-se em medida considerável o valor da durabilidade, da constância, do compromisso e, por conseguinte, também dos ideais religiosos. Há também certa decepção com as promessas da modernidade e da racionalidade moderna, que alimentaram o ideal da solução de todos os problemas, mas, além de não alcançá-lo, geraram alguns novos problemas e entraves, como sucessivas guerras e a criação de tecnologias armamentistas que podem devastar o mundo inteiro; não só a permanência, mas o aumento da pobreza e da exploração; contínuas crises econômicas; a destruição da natureza, entre outros.

Os artigos a seguir analisam algumas dessas mutações culturais, no esforço de dar respostas cristãs a tais questões e encontrar caminhos de renovação do sentido do evangelho e do Reino de Deus diante de tais realidades. Em contextos de crises e mudanças aceleradas, ideias-guias, norteadoras, são bem-vindas. A fé cristã tem muito a contribuir nessa realidade. Para isso, é preciso compreender bem os sinais dos tempos; desfazer os mal-entendidos que levam boa parte das pessoas a opor realização pessoal e social à fé e à Igreja e, vice-versa, mal-entendidos que possam situar a Igreja e a revelação de Deus em oposição à realização humana; traduzir a fé cristã para o mundo de hoje, ajudando as pessoas a encontrar nela um sentido maior para a existência e renovada força vivificadora e transformadora.

Pe. Jakson Alencar, ssp  
Editor

**Editora** PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO  
**Diretor** Pe. Claudiano Avelino dos Santos  
**Editor** Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP  
**Conselho editorial** Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin  
**Ilustração da capa** Pe. Otávio Ferreira Antunes  
**Ilustrações internas** Luís Henrique Alves Pinto  
**Editoração** Fernando Tangi

**Revisão** Caio Pereira; Alexandre Santana  
**Assinaturas** assinaturas@paulus.com.br  
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011  
Rua Francisco Cruz, 229  
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP  
**Redação** © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 1809-2071  
vidapastoral@paulus.com.br  
www.paulus.com.br / www.paulinos.org.br  
vidapastoral.com.br

## Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

**Para contato:**  
E-mail: assinaturas@paulus.com.br  
Tel.: (11) 3789-4000  
Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas  
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro  
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:  
**Banco do Brasil:** agência 0646-7, conta 5555-7  
**Bradesco:** agência 3450-9, conta 1139-8

## Livrarias Paulus

**APARECIDA – SP**  
Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44,45,78,79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

**ARACAJU – SE**  
Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

**BELÉM – PA**  
Rua 28 de setembro, 61 –  
Campina – (91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

**BELO HORIZONTE – MG**  
Rua da Bahia, 1136  
Ed. Arcângelo Maleta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

**BRASÍLIA – DF**  
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício  
Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasilia@paulus.com.br

**CAMPINAS – SP**  
Rua Barão de Jaguara, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

**CAMPO GRANDE – MS**  
Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

**CAXIAS DO SUL – RS**  
Av. Júlio de Castilho, 2029  
(54) 3221-7797  
caxias@paulus.com.br

**CUIABÁ – MT**  
Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

**CURITIBA – PR**  
Pça. Rui Barbosa, 599  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

**FLORIANÓPOLIS – SC**  
Rua Jerônimo Coelho, 119  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

**FORTALEZA – CE**  
Rua Floriano Peixoto, 523  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

**GOIÂNIA – GO**  
Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

**JOÃO PESSOA – PB**  
Praça Dom Adauto, S/N  
Junto à Cúria – Centro  
(83) 3221-5108  
joao Pessoa@paulus.com.br

**JUIZ DE FORA – MG**  
Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

**MANAUS – AM**  
Rua Itamaracá, 21, Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

**NATAL – RN**  
Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

**PORTO ALEGRE – RS**  
Rua Dr. José Montauray, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

**RECIFE – PE**  
Av. Dantas Barreto, 1000 B  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

**RIBEIRÃO PRETO – SP**  
Rua São Sebastião, 621  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

**RIO DE JANEIRO – RJ**  
Rua México, 111-B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

**SALVADOR – BA**  
Av. 7 de Setembro, 80  
Rel. de S. Pedro  
(71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

**SANTO ANDRÉ – SP**  
Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

**SÃO LUÍS – MA**  
Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluiz@paulus.com.br

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP**  
Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

**SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ**  
Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

**SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES**  
Via Raposo Tavares, Km 18,5  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

**SÃO PAULO – VILA MARIANA**  
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metrô Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

**VITÓRIA – ES**  
Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br



# Um novo “fundamento antropológico” para a teologia, a pastoral e a espiritualidade

Pe. Nicolau João Bakker, svd\*

*A evolução biológica e a evolução cultural não percorrem caminhos paralelos. Na verdade, estão profundamente inter-relacionadas. Desmoronou-se o antigo paradigma que opunha natureza a cultura. Isso é uma evidência das novas ciências, que põem em nova perspectiva quase toda a ação pastoral da Igreja.*

\*Missionário do Verbo Divino, svd, sacerdote, formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Atuou sempre na pastoral prática, tanto rural quanto urbana. Foi educador no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (SP). Lecionou Teologia Pastoral no Itesp (SP). Atualmente, atua na pastoral paroquial em Diadema (SP). Além de cartilhas populares, publicou artigos pastorais diversos na *REB*, na *Vida Pastoral* e na *Grande Sinal*. E-mail: nijlbakker@hotmail.com

## Introdução

Se existe um “novo” fundamento, deve existir um “antigo” que parece estar necessitando de algum tipo de reparo ou substituição. De fato, esse antigo fundamento existe. É tão antigo quanto a própria tradição judaico-cristã. Ele tomou forma quando os autores bíblicos do Gênesis elaboraram o maravilhoso relato sobre a criação do universo, do mundo e dos seres humanos. Talvez seja o relato bíblico mais conhecido universalmente e o que mais profundamente plasmou a alma popular. Seguramente, reflete o modo de pensar dos judeus no tempo da monarquia de Saul, Davi e Salomão. Sua composição literária não visava ser um ensinamento científico, já que sua intenção era apenas religiosa. Nem por isso deixa de ser um relato do que, cientificamente, era senso comum nas lideranças religiosas da época.

A qual ponto o relato dá grande destaque? Sem dúvida, cabe um lugar central à posição que o ser humano ocupa em meio a todas as demais criaturas. Ressoam com solenidade as palavras de Gn 1,27: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus os criou, ho-



mem e mulher ele os criou”. O Criador dá uma atenção toda especial ao primeiro casal: insufla-lhes nas narinas o “hálito da vida” (2,7) e dá-lhes grandes responsabilidades, entre as quais “dar nomes” (2,19) aos animais da terra e aos pássaros do céu, além de “cultivar e guardar o jardim de Éden” (2,15). Infelizmente, diz o texto, “Deus os expulsou do jardim de Éden” (3,23) porque não agiram de acordo com sua responsabilidade.

Esse grande destaque dado pela Bíblia ao ser humano recebeu imenso reforço da cultura grega. Muito antes de Jesus, os filósofos gregos, especialmente Aristóteles (†322 a.C.), já tinham colocado o ser humano no topo de todos os seres existentes, definindo-o como “animal racional”. Para os gregos, apenas a razão humana elevava o ser humano acima das coisas meramente materiais. Quando os primeiros cristãos foram expulsos das sinagogas judaicas e começaram a formar suas próprias comunidades cristãs, foi este o caldo de cultura encontrado. Muitas vertentes da época manifestavam até desprezo pelo corpo. Os gnósticos e os maniqueístas, por exemplo, fizeram uma separação radical entre matéria e espírito, corpo e alma, valorizando apenas o espiritual.

Para se fazerem entender, os “Santos Padres”, as lideranças cristãs mais fortes da Igreja primitiva, usaram a linguagem do seu tempo. Sempre é assim: o modo de pensar, em cada época, tem seu próprio modo de falar. Os primeiros tratados teológicos, os primeiros movimentos espirituais, como também a primeira ação pastoral da Igreja, todos, em conjunto, manifestam grande estima pelo espiritual e certo desprezo pelo corpo e pelas coisas materiais. De modo particular, santo Agostinho (†430) colaborou muito para sacramentar de vez o que podemos definir como “o primeiro fundamento antropológico”:

o ser humano é “imagem de Deus” por ser uma criatura de natureza racional, mas trata-se de uma natureza “decaída”, pois, pelo pecado, a natureza humana vive num estado permanente de obscurecimento que só pode ser vencido pela graça de Deus.

Quando falamos de fundamento “antropológico” – ser humano, em grego, é “anthropos” –, falamos, concretamente, do “modo de conceber” o ser humano. No decorrer dos séculos, a Igreja fala do ser humano, preferencialmente, como imagem de Deus, e os filósofos laicos ressaltam, prefe-

rencialmente, a natureza racional do ser humano. Mas mesmo quando nossos teólogos e místicos apresentam o ser humano como imagem de Deus, quase sempre o fazem baseando-se em santo Anselmo (†1109) e são Tomás de Aquino (†1174), que deram grande destaque à razão como importante instrumento de apoio à

fé. Os filósofos laicos da Modernidade deixarão a fé de lado e seguirão o caminho trilhado por Descartes (†1650). Para este, apenas a razão, por ser não material, eleva o ser humano acima das coisas materiais. Apenas a razão faz do ser humano um “sujeito”, e todo o resto é “objeto”, que só será conhecido quando submetido a uma análise racional rigorosa. Por esse fundamento antropológico, o ser humano se tornou um ser isolado de tudo, inteiramente acima – e até “dono” – do restante da natureza.

Determinado modo de conceber se traduz em determinado modo de agir. O fundamento antropológico que, de forma muito rudimentar, esboçamos acima criou, de fato, não apenas o mundo que temos, mas também a Igreja que conhecemos, com sua teologia, sua espiritualidade e sua ação pastoral correspondentes. Hoje, com muita frequência, ouvimos dizer que o mundo está em cri-

**“A biologia evolutiva mostra que é a mente que faz a cultura, sim, mas é igualmente a cultura que faz a mente.”**



se, como também a própria Igreja. O que está acontecendo? Acontece que exatamente esse antigo fundamento antropológico do crer e do agir está mudando radicalmente, e, com feições cada vez mais claras, está surgindo um novo. O objetivo deste artigo é trazê-lo à tona, e isso para evitar que nossa Igreja se transforme, como observava Jesus, na “figueira seca” (Lc 22,29-33), deixando de produzir frutos.

## 1. Que novo fundamento é este?

Durante alguns milênios, já dissemos, apenas o ser humano era considerado “imagem” de Deus. Da mesma forma, apenas ao ser humano se atribuía uma “alma”. Sem dúvida se trata de expressões lindíssimas que ressaltam, com propriedade, o lugar muito específico que ocupamos na grande corrente de vida que a Terra produziu. Aos olhos da Bíblia, tudo o que Deus criou foi “bom”, mas, apenas quando foram criados Adão e Eva, Deus viu que foi “muito bom” (Gn 1,31). Na cultura da época – judaica, grega ou romana –, o que distinguia o ser humano de todo o resto das criaturas era a razão. Por sua capacidade de raciocinar, as primeiras escolas filosófico-científicas da Grécia, e depois as romanas e cristãs, consideravam o ser humano “semelhante” a Deus ou às divindades. E até muito recentemente, devido à sua capacidade de raciocínio, o ser humano era considerado essencialmente diferente das plantas e dos animais.

Pois é exatamente essa antiga concepção antropológica que as ciências modernas deitam por terra. Aos olhos dessas novas ciências, especialmente da biologia evolutiva, não existe uma diferença essencial entre a alma humana e, digamos, a alma das plantas ou animais ou de qualquer outra criatura viva. O que difere uma da outra é apenas o grau de complexidade. A alma de todos os seres vivos é a mesma: é a própria Vida. No decorrer de

### Coleção Creio na Alegria

Sandra Regina de Sousa e Tania Ferreira Pulier



Ajudam o catequista a orientar a criança no caminho da mistagogia, adentrando no Mistério Pascal de Cristo, que em sua morte e ressurreição deu-nos vida e filiação divina. Bebendo das fontes mais puras da Palavra, conhecendo a História da Salvação realizada por Deus e descobrindo a bondade do Senhor, a criança poderá crescer em sua vida de fé e ser iluminada, tornando-se de fato seguidora e anunciadora de Jesus Cristo. Atividades que divertem, ensinam e alimentam a fé. Além disso, em todos os encontros, o catequista terá textos narrativos, poesia, música, desenho, que ajudam a sensibilizar e envolver o catequizando para o tema e entrar vivencialmente nele.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





alguns bilhões de anos, a vida foi evoluindo sobre a face da Terra, tornando-se cada vez mais complexa até desenvolver o cérebro humano, que, sem dúvida, é a estrutura mais complexa que podemos encontrar. A rigor, portanto (e isso para quem tem fé), não apenas o ser humano é imagem de Deus, mas qualquer ser vivo, por mais insignificante que (aparentemente) possa parecer. Na história da Igreja, os místicos, mais intuitivos, entenderam isso bem melhor do que nossos teólogos, mais racionais.<sup>1</sup> Veja-se o exemplo de São Francisco de Assis.

Mas como deixar isso mais palatável, uma vez que a grande maioria das lideranças eclesiais, religiosas ou leigas teve pouca ou nenhuma formação nesse campo das ciências? De fato, é mais do que urgente incluir o item “concepção de vida” na pauta da formação permanente (teológica e espiritual) das nossas lideranças e do povo cristão em geral. Para vir ao encontro dessa necessidade urgente, tracemos o desenvolvimento do cérebro humano – ou da racionalidade – nos últimos 750 milhões de anos.

Não há discussão a respeito. Dizem, todos os entendidos, que nós, os atuais seres humanos, pertencemos à espécie *sapiens*. Com nosso cérebro superdesenvolvido, o planeta Terra viu surgir uma diversidade extremamente rica de culturas, um desenvolvimento tecnológico que parece não ter limite e um conhecimento vasto e profundo de quase todos os segredos da natureza e do universo. Mas esse nosso supercérebro é muito recente. Comprimindo todo o tempo do desenvolvimento da vida sobre a Terra

em apenas uma hora, nossa espécie *sapiens* surgiu agora, nos últimos segundos do último minuto!

Esse ser maravilhoso que imaginamos que somos não foi colocado por Deus no paraíso do jeito que a Bíblia sugere. Na verdade, somos descendentes do gênero *Homo*, seres muito parecidos conosco que viviam na Terra entre 500 mil e 150 mil anos atrás. Todos esses diferentes gêneros foram extintos. Um deles, o *Homo erectus* – isto é, “o que anda de pé” –, foi, provavelmente, nosso parente mais próximo. Porém, se nosso

cérebro atual mede 1.500 cm<sup>3</sup>, o do *Homo erectus* tinha apenas 1.100 cm<sup>3</sup>. Com o passar do tempo, o cérebro humano foi evoluindo mais, tornando-se mais complexo e integrando novas habilidades.

E esses companheiros do *Homo erectus*, de onde vieram? Não há dúvida. Todos foram descendentes da família dos hominídeos, os tais macacos-homens ou homens-macacos, de diversos tipos (sempre bípedes), que habitavam a Terra desde 4 milhões de anos atrás. Seus cérebros eram bem menores. Mesmo assim, esses nossos parentes foram suficientemente espertos para inventar a pedra lascada e, uns 750 mil anos atrás, descobriram o fogo. Já aparecem melhores estratégias de caça coletiva, linguagem mais apurada e muito maior afeto familiar, especialmente entre mãe e filhos, fruto de um processo de criação muito longo.

E esses hominídeos, de onde vieram? Seguramente, não de extraterrestres. Sempre trilhando o caminho silencioso da seleção natural (com base nas mutações genéticas), como descobriu o grande naturalista Charles Darwin (†1882), os hominídeos são todos descendentes da ordem dos primatas. Os primatas (com cérebro de 500 cm<sup>3</sup>) puderam desenvolver-se logo depois do grande desastre ecológico – provavelmente um meteorito

**“Usando a linguagem da fé, mas respeitando os dados da ciência, devemos dizer que Deus fez tudo isso de modo ainda mais maravilhoso.”**

<sup>1</sup> Para conhecer melhor a história da espiritualidade cristã dentro do antigo e do novo fundamento antropológico, sugerimos uma série de artigos de nossa autoria publicados na *Revista Grande Sinal* (a partir de maio/junho 2012).



gigantesco – que, há 65 milhões de anos, extinguiu da Terra os dinossauros e, com eles, 11% de todas as formas vivas do nosso planeta. Partilhamos com os primatas não apenas um cérebro, mas também muitas outras características, como olhos mais centralizados e polegares oponíveis, que nos ajudam muito a viver melhor.

É este o novo fundamento antropológico: nossa “alma” não veio do céu, mas da terra. Deus não nos deu a alma num momento mágico, insuflando-a para dentro do nosso corpo, como sugere o relato do paraíso, nem no momento da concepção, como ainda reza a fé cristã. Usando a linguagem da fé, mas respeitando os dados da ciência, devemos dizer que Deus fez tudo isso de modo ainda mais maravilhoso. Deus permitiu que a Vida fluísse, em primeiro lugar, do próprio universo, quando este, 4,5 bilhões de anos atrás, gerou a Terra, e depois, das entranhas da Terra, sempre adaptada às circunstâncias, Deus fez a Vida fluir, de forma auto-organizativa e com inimaginável diversidade e criatividade.

Durante dois bilhões de anos, a vida unicelular e depois pluricelular (bactérias e protistas) venceu – não sem inúmeros reveses – todos os desafios de um meio ambiente em constante transformação, estabilizando a atmosfera terrestre e inventando todas as tecnologias biológicas que ainda hoje nos permitem viver, entre as quais a obtenção de energia por meio da fermentação, da fotossíntese (nas plantas que comemos) e da respiração aeróbia. Nossa carga genética e nosso metabolismo atuais ainda revelam, com perfeição, o aprendizado desses bilhões de anos. E quando as condições o permitiram, a vida animal surgiu. A inteligência, uma característica da própria vida, em nós evoluiu para o estágio da autorreflexão ou da consciência. Podemos reagir ao nosso meio destruindo-o ou aperfeiçoando-o. E exatamente aí entra o papel da teologia, da espiritualidade e da ação pastoral.

## 2. Consequências teológicas do novo fundamento antropológico

Algumas questões-chave das indagações teológicas atuais têm relação direta com o novo fundamento antropológico acima esboçado. Vejamos algumas.

### 2.1. Fim das certezas dogmáticas e início do diálogo cultural

A evolução biológica e a evolução cultural não percorrem caminhos paralelos. Na verdade, estão profundamente inter-relacionadas. Desmoronou-se o antigo paradigma que opunha natureza a cultura. Isso é evidenciado pelas novas ciências. Durante alguns milênios, como vimos acima, existia uma fé quase cega na “superioridade” absoluta, quase divina, da razão. A Modernidade aprofundou ainda mais essa concepção quando, com Descartes, fez uma separação radical entre a “*res cogitans*” (o eu que pensa) e a “*res extensa*” (a coisa pensada). Impôs-se, dessa forma, a “antropologia cultural”: tanto a Igreja quanto a ciência, cada uma a seu modo, habituaram-se a conceber e valorizar o ser humano apenas levando em conta sua perspectiva racional/cultural.

A biologia evolutiva mostra que é a mente que faz a cultura, sim, mas é igualmente a cultura que faz a mente. Cérebro e cultura se desenvolveram juntos, em mútua relação. Cultura e genética se influenciam mutuamente. O grande cérebro nasceu com base na complexidade cultural crescente e não vice-versa, como sempre se pensou. No decorrer do longo processo de hominização, os agrupamentos “humanos” se viram, permanentemente, inseridos em um meio ambiente muito hostil e diante de crescente complexidade sociocultural em termos de vivência, convivência e sobrevivência. Interferências ecológicas, genéticas, sociais e culturais *coproduzem* o ser humano.

Mutações genéticas levam a novos hábitos. Os chimpanzés, até hoje, nascem com



70% do cérebro já desenvolvido; o ser humano, apenas com 23%, o que prolonga enormemente o tempo de infância e adolescência. Surge, desse modo, nova “cultura familiar” e, concomitantemente, regressa o comportamento inato ou genético. Um cérebro maior gera novas competências linguísticas, lógicas e inventivas, e essa crescente complexidade cultural, por sua vez, age sobre as bases filogenéticas, favorecendo mutações que aumentam as potencialidades do cérebro. Novos hábitos se tornam estruturas inatas, passando para a herança genética e recalçando os comportamentos estereotipados. A cada passo diminui-se a dependência generalizada do meio ambiente e aumenta-se a complexidade social a ser transmitida culturalmente de pais para filhos. Para muitos, esse processo de hominização ainda não terminou. A interação entre cultura e cérebro continua, e, ao que parece, sem direção definida.

A Igreja (católica) construiu suas certezas dogmáticas vendo no ser humano, dotado de razão, a imagem e semelhança de Deus. Um ser humano capacitado para entender a Revelação divina, mas sujeito a uma autoridade eclesiástica que garante a veracidade desse entendimento. A ciência também acreditou na total superioridade da razão para construir suas próprias certezas. O novo fundamento antropológico veio mostrar que nem a Igreja recebeu as verdades prontas do céu nem a ciência construiu suas certezas com o recurso exclusivo da razão. Tudo foi fruto de longo e penoso processo de aprendizagem cultural, deslançado desde o início pelo imperativo máximo da própria Vida: auto-organização.

A consequência teológica é imediata: chega ao fim a era das certezas dogmáticas e nasce a Igreja do diálogo. A força da Igreja já

não está na sua certeza doutrinal, mas na imensa riqueza de sua tradição espiritual. Sem o “mito da superioridade”, como nos lembrou o teólogo americano Paul F. Knitter, é essa riqueza que justifica a nossa universalidade e unicidade, tão enfaticamente defendidas pela Congregação para a Doutrina da Fé na declaração *Dominus Iesus* (2000). Todas as tradições religiosas do mundo perfazem o mesmo caminho: buscar sentido e construir Vida em meio às ambiguidades da realidade ambiental e sociocultural. O diálogo se impõe, com respeito e humildade, mas também sem falsa modéstia. Temos muito a oferecer. Felizmente, embora ainda com as suspeitas de Roma, nossa teologia, nas últimas décadas, tem feito grandes avanços nessa direção.

**“Essa religião  
'reparadora' não é  
uma fantasia, mas a  
herança sagrada que  
faz parte da essência  
da própria Vida.”**

## **2.2. A “função reparadora” da religião**

Numa máquina, qualquer desordem nas engrenagens a faz parar. Num ser vivo, é o contrário: da desordem se faz ordem. Já dissemos que vida é auto-organização. Bom exemplo disso encontramos nos primeiros passos da vida sobre a face da Terra. Há aproximadamente 3,5 bilhões de anos, a atmosfera terrestre era totalmente diferente da atual. Não existia oxigênio nem camada de ozônio. Os primeiros códigos genéticos em fase de formação sofreram o impacto violento da radiação ultravioleta do sol que ainda incidia diretamente sobre a terra. Frequentemente, os genes se danificavam. O próprio processo bioquímico auto-organizativo dentro do código genético reagiu à desordem, inventando as “enzimas reparadoras”, até hoje presentes, e muito importantes, em qualquer processo vital.

À medida que os homínídeos se transformaram no *Homo sapiens*, grande desordem se instalou. Ficaram mais para trás o paleocéfalo, herança dos nossos antepassados reptílicos, o



mesocéfalo, herança dos nossos primeiros parentes mamíferos, e o neocéfalo, herança dos mamíferos superiores e dos primatas que evoluiu para a grande massa neocortical do *sapiens*. São agora 1.500 cm<sup>3</sup> de bilhões e bilhões de neurônios, e trilhões e trilhões de sinapses, com grande capacidade de interconexões em todas as direções. Embora frágil e instável, podendo ser ofuscado (por exemplo, pelos impulsos afetivos), o córtex superior do nosso cérebro exerce enorme influência sobre nosso pensar e agir, interrompendo a vivência natural harmônica com o meio ambiente.

Surgiu o que os antropólogos chamam de “brecha antropológica”: a consciência subjetiva (que confunde o real com o imaginário) pode sobrepor-se inteiramente à consciência objetiva (que compreende o real). Não existe qualquer dispositivo na consciência que diferencie a verdadeira consciência da falsa. Da mesma forma que não existe qualquer dispositivo interno no cérebro que diferencie a visão alucinatória da percepção visual real. Como o pensamento, também o comportamento humano pode desligar-se inteiramente dos padrões genéticos. Na vida humana, ordem e desordem convivem em tensão permanente. Os incessantes desafios ambientais e a crescente complexidade sociocultural exigiram um novo cérebro muito mais criativo. E ele veio.

Surgiu assim um novo ser humano. Um ser com novas aptidões e necessidades psicoafetivas, que agora ri quando as coisas dão certo e chora quando contrariado. Um ser cujo eros já não está circunscrito à época do cio, como nos primatas, mas pervaga o corpo todo o tempo todo. Um ser que se pergunta de onde vem e para onde vai, que cria deuses, anjos e demônios numa impressionante diversidade cultural. Enfim, um ser humano sensível ao belo e ao feio, ao certo e ao errado, sempre, de alguma forma, em busca de “ordem” em meio a tantas desordens e dúvidas.

Muitos darwinistas convictos, especialmente entre os atuais militantes ateus, veem a religião como fruto do mundo imaginário acima mencionado. Uma fantasia. Quem observa a religião “de fora”, apenas racionalmente, pode facilmente chegar a essa conclusão. A religião serviu – e ainda serve –, de fato, para os mais deploráveis desvios. Mas para quem olha a religião “de dentro”, ou na perspectiva de uma real experiência mística, o mundo da imaginação cede lugar a fortíssima realidade. No fundo daquilo que chamamos “alma” – e onde repousa, acreditamos, o próprio Espírito de Deus –, o ser humano encontra energias jamais imaginadas. Todas as pessoas religiosas, de qualquer religião, usam essas energias para pôr “ordem” na desordem. Nós, cristãos, somos privilegiados porque nossa tradição religiosa é riquíssima e acreditamos que, em Jesus, Deus nos mostrou um exemplo perfeito. Em certo sentido, a religião é como a enzima reparadora à qual nos referimos. Ela nos liga (ou re-liga) ao Deus em que cremos, à natureza que nos gerou e que continuará nos amparando se soubermos respeitá-la e nos liga novamente aos nossos irmãos e irmãs, restabelecendo a ordem cada vez que fazemos alguma desordem. Essa religião “reparadora” não é uma fantasia, mas a herança sagrada que faz parte da essência da própria Vida.

### **3. Consequências pastorais do novo fundamento antropológico**

O novo fundamento antropológico põe em nova perspectiva quase toda a ação pastoral da Igreja. O limitado espaço deste artigo nos obriga a ser sucintos, mas vejamos alguns exemplos.

#### **3.1. A “alfabetização ecológica” no processo de evangelização**

Há poucas décadas, ninguém falava em ecologia. O antigo fundamento antropológico não permitia descobrir sua importância. E



quando o mundo acordou para a questão, a Igreja continuou dormindo o sono dos justos. Com base no fundamento antigo, para a Igreja, o que importava era a alma, não o corpo. “Salva tua alma!”, proclamava-se dos púlpitos. A espiritualidade dos primeiros séculos se voltava prioritariamente para o “outro mundo”. Depois veio a “fuga do mundo”. A teologia da Igreja, durante 2 mil anos, priorizou a vida do espírito, a razão e a doutrina. Até hoje nossa catequese visa, basicamente, a um indivíduo desligado de seu meio ambiente. No novo fundamento antropológico, esse indivíduo não existe. Não é possível salvar a alma sem o corpo, ou o indivíduo sem seu contexto sociocultural. Nem se salva a sociedade descuidando do meio ambiente. Está tudo irremediavelmente interligado e interdependente.

Nas escolas, o meio ambiente já está na agenda; na Igreja, ainda não. Criamos analfabetos ecológicos. Do ponto de vista da “salvação”, trata-se de verdadeiro desastre pastoral. Atenção! Para nós, não basta ensinar ecologia simplesmente. Importa anunciar o Evangelho da Vida, em todos os momentos da nossa catequese e evangelização. Para dar Vida plena, ou abundante (cf. Jo 10,10), ao ser humano, precisamos preservar a Vida como ela é: fruto e dependente da natureza, e preservada apenas em fidelidade a ela.

As renovadas teologias da criação e da salvação, unidas, apresentam-nos a “cartilha da alfabetização ecológica” que estava faltando. Ela, seguindo uma sugestão de Fritjof Capra, pode ser resumida em seis pontos: 1) a “Teia da Vida” (que Deus criou) é uma “rede” onde tudo é interdependente; 2) nos ecossistemas da Vida, tudo é “cíclico”, tudo se renova sem deixar lixo, pois tudo é “reciclado”, e a morte é apenas uma dimensão da Vida; 3) a Vida não é feita de competição, mas de “parceria”, pois há uma cooperação generalizada em todos os

níveis (células, organismos, ecossistemas); 4) a Vida na Terra depende basicamente da “energia solar”, transformada em energia química pela fotossíntese, que sustenta todos os ciclos ecológicos; 5) a Vida sobrevive graças à “diversidade” (biológica e cultural), pois é ela que permite a recuperação das desordens e desequilíbrios naturais e culturais; 6) existe um “equilíbrio dinâmico” na Vida, pois os inúmeros elos de realimentação na rede lhe permitem recuperar a estabilidade quando ocorrem desordens e flutuações.

**“Não é possível  
salvar a alma  
sem o corpo, ou  
o indivíduo sem  
seu contexto  
sociocultural.”**

### **3.2. A recuperação pastoral do corpo**

Ainda em 1958, nós, noviços devotos, recebemos do nosso mestre espiritual um pequeno “flagelo” para castigar o nosso corpo a fim de preservá-lo de todas as tentações deste mundo. Mas já não víamos sentido nisso, a proposta já não “pegava”. O novo fundamento antropológico já mostrava sua cara. Neste, o corpo (desvalorizado) já não é separado da alma (supervalorizada). A alma, se quisermos continuar falando dela, continua importante, mas como dimensão específica do corpo. Acima falamos da “brecha antropológica”, isto é, da capacidade da mente de entrar, com muita facilidade, no mundo da imaginação, da fantasia. Com a secular sobrevalorização da mente, a teologia da Igreja (sem grande sucesso no meio popular!) elaborou doutrinas pouco simpáticas ao corpo. Mas é exatamente o corpo que faz a alma cantar ou chorar! Se o corpo não é tocado, a alma não canta. É um instrumento só.

O mundo secular, séculos afora, guerreou pelo progresso material. A Igreja não vestiu a camisa nem do capitalismo nem do socialismo. Apenas o progresso espiritual interessava. O espírito, porém, não precisa de pão, o corpo sim. Apenas o novo fundamen-



to antropológico que une corpo e mente permitiu à Igreja descobrir a importância da sobrevivência corporal. Do pão e do corpo. A nova pastoral se alimenta das teologias do corpo: corpo faminto (teologia da libertação), corpo sexuado (teologia do gênero), corpo não discriminado (teologia afro), corpo preservado (ecoteologia) etc. Há mais: uma pastoral que esquece o corpo (na sua realidade individual, social e ambiental) não condiz com Jesus Cristo. Esquece a boa-nova do Reino.

Por receio de romper com uma tradição muito sagrada, o magistério da Igreja e muitas lideranças eclesiais bem-intencionadas costumam defender a Vida com base no enfoque da “alma eterna”, vinda diretamente de Deus, a qual habitaria nosso corpo. Esse modo de pensar fica patente na intransigência da Igreja com relação ao aborto, à prática homossexual, ao sexo fora do casamento, à proibição dos meios anticoncepcionais, à eutanásia e a muitas outras questões ligadas ao nosso corpo. Tudo entra na lista das graves proibições porque seria contra a “natureza humana”. Na concepção do mais influente teólogo do passado, São Tomás de Aquino (†1274), cada criatura deve comportar-se de acordo com sua “lei natural”, isto é, a lei que corresponde à sua natureza, criada por Deus, e que o ser humano pode conhecer quando faz bom uso da razão.

São Tomás, como as demais lideranças religiosas da época, estava preso ao fundamento antropológico do seu tempo. Não há o que criticar. Todas as nossas concepções têm sempre o colorido do tempo em que vivemos. A concepção antropológica do nosso tempo, porém, é muito diferente da de São Tomás. A mente é tão corpo quanto o restante do corpo. É a aptidão do corpo – de qualquer corpo vivo – de relacionar-se com seu meio (ambiental e sociocultural) e perceber o que constitui uma ameaça à Vida ou o que a faz prosperar. A “alma” é a própria Vida que nos anima. Em

muitos sentidos, podemos identificá-la com o próprio Deus, mas aí já é uma questão de fé e não de ciência. Todas as proibições morais tradicionais da Igreja, à luz do novo fundamento antropológico, recebem novo olhar, de grande alcance prático. Permanece, e até se reforça, a intransigência em defesa da Vida, mas não se trata de defender apenas uma presumida alma eterna desligada do corpo. Entram em cena, também, as psicoafetividades da pessoa humana, as exigências da vida em sociedade e a incondicional necessidade de preservar a Vida no planeta Terra.

### 3.3. Novo enfoque para a pastoral sociotransformadora

Edgar Morin,<sup>2</sup> um dos mais eminentes antropólogos da atualidade, em seu livro *Terra-Pátria* (Ed. Sulina, 2005), lamenta o que considera um equívoco das religiões e ideologias tradicionais que ofereceram ou uma salvação celeste (os cristanismos tradicionais), ou uma salvação terrestre (as esquerdas tradicionais), ambas inexistentes, na opinião do autor. Com base na nova concepção antropológica, ele propõe (sem ironia) o “Evangelho (não da Salvação, mas) da Perdição” (cap. 8). Ninguém pede para nascer nem para morrer. A Vida na Terra evolui sem rumo definido e, inexoravelmente, terminará quando se esgotar o atual ciclo de energia do Sol. Estamos, portanto, “perdidos”. Ainda assim, ele diz, não se trata de uma marcha para o abatedouro. Ideias-guia são bem-vindas, e viver bem vale a pena. Finalizando seu raciocínio, o autor se pergunta: “Será que não se poderia degelar a enorme quantidade de amor petrificado em religiões e abstrações, voltá-lo não mais ao imortal, mas ao mortal?... O apelo da fraternidade não se encerra numa raça, numa classe, numa elite, numa nação... Mas por que evocar a palavra *reli-*

2 Para o embasamento deste artigo, usamos em parte o ainda valioso livro de Edgar Morin, *O enigma do homem* (Jorge Zahar, 1979).



gião? Porque temos necessidade para levar adiante a hominização...” (p. 172).

Morin não acredita em religiões, mas leva muito a sério a religiosidade. Do ponto de vista da ciência, não existe nem objetivo, nem projeto, nem planejamento na natureza (não consciente). Para Morin, isso não significa que a vida seja arbitrária e sem sentido, como afirma a escola mecanicista do neodarwinismo. Sobretudo a vida social (consciente) depende em grande parte dos significados oferecidos. E aí entra um novo enfoque para a pastoral social. Em qualquer nível (célula, órgão ou organismo), a vida biológica sobrevive graças à recepção de permanente fluxo de energia (basicamente, oxigênio, água e insumos). A Vida lida com esse aporte de energia de forma autônoma ou auto-organizativa.

A vida social do ser humano consciente

se organiza com base numa nova energia: significados! Não significados impostos de fora, por alguma hierarquia ou doutrina. Não se controla um ser humano como se controla uma máquina. Entre milhares de significados oferecidos, ele seleciona autonomamente o que lhe parecer melhor. Mas, como vimos, sua mente é, digamos, um tanto “ilusória”. Se de todos os lados (direita, esquerda, sindicatos, movimentos) vem como único significado importante o ter, o consumir, o desfrutar etc., sua consciência imaginária pode facilmente perder de vista o próprio fundamento antropológico que anseia por Vida plena (integrada). Cabe à pastoral social da Igreja lembrar ao ser humano (e aos governantes!) que o objetivo da Vida não é simplesmente “ter”, mas, tendo o necessário, relacionar-se saudavelmente (em redes ecossociais) e “ser”. ●

## LITURGIA DIÁRIA

O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

**Para fazer assinatura, entre em contato com o setor de assinaturas da Paulus:**

**Tel.: (11) 3789-4000 • 0800-164011**

**E-mail: [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)**



# Evangelização, educação e universidade hoje

Pe. Johan Konings, sj\*

*Reconhecemos os ganhos da socialização de bens materiais, as possibilidades culturais criadas pela informática etc. e não aceitamos o pessimismo mórbido de quem proclama que tudo está perdido. Mas convém admitir que a situação cultural e psicoafetiva dos jovens causa preocupação. As novas gerações são impelidas aos valores materiais e não a ideias ou valores humanos.*

\* Padre jesuíta, doutor em Teologia e mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina. Atualmente, é professor de Exegese Bíblica na Faje (BH). Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*. E-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br

*Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão por elas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor (Evangelho de Mateus, 9,36).*

## 1. Olhar global

Em comparação com o mundo de meio século atrás, observamos enormes mudanças na sociedade, a ponto de podermos falar numa ruptura, ou melhor, numa mutação civilizatória.

### 1.1. Em nível macro

Por volta de 1960, o mundo vivia a euforia do progresso, fruto do desenvolvimento da sociedade tecnológico-industrial, a qual prometia bem-estar generalizado e paz política em nível mundial. Os dois blocos, Ocidente e Oriente, viviam ainda a Guerra Fria, mas havia sinais de descongelamento. As forças políticas acentuavam a democracia, com leve colorido socialista. Completava-se a descolonização na



Ásia e na África. Esse otimismo constituiu o pano de fundo para a encíclica *Mater et Magistra*, de João XXIII, para a constituição *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, e depois para a encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI. Sonhava-se com um mundo baseado na força do trabalho justamente remunerado, com aprimoradas leis trabalhistas, com eficientes políticas e instituições sociais, como se reflete na *Laborem Exercens*, de João Paulo II. Acreditava-se num mundo organizado democraticamente e comprometido com a paz internacional. Fenômenos destoantes, como as ditaduras latino-americanas, eram considerados obstáculos passageiros ou fase inerente à dialética histórica. Mas havia quem duvidasse. Os ecologistas começavam a lançar suas advertências. O paraíso técnico-industrial socialista ou social-democrata teria de enfrentar, logo mais, as graves dificuldades que já se anunciavam a partir da primeira crise do petróleo. Não só as matérias-primas, mas o próprio ambiente natural começava a dar sinais de esgotamento...

E sem que a grande maioria o percebesse, estava-se criando nova estrutura, que se revelava na explosão dos meios de comunicação de massa, na mundialização das imagens pela televisão, na aparição dos computadores pessoais, na aceleração das comunicações, na internet, na telefonia celular... A comunicação em tempo real acelerou os movimentos financeiros, provocou o inchaço do capital especulativo, a superconcentração de capitais. A cibernética da indústria provocou desemprego, trabalho informal e insegurança social. As conquistas trabalhistas do século XX foram postas em xeque. O bloco do socialismo real se desintegrou e se entregou ao capitalismo neoliberal, que, no mundo inteiro,

mas sobretudo nos países economicamente fracos, tomou ares de capitalismo selvagem. O mundo sonhado como grande confraternização mostrou-se esfacelado. Forças marginais apareceram no primeiro plano: o terrorismo internacional, o narcotráfico, aliando-se amiúde a movimentos políticos regionais. As oposições que, no fim do século passado, pareciam amainar-se recrudesceram – por vezes, com a ajuda do fundamentalismo religioso. E, então, o capital desregrado provocou a crise...

**“Os valores  
tradicionalmente  
prezados esvaziaram-  
se com a cumplicidade  
dos agentes  
educadores da  
sociedade, entre os  
quais estão os meios  
de comunicação.”**

## **1.2. Em nível micro**

Falamos anteriormente do aspecto sociopolítico “macro”. Mais importante, talvez, seja aquilo que pouco aparece nas manchetes dos jornais: o aspecto humano, cultural. Num modo bem diferente do que previa a utopia marxista, está surgindo um “homem novo”, novo paradigma, nova constelação de valores. A revolução cibernética modificou profundamente as relações humanas e a percepção do mundo. As novas gerações nasceram num mundo em que tudo está à mostra e à venda e em que tudo parece possível e adquirível... virtualmente, enquanto, de fato, tudo está mais engessado do que nunca. As relações sociais e psicoafetivas – amizade, família, namoro – sofrem a concorrência das relações virtuais, que não deixam de ser reais também. Já antes, os laços familiares estavam enfraquecidos pela concentração urbana industrial, que transformara as mães em operárias e provocara, com a bênção da agroindústria, o êxodo rural; agora, com a invasão da informática, os filhos são entregues não aos cuidados dos pais, mas da tela. Entretanto, os filhos do êxodo rural, crescidos na favela, mesmo se inscritos na escola pública, ficam praticamente excluídos de um ensino



que ofereça oportunidades promissoras. Encontram outro tipo de oportunidade: o tráfico de drogas, a prostituição. Criam sua sociedade em forma de gangues. Mesmo os filhos das classes A, B e C, muitas vezes carentes da afetividade estruturadora proveniente dos pais – em decorrência de ausência, desunião, guarda compartilhada etc. –, acabam criando sua sociedade paralela, suas tribos, com valores ecléticos ou, muitas vezes, desvalores alimentados pelos instintos da violência e da sexualidade bruta, o instinto básico.

Reconhecemos os ganhos da socialização de bens materiais, as possibilidades culturais criadas pela informática, o acesso aos tesouros da literatura mundial, das artes plásticas etc. e não aceitamos o pessimismo mórbido de quem proclama que tudo está perdido, eximindo-se de qualquer engajamento. Mas convém admitir que a situação cultural e psicoafetiva dos jovens causa preocupação. Há ainda transmissão de valores? E o que se transmite não necessita atenção? Ademais, se parte dos jovens, por algum atavismo – já que são educados pelos avós no lugar dos pais –, sentem saudades dos valores tradicionais, tendem a apegar-se desesperadamente a uma religiosidade difusa ou às formas mais sentimentais, devocionais, individualistas e alienantes, as que o Concílio Vaticano II queria precisamente remover do centro do cristianismo. Cada um inventa a religião a seu jeito, sem compromisso comunitário. A comunidade, preocupada com a participação efetiva de todos, especialmente dos pobres, como sujeitos em verdadeira fraternidade, fica abandonada, enquanto se formam grupos particulares em torno de determinada devoção, determinada mística, determinada música. A solidariedade e a participação organizada de todos cedem novamente lugar ao assistencialismo (que, devemos admitir, é melhor do que nada no contexto que se criou...).

Os valores tradicionalmente prezados

esvaziaram-se com a cumplicidade dos verdadeiros agentes educadores da sociedade, entre os quais estão os meios de comunicação. Os programas de televisão de maior audiência não suscitam grandes arroubos de idealismo humano. Toda noite, conforme avançam as horas, sucedem-se a insignificância, a violência e a volúpia – e não se sabe qual das três é mais perniciosa... Mesmo os programas ditos religiosos ficam, muitas vezes, na superficialidade do instinto religioso sentimental. E poucos são os que assistem aos programas realmente formativos que algumas redes, mormente de instâncias públicas e/ou educativas, veiculam.

O esvaziamento da educação em geral atinge também as escolas. Na escola pública, a qualidade do ensino fundamental é muito precária. Isso, em parte, por causa dos baixos salários dos professores, que assumem dois ou até três turnos e carecem de incentivo. Mas em parte também pelo excesso de experimentos educacionais, não levados até o ponto desejado com o devido profissionalismo ou não adaptados às circunstâncias reais, como no caso do Projeto Escola Plural de Belo Horizonte, que não dispunha de educadores plurais e, implantado sem a devida participação e envolvimento dos professores e educadores, caiu na burocracia. A presença de grande número de alunos desmotivados na sala de aula dificulta a aprendizagem dos outros, que acabam igualmente desmotivados. Além disso, as licenciaturas não preparam os professores para a realidade, por exemplo, para a escola inclusiva, a violência escolar e outros problemas.

Mesmo admitindo que, no ensino particular, a situação didática talvez seja melhor, não se pode fechar os olhos para outro problema que aí se percebe: muitos pais das classes A, B e C “depositam” seus filhos na escola, “terceirizam” a educação que eles mesmos não são capazes de dar, quer em razão do trabalho ex-



cessivo, quer do vazio interior causado por seu modo materialista de viver e pensar. Ora, se a família não fornece a base da educação, a escola não consegue construir o andar de cima. De forma semelhante, há o problema de as escolas, mesmo as particulares, voltarem-se apenas para a formação para o mercado ou para o vestibular, em vista de uma carreira promissora, sem ênfase nos valores humanos, na solidariedade. As novas gerações são estimuladas em todos os âmbitos a ter valores materiais, e não ideias ou valores humanos.

Consideremos agora o âmbito da universidade, que não é somente o ambiente universitário, mas a estrutura do saber acadêmico-científico. É para entrar nessa estrutura que os universitários se preparam, embora muitos nunca cheguem a ocupar um cargo de decisão na sociedade e acabem se tornando apenas operários especializados. Nessas observações tocam, portanto, em algo mais amplo que os alunos tomados individualmente. Devemos ter em mente toda a estrutura do saber científico, bem como seu papel na sociedade.

Na Modernidade, podia-se falar de um mundo acadêmico, que, ao lado da Corte e da Igreja, exercia um papel importante na sociedade e produziu tanto a Ilustração do século XVIII quanto o crescimento das ciências nos séculos XIX e XX. Entretanto, as acima apontadas mudanças civilizatórias atuais transformam profundamente o âmbito da universidade. Sinais disso são os cursos a distância, o conceito de megacampus, a vinculação das universidades à indústria e ao comércio, o registro mais quantitativo que qualitativo de pesquisa e produções por agências como a Capes, a Plataforma Lattes etc. Parece uma indústria.

Ora, o papel da universidade não se esgota na estrutura sociocultural. Sua vocação última está na verdade. O pragmatismo vulgar que domina nossa sociedade nos leva a esquecer a existência de algo como a paixão pela verdade, a qual impeliu Sócrates e Platão à busca da *epistēmē* e da *alētheia* como reação contra o predomínio da doxa sofista. A paixão pela verdade é pássaro raro em nosso céu. Algum jornal sério talvez dedique umas linhas a quem se empenha pelo que se pode chamar de verdade política, posta a serviço da justiça, da transparência, das necessárias transformações na sociedade, mas pouca atenção se dedica a quem procura a compreensão honesta do mundo e de tudo o que existe – a verdade pura e simples. Contudo, é esta a atitude que mais contribui para a vocação do ser humano: buscar dentro de nós a verdade que nos remete à verdade que nos transcende.

Hoje cresce a tendência de os estudantes irem para a universidade mais por necessidade, em busca de saída profissional, que em busca de saber. Podem até granjear certo conhecimento científico e domínio técnico, mas sua formação humana integral fica aquém do desejado. Não estão acostumados com o estudo sistemático, voltado para a vida e não apenas para o resultado imediato. Além disso, devido à pouca idade, ao desenraizamento e a outros fatores, muitas vezes são emocionalmente instáveis. Muitos chegam à universidade sem saber direito o que querem estudar. Podem até ter uma inteligência bastante estimulada, mas sem projeto definido: uma inteligência ainda a ser estruturada, quando já deveria estar integrada num projeto de vida pessoal. A universidade não se apresenta, na realidade, como instância educativa, mas como prestadora de serviço com

**“O pragmatismo vulgar que domina nossa sociedade nos leva a esquecer a existência de algo como a paixão pela verdade, a qual impeliu Sócrates e Platão.”**



base no contrato assinado na hora da matrícula. O estudante, sobretudo o que não mora com a família, está entregue às exigências da sobrevivência individual. A diversão cultural de boa qualidade é pouco aproveitada. Os que vêm do interior perdem o contato com suas tradições familiares e religiosas. De forma geral, o ambiente da universidade é um convite a abandonar a fé religiosa.

Quanto aos docentes, percebem-se mudanças análogas. Já não constituem uma elite de “catedráticos”, antes, parecem operários ou, em certas instituições, quase escravos. E apesar da dialética hegeliana ensinar que o escravo, por seu trabalho, acaba conquistando o saber até tornar o senhor dependente de si, muitos dos atuais docentes, confinados na perspectiva estreita de sua tese e de sua hiperespecialização, não brilham pela cultura geral e continuam meros escravos.

## **2. Olhar cristão**

Olhando com os olhos da fé cristã, podemos dizer que os universitários na sociedade pós-industrial parecem ovelhas sem pastor. Constituem uma preocupação pastoral prioritária, porque não se trata apenas da vida pessoal e espiritual de alguns indivíduos, mas de toda uma geração destinada a levar aos ombros graves responsabilidades para com a sociedade e a cultura.

### **2.1. Evangelho, cultura e sociedade**

A comunidade cristã e os outros grupos religiosos devem tomar consciência de sua urgente responsabilidade com a cultura. Não apenas com as culturas reprimidas, como a afro e a indígena, mas também com a cultura global, da sociedade toda e da humanidade toda. Não que a evangelização seja um serviço cultural, mas o Reino de Deus que ela anuncia encarna-se e manifesta-se concretamente na cultura. Entre cultura e evangelho existe uma dialética inex-

trincável. A efetivação do “Reino”, ou seja, de uma sociedade que supere o arbitrário, o imediato e instintivo e, sobretudo, o egoísmo e a soberba que espreitam o ser humano desde o jardim do Éden, é também uma questão de cultura. Como a personalidade humana se encarna num corpo e encontra no equilíbrio psicofisiológico firme aliado para sua atuação eficaz, o espírito do Reino de Deus se encarna numa sociedade permeada por uma cultura, que é como que sua alma. E se essa cultura não é cultivada, mas fica entregue a forças devastadoras, não será possível criar, em nível de sociedade, condições profícuas para uma comunhão humana condizente com o Reino anunciado pelo evangelho.

Não digo isso por nostalgia da cristandade, da cultura cristã, da sociedade cristã. Meio século depois que Emmanuel Mounier anunciou a morte da cristandade, autores recentes, como Danielle Hervieu-Léger, afirmam a “exculturação” do cristianismo da cultura pós-moderna, que desconstruiu o cristianismo e a religiosidade em geral, para que cada um construa seu próprio mundo simbólico. Mas o atestado de óbito da cristandade não nos deve impedir de sonhar com um mundo em que as coisas se deem conforme o que Cristo sugeriu e pregou! Mesmo sem que a Igreja represente uma potência sociopolítica, o Reino de Deus, confiado a uma comunidade pequena e de pequenos (cf. Mateus 11,25), é para todos e não se estabelece pela imposição do poder, mas pelo amor. O erro da cristandade não tem sido sonhar com um Reino de paz, justiça e amor para toda a humanidade, mas aliar-se de modo confuso e antievangélico aos poderes desta terra e/ou deixar-se cooptar por eles. Nós, cristãos, hoje, reconhecemos os direitos da sociedade civil, mas não desistimos de esperar que esses direitos se tornem sempre mais conformes aos valores do evangelho, ao que cremos ser o projeto de Deus para a humanidade toda.



Só para dar um exemplo: admitimos que, em função da boa ordem na sociedade, se protejam os direitos de cônjuges que se separam e contratam novo casamento. Mas, à luz do que Cristo nos ensina e seu Espírito nos inspira, acreditamos que seria melhor se tal coisa não fosse necessária.

A atuação cristã no âmbito da cultura é feita de sabedoria e profetismo. Profetismo no sentido de apontar o que – segundo cremos – Deus deseja para toda a humanidade e de censurar o que trai os compromissos assumidos com esse projeto. E sabedoria no sentido do “saber e sabor” da vida humana, com todos os seus aspectos, possibilidades e impossibilidades históricas, virtudes e vícios – que são às vezes os exageros das virtudes...

Pergunta-se então qual será a atitude cristã, evangelizadora e evangelizadora, no âmbito da educação das novas gerações, laboratório da cultura da sociedade de amanhã. E pergunta-se como a comunidade cristã atenderá à realização daquilo que, no fundo do coração e diante do Absoluto, cada um deseja – o Desejo que só descansa nele.

## 2.2. Missão eclesial

Tampouco quanto em outros âmbitos, a missão da Igreja na Educação e na universidade hoje não deve ser mero serviço de manutenção, mas missão evangelizadora. A universidade é terra de missão como era, na chegada dos missionários, a Terra da Santa Cruz. Missão que, no espírito do papa João XXIII e do Concílio Vaticano II, seja ecumênica e assumida em diálogo com todas as religiões honestas. Ora, sem diminuir em nada essa aspiração, o realismo nos ensina que, para uma expressão eficaz da fé cristã e uma ação evangelizadora bem articulada, é preciso respeitar a coerência confessional interna das comuni-

dades cristãs. É-se cristão, concretamente, em uma das confissões cristãs. Portanto, os membros de cada confissão devem assumir sua missão segundo as regras de fé e prática que sustentam a vida de suas comunidades, enquanto procuram a unidade na diversidade, o verdadeiro ecumenismo.

Quatro décadas atrás, o termo preferido para falar da missão da Igreja era “pastoral”. Esse termo, porém, evocava antes os pastores que o povo laical, o *laós*. Por isso, foi sendo substituído pelos termos “ação” ou “missão evangelizadora”, bem mais adequados porque evocam a missão – confiada pelo próprio Jesus tanto aos Doze como aos setenta e dois – de levar o evangelho ou boa-nova do Reino de Deus a todos e, em primeiro lugar, aos pobres, pois, para atingir a todos, é bom começar com aqueles que são sempre

postergados: os últimos serão os primeiros. Esse anúncio da boa-nova não se dá só em palavras, mas também em ações que sejam sinais do Reino, como o próprio Jesus os realizava na sua missão junto a seu povo e no seu tempo.

## 2.3. Missão evangelizadora, espiritualidade e compromisso ético

Chamamos esta missão de evangelizadora porque, no mundo de hoje, e também no Brasil, se deve partir do pressuposto de que todos precisam ser evangelizados, até que se prove o contrário. O pressuposto cristão já não existe; a hipótese de uma sociedade evangelizada não se verifica. Da tradicional cristandade, que confundia a Igreja com a sociedade, sobra só uma casquinha. Não vivemos num mundo cristão, mas numa terra de missão.

Na missão evangelizadora, não se trata de catequizar ou moralizar as pessoas ligadas à Educação, mas de pô-las em contato com a

**“Da tradicional cristandade, que confundia a Igreja com a sociedade, sobra só uma casquinha.”**



proposta de Jesus Cristo, apresentada como boa notícia. Não se trata, em primeiro lugar, de incentivar a participação nos sacramentos, mas de algo muito anterior a isso: o anúncio de um novo ser humano e de uma nova comunidade, em nome de Cristo e com base em seu ensinamento e exemplo de doação radical. A evangelização não quer, em primeiro lugar, levar as pessoas à missa, mas a Cristo e ao Reino que ele anuncia. Depois, poderão celebrar a palavra e o memorial de Cristo na eucaristia, participada com convicção e verdadeira fé. Mas antes disso, as pessoas precisam ser confrontadas com uma vida nova, aquela que lhes foi prometida no ato batismal e muitas vezes não foi conscientemente assumida. E uma vez que se tiverem, livre e conscientemente, decidido por essa “opção cristã”, poderão aprofundá-la na mística que consiste em ter Jesus diante dos olhos e no empenho ético ao qual ele as convida.

A mística de que falamos é o olhar dirigido para Cristo, no qual vemos o Pai (cf. Jo 14,9), Deus que se manifesta no amor (cf. 1Jo 4,8.16) e nos dirige o apelo do amor fraterno radical. Por um lado, já em nível pré-evangélico, a espiritualidade contribuirá para que no mundo do som ensurdecedor, da visualidade ofuscante e do erotismo despidorado haja espaço para o silêncio, a contemplação, a modéstia e a gratuita amorosidade nas relações humanas e afetivas. Também o cultivo do belo pode ser considerado como pré-evangelização. Nesse nível cultivar-se-á, até com a contribuição de outras religiões e mundivisões, a percepção da dimensão transcendente, misteriosamente presente no universo e na existência pessoal. Por outro lado, a evangelização no sentido estrito – a apresentação do anúncio de Cristo e do Reino de seu Pai – fará surgir uma espiritualidade baseada no encontro com Deus na oração segundo o espírito de Cristo, cuja expressão básica é o Pai-nosso, a “oração que rezamos em todas as nossas

orações” (santo Agostinho). Essa prática espiritual é coroada pela eucaristia e exige momentos de contemplação e de oração, de leitura orante da Bíblia, de estudo e aprofundamento da tradição espiritual e da vida cristã hoje. Antes de tudo isso, porém, urge a iniciação cristã, que muitos batizados nunca conheceram num modo condizente com a fé adulta.

Ora, a mística cristã é inseparável da impostação ética; o encontro com Cristo suscita, de imediato, um apelo ético. Contemplando o Servo Padecente, fitamos o rosto do outro, nosso irmão, que de modo incondicional interpela nossa solidariedade com a preferência que ele recebe na qualidade de outro. Como sugere Lévinas, serei um “eu ético” porque me deixo “sequestrar” pelo apelo do outro e responderei a esse apelo com todo o envolvimento de minhas capacidades humanas, exercendo o senso crítico e criando a articulação política que uma resposta honesta exige. Por isso, os estudantes e universitários, em particular, precisam tomar conhecimento das injustiças que os rodeiam, da miséria material e moral de grandes porções da humanidade, bem como das possíveis articulações para que a justiça e a solidariedade se tornem mais eficazes – a outra sociedade possível. Dos docentes e profissionais, de modo especial, exige-se o exercício de sua profissão na linha de tal projeto, sem negligenciar seu testemunho de vida ética pessoal. A melhor prova de compreensão é a prática. A inspiração cristã se comprova pela prática: “amar com ações e em verdade” (1Jo 3,16).

## 2.4. Missão do Povo de Deus

A missão da formação e a missão universitária são missão do Povo de Deus, do *laós*, ou seja, de todos os que vivem autenticamente a fé cristã. Lembremos que todos, incluindo os ministros ordenados, estabelecidos em função hierárquica, exercem sua missão evangeliza-



dora em primeiro lugar por serem membros do Povo de Deus, povo ao mesmo tempo laical e sacerdotal, eleito por Deus para que seu amor seja conhecido por todos. Todos são evangelizadores em decorrência da vocação cristã geral, como acentuou o papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*. A hierarquia tem, decerto, o papel específico de acompanhar e incentivar a missão de todos, mas quem partilha a vida dos destinatários os atingirá de modo mais concreto, como dizia o fundador da Juventude Operária Católica, Joseph Cardijn: o apóstolo dos operários será o operário. A missão universitária não é mero projeto da hierarquia, mas missão do Povo de Deus, no qual os ministros (servos!) ordenados não substituem o testemunho do companheiro, do irmão de lida e luta.

## 2.5. Missão universitária no contexto sociocultural concreto

Essa missão evangelizadora e ação comprometida com o Reino anunciado por Jesus, na qual incluímos tanto as instituições de ensino e pesquisa quanto a vida e atuação dos acadêmicos, docentes e discentes, deverá focalizar em primeiro lugar o ensino superior como tal, no seu contexto sociocultural. Sem essa atenção pelo ensino superior como tal, a missão junto aos acadêmicos, docentes e discentes fica abstrata, limitada a aspectos que não atingem seu envolvimento profissional, seja em nível pessoal, seja em nível estrutural.

Nesse sentido, os profissionais, na sua área de atuação, os gestores e administradores, nas suas instituições, e todos, no nível da política educacional e da construção da sociedade, encontrarão amplas oportunidades para traduzir em atitudes e gestos aquilo que o anúncio do Reino de Deus e a memória de Jesus na comunidade cristã, guiada por seu Espírito, lhes ensinarem. Os

ainda não formados encontrarão semelhantes apelos em primeiro lugar no estudo e no preparo do exercício profissional. A missão evangelizadora não se exerce fora do envolvimento principal do estudante, o estudo, que lhe mostra os desafios éticos da sociedade e de sua responsabilidade profissional.

O estudo não deve somente visar à qualificação técnica, mas inscrever-se numa “saberdomia” humana e cristã que concerne à sua vida inteira, bem como ao mundo no qual ele vive agora e no qual viverá na hora

da atuação profissional. Conceba o universitário esse mundo com a devida lucidez, com “saberdomia” humana e cristã, providenciando para que sua cultura geral e sua formação humana acompanhem passo a passo sua qualificação profissional. Está aí um chamado para aquilatar o estudo acadêmico com aquele *supplément d’âme* de que falava o filósofo Bergson. E isso não só

nas universidades confessionais, mediante disciplinas proporcionadas pela instituição, mas em todas as universidades e faculdades, mediante atividades extracurriculares ou de extensão, iniciativas das agremiações estudantis, convênios etc. E sem esquecer as muitas possibilidades da prática da solidariedade, na entreajuda individual, nos serviços comunitários organizados a partir da universidade, na presença em conflitos de ordem social, na assessoria e elaboração de estudos ou projetos sociais e políticos em prol da população ou em vista de estruturas e práticas públicas mais justas.

## 2.6. Missão de qualidade universitária e diálogo autêntico

Como dissemos, o âmbito universitário inclui o papel estrutural da universidade, os programas de pesquisa e formação universitária, a vida dos seus agentes, docentes e

**“A mística cristã é inseparável da impostação ética; o encontro com Cristo suscita, de imediato, um apelo ético.”**



discentes, especialmente em sua dimensão acadêmica. A missão evangelizadora nesse âmbito deve ser de qualidade universitária, deve participar do amor à verdade e do olhar investigador que caracterizam o autêntico empenho científico e intelectual. O evangelizador que, ao dirigir-se a esse campo, ficar alheio ao genuíno espírito acadêmico será como um missionário que fica alheio à cultura e à linguagem do povo no meio do qual pretende exercer sua missão. Por outro lado, a missão universitária cristã procurará confrontar o âmbito e o espírito universitário com o que a missão do próprio Cristo trouxe de específico à humanidade. Com esse “específico” apontamos, sobretudo, a experiência de Deus como Pai, no sentido transcendente que esse termo simbólico tem no evangelho, bem como as exigências da fraternidade humana que se resumem no mandamento do amor, com aquela incidência na realidade objetiva que o termo “Reino de Deus” evoca.

Esse encontro do evangelho com o mundo universitário é um diálogo. Não uma inócua conversa em busca de conformismo, mas – mesmo quando encaminhado num boteco, *show* ou cinema – um diálogo em busca de verdade e autenticidade. Exige encarnação universitária, presença existencial e histórica, participativa e ao mesmo tempo crítica, solidariedade sincera, bem como a coragem de ser diferente por causa do que se percebe a mais em Cristo: a diferença cristã, que não exclui, mas completa os valores autênticos existentes também fora da comunidade cristã.

Todas as áreas e dimensões da vida universitária e acadêmica estão na mira dessa missão e diálogo: a honestidade científica e a dedicação ao estudo; a ética profissional de pesquisadores, docentes e discentes, e até do corpo administrativo e técnico; o valor humanitário, social e ecológico da pesquisa científica e de sua aplicação; a adequação da

própria instituição à sua vocação científico-didático-comunitária; as condições de vida, a cultura e a percepção de vida dos acadêmicos; os valores e desvalores cultivados no meio deles etc.

A enorme diversidade do campo universitário-acadêmico exige uma articulação perspicaz, para que a missão evangelizadora seja como a dos discípulos de Jesus: “cordeiros no meio de lobos, [...] simples como as pombas e prudentes como as serpentes” (Mt 10,16). Onde mais se adensa a inteligência, mais pode concentrar-se a malícia. Cabe aí o dom da inteligência divina, que se traduz em organização humana.

Dependendo das circunstâncias, essa organização e articulação podem ser atribuição de grupos espontâneos, de movimentos de vida cristã atuantes em determinado ambiente ou instituição, de um serviço da própria instituição de ensino superior (especialmente se cristã), da organização pastoral de determinada igreja ou de um organismo ecumênico.

### 3. Linhas de ação

Entre a multidão de tarefas concretas que se apresentam na evangelização universitária, devem ser priorizadas, pelo menos no atual momento, as que se podem chamar de teóricas: o estudo da mentalidade contemporânea, da visão de mundo em tempo de crise econômica, ecológica e ética; também o estudo propriamente teológico, ou seja, do significado de Deus e do Transcendente, ou da mensagem e teologia cristã em relação especial com o mundo da cultura e da universidade; a pesquisa sociorreligiosa; o estudo e avaliação crítica de projetos, programas e prioridades das instituições universitárias ou científicas, incluindo as orientações da SBPC, da Capes, dos programas de pós-graduação etc.; o estudo das modalidades da educação e do ensino e de seu impacto nas pessoas e na es-

trutura sociocultural e política; as exigências da formação humana integral das pessoas.

Ao mesmo tempo, apresentam-se como tarefas práticas urgentes: a iniciação na fé (ainda que “atrasada”) dos acadêmicos que querem ser cristãos de verdade; a formação de núcleos ou comunidades cristãs, permitindo um relacionamento pessoal, pois cada cristão tem direito a uma comunidade de relações diretas, de intercâmbio, diálogo e apoio pessoal; o diálogo da fé, tanto com os estudantes quanto com os docentes, os administradores, os funcionários; celebrações religiosas autênticas e prática sacramental consciente; formação de agentes para a missão universitária e de grupos de estudo e conscientização; ações de solidariedade para com pessoas do âmbito universitário ou a partir da universidade; iniciativas de ajuda, especialmente aos candidatos ou universitários iniciantes, em termos didáticos, culturais, psicológicos e socioeconômicos; promoção ou divulgação de programas culturais humanizadores e, por isso, evangelizadores; iniciativas junto às agremiações estudantis; cursos curriculares ou atividades extracurriculares e de extensão, oficinas e cursos de curta duração sobre temas específicos etc.; envolvimento

dos estudantes no ensino, na pesquisa e na extensão universitária; quando necessárias, ações políticas dentro e fora da universidade, em entendimento com instâncias qualificadas e competentes, e isso sempre com uma consciência histórica unida à sabedoria humana e cristã.

#### 4. Conclusão

À guisa de conclusão, ressaltamos, em primeiro lugar, a preocupação de situar a missão evangelizadora universitária no contexto amplo da cultura atual, que está em comunicação com o mundo inteiro e tem características novas e inéditas, proibindo a mera reprodução do passado. Destacamos ainda a dialética entre o individual e o comunitário, entre o profissional e o humanístico, entre o *campus* da universidade e o campo da sociedade, entre a mística e a ética. Mas acentua-

**“Acentuamos, sobretudo, a necessidade de verdadeira ação evangelizadora, comparável à dos primeiros cristãos no ambiente não cristão.”**

mos, sobretudo, a necessidade de verdadeira ação evangelizadora, comparável à dos primeiros cristãos no mundo não cristão. E essa ação deverá ser sustentada pelas comunidades cristãs, em sinergia com todos aqueles que compartilham os mesmos valores humanos, os quais, se verdadeiramente humanos, são também cristãos. ●

Conheça nossa  
página na internet  
[vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)





# Catequese com jovens: desafios e esperanças

Solange Maria do Carmo\*

João Ferreira Júnior, ofmCap\*

*Apesar de algumas conquistas, permanece precária e descuidada a catequese com jovens. Nossa juventude ficou à margem da Igreja faz tempo e, ainda que alguns tentem incrementar movimentos para essa faixa etária, o esforço empreendido não tem dado os resultados desejados. Importa saber se temos acompanhado as necessidades dos jovens e os processos de evolução humana pelos quais eles têm passado.*

Solange Maria do Carmo é leiga, filósofa e teóloga, mestre em Teologia Bíblica e doutora em Teologia Catequética pela Faje (BH). Leciona disciplinas na área de catequese e Bíblia na PUC-Minas e no Ista em Belo Horizonte (MG). Publicou pela Paulus a coleção *Catequese permanente*. E-mail: solangedocarmo@ig.com.br

João Ferreira Júnior é frade capuchinho da Província de Minas Gerais, bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Uberlândia e bacharelando em Teologia pelo Ista, em Belo Horizonte (MG). E-mail: jfjunior\_10@yahoo.com.br

Muitos estabelecem uma diferença entre catequese e evangelização. Dizem que evangelização é um processo querigmático, o primeiro anúncio da fé a pessoas que não fizeram ainda a experiência cristã de Deus. A catequese seria mais doutrinária e significaria o aprofundamento do primeiro anúncio. Mas hoje já se entende que a própria catequese é querigmática, apresentando seus conteúdos de modo a aprofundar não um conhecimento, mas uma experiência de Deus. E que todo anúncio querigmático é também catequético, pois não é possível anunciar Jesus a não ser de forma situada, com base na fé que professamos. Por isso, as palavras catequese e evangelização já aparecem juntas, com sentido análogo, em quase todos os documentos mais recentes da Igreja. Neste artigo, esses termos serão usados como sinônimos. Para nós, é catequese toda a ação evangelizadora da Igreja que se empenha em formar o discípulo para seguir Jesus. Uma tarefa nada fácil, especialmente quando diz respeito aos jovens.



## 1. Desencontros entre a Igreja e a juventude

Apesar das conquistas observadas, permanece precária e descuidada a catequese católica com jovens. Nossa juventude tem ficado à margem da Igreja já faz tempo e, ainda que alguns tentem resgatar a pastoral da juventude ou incrementar movimentos para atingir essa faixa etária, basta um pouco de honestidade para concluir que o esforço empreendido não tem dado os resultados desejados. Citemos apenas alguns pontos que mostram como se tornou difícil o diálogo entre a fé cristã católica e o mundo da juventude: a moral sexual da Igreja, as celebrações litúrgicas, a linguagem da fé e o modelo de comunidades eclesiais que prevalece em nossas paróquias.

### 1.1. A moral sexual

Segundo a opinião de vários especialistas, a moral sexual da Igreja diz muito pouco a nossos jovens, para quem o que nossa Igreja ensina a esse respeito se tornou motivo de ironia. E enquanto a moral sexual deságua dos púlpitos e dos documentos do magistério numa lista não enumerável de pecados ligados à sexualidade – desde a masturbação até a prática homossexual –, nossos jovens descobrem o amor e o sexo à revelia do que diz a moral católica. Vivem sua própria moral sexual, tendo sua consciência formada pela mídia – e não pela Igreja, salvo exceções.<sup>1</sup> São poucos os que dão conta de viver a castidade ou os que nela acreditam como valor.

Além do mais, escandaliza nossos jovens a incoerência entre a moral que a Igreja ensina e a que vem a público na mídia, envolvendo seus representantes. Diante de tantos escândalos por parte do clero (pedofilia, abusos sexuais, pornografia e prostituição), pare-

ce absurdo que o magistério da Igreja não perceba que endurecer o discurso sobre a sexualidade não resolve os problemas ligados ao assunto – nem os do clero, menos ainda os da juventude. Enquanto a Igreja escreve para uma *juventude ideal* (fiel, obediente, casta, pura, quase angelical), nossa *juventude real* (cheia de desejos e libido que a mídia insiste em despertar precocemente) fica entregue à própria sorte e encontra no campo da moral sexual sua própria maneira de sobreviver ao abandono catequético.

**“Vivem sua própria moral sexual, tendo sua consciência formada pela mídia – e não pela Igreja, salvo exceções.”**

### 1.2. A liturgia católica

Apesar dos esforços do Concílio, a liturgia católica permanece engessada e se apresenta aos jovens como maçante e tediosa. Acostumados ao barulho e ao agito dos ambientes juvenis, os jovens ficam estarecidos diante do ritual silencioso e mimético de nossas celebrações. No geral, as liturgias têm o ritmo de uma assembleia que não aprecia o movimento próprio da juventude nem o desejo.

É difícil admitir, mas a maioria de nossos jovens tolera os ritos litúrgicos em nome da piedade e da obrigação cristã, mas não os saboreia ou aprecia. Então, quando não criam um caminho alternativo dentro da própria Igreja Católica, por meio de algum movimento que lhes ofereça a fé cristã de modo mais apetecível – ainda que questionável teologicamente –, nossos jovens evadem para igrejas

<sup>1</sup> Em recente pesquisa, o Datafolha entrevistou peregrinos católicos presentes no RJ para a JMJ. Dos entrevistados, 65% defendem o uso de preservativos nas relações sexuais e 53% defendem a pílula anticoncepcional. Já no que diz respeito à “pílula do dia seguinte”, o respaldo é menor, de 32%. É bom observar que essa pesquisa foi feita com jovens frequentadores da Igreja e admiradores do papa. Entre os jovens não participantes, a opinião da Igreja simplesmente nem é levada em conta. Cf. <<http://m.g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/pesquisa-mostra-que-peregrinos-se-mostram-mais-liberais-que-a-igreja-catolica.html>>. Acesso em: 29 jul. 2013.



neopentecostais ou escolhem manter a fé cristã a seu modo, mas sem vínculos de pertença a nenhuma instituição.

### 1.3. A linguagem da fé

Salta aos olhos a caducidade da linguagem religiosa que prevalece no ambiente católico. Utilizando uma linguagem inacessível, o discurso cotidiano da fé cristã não favorece o encontro com Jesus Cristo. Emilio Alberich, dando voz ao povo, atreve-se a dizer que a catequese “utiliza linguagens que ninguém entende, se dirige a auditórios que já não existem e responde a questões pelas quais ninguém se interessa” (ALBERICH, 2005, p. 24). Segundo Yves Congar, “a crise atual vem em grande parte do fato de que a Igreja, tendo criado um maravilhoso conjunto de expressões da fé na cultura latina, se apegou a ela em demasia: inclusive na atividade de sua expressão missionária” (CONGAR, 1976, p. 41). Também Torres Queiruga tem levantado essa bandeira (TORRES QUEIRUGA, 1998), e o assunto não foi ignorado pelo Documento de Aparecida (n. 100d) nem pela CNBB (cf. Estudos da CNBB 97, n. 107).

Parece que o nó da questão não está no vocabulário adotado, mas no conteúdo comunicado. Não basta trocar as palavras, dizer “Deus é dez”, “Jesus é o cara”, confeccionando uma espécie de vocabulário juvenil religioso, repleto de gírias religiosas. Não basta também tatuar o corpo e cantar *rock* ou *funk gospel*. A pergunta é: “O que está sendo proposto faz sentido, gera vida nova? O evangelho anunciado é, para os jovens, força para viver?” Mais que a adequação das palavras, importa saber se o complexo sistema comunicacional da fé acompanha as necessidades dos jovens e os processos de evolução humana pelos quais eles têm passado.

### 1.4. As comunidades eclesiais

Nossas comunidades correm reconhecido risco de frieza quando unidas mais por

vínculos contratuais que afetivos. Mais que pertença institucional, a juventude quer o direito de peregrinar em busca de um espaço que favoreça sua própria identidade. Muitas vezes, porém, encontram comunidades eclesiais que cumprem obrigações, exigem presença, instituem regras, impõem condições, cobram o dízimo... mas oferecem muito pouco no que se refere ao crescimento humano e ao exercício da liberdade responsável. Quase sempre, os jovens se veem tratados como crianças, para quem as regras decidem, em nome de Deus, o que podem ou não fazer de sua vida. Há comunidades que ainda difundem a teologia do medo e o puritanismo moral, não sem hipocrisia. É, pois, legítimo que muitos jovens se perguntem: ser cristão e pertencer a uma comunidade de fé favorece a minha formação, o meu desabrochar como pessoa humana, ou inibe e veta minhas potencialidades?

Diante disso, parece honesto que nós, catequistas e catequetas, nos perguntemos: a comunidade cristã pode ser uma mediação favorável para a experiência pessoal com Jesus Cristo ou se tornou espaço de transmissão automática da fé, sem exigência de personalização dessa mesma fé? Ainda que consigamos responder teologicamente a essas questões, pode ocorrer que nossa prática pastoral desminta nossa teologia. Oferecemos aos nossos jovens – e ao cristão em geral – comunidades que os convençam das vantagens da pertença? O quadro é frequente: nossos jovens, ainda que participem de algum evento na Igreja (como a Jornada Mundial da Juventude), ainda que não tenham abandonado totalmente os ritos católicos, não têm mais laços afetivos nem efetivos com a comunidade eclesial na qual foram inseridos pelo batismo quando crianças.

Salvo poucas exceções, nossa catequese paroquial foi totalmente pensada para a infância (MARTÍNEZ ÁLVAREZ, 2004, p. 130-154). A constatação de peritos no assunto,



como o catequeta espanhol Donaciano Martínez Álvarez, causa preocupação: “Em relação ao processo de iniciação à fé dos adultos, ao catecumenato em seu sentido mais verdadeiro, creio que *estamos em situação de inexper-tos*” (*idem*, p. 133, grifos do autor). Em geral, entendemos de catequese, mas não de jovens, de seus anseios, de seus sonhos, de sua vida neste novo tempo chamado pós-modernidade. Então, precisamos nos debruçar sobre esse tema.

## 2. Características da pós-modernidade

Vivemos um momento muito especial. São tantas as mudanças, que já nem falamos de tempo de mudanças, mas de mudança de tempo ou mudança epocal. Diante dessa mudança epocal, nós nos perguntamos: como comunicar a fé ao indivíduo pós-moderno, especialmente aos jovens? A primeira condição para que retomemos nosso trabalho evangelizador com um mínimo de eficácia é entender um pouquinho o tempo em que vivemos.

A multirreferencialidade: bem diferente da cristandade e da modernidade, a pós-modernidade não dispõe de apenas um referencial; é plural, multirreferencial. A sociedade atual reage à razão instrumental positiva da modernidade e abre espaço para a razão do coração, “que a própria razão desconhece”, admitindo possibilidades antes impensadas. Uma multiplicidade de significados conquista espaço e, ainda que sejam contraditórios e opostos – segundo a razão moderna –, esses significados não se excluem devido às escolhas do coração.

A relação com o espaço e o tempo: a relação do indivíduo contemporâneo com o tempo e o espaço transformou-se radicalmente. Hoje, tudo anda depressa demais, fica impossível dar tempo ao tempo. Nossa prioridade

número um tornou-se gerir a urgência. Exauridos por tantos compromissos urgentes, já não temos tempo para refletir sobre a construção do futuro. Queremos ser felizes no presente e pronto! Nossa relação com o espaço também já não pode ser descrita como antes. As pequenas aldeias e vilas do passado cederam espaço às aglomerações e teias urbanas. As

pessoas se movem de um lugar a outro sem maiores sacrifícios. E mesmo os que não têm acesso à rápida mobilidade física têm sua subjetividade formada pela mobilidade da comunicação e das informações. Uma proximidade comunicacional e imaterial anula distâncias e gera onipresença virtual. Mas a onipresença virtual paga seu preço, pois, ao estar em toda parte, não se está em lugar ne-

hum. O espaço foi desmaterializado e agora, como um andarilho errante, vagueamos por labirintos sem achar a saída. Nesse nomadismo, restou-nos apenas o próprio corpo como “última morada possível” (VILLEPELET, 2003, p. 19). Talvez por isso o corpo seja tão cultuado neste tempo e tão cuidadosamente preservado. É ele a casa na qual habitamos e condição de possibilidade de ser um com os outros, de entrar em relação, de fazer comunhão.

A primazia da tela: se, no passado, fomos marcados pela cultura da transmissão, da narrativa, as novas gerações são configuradas pela cultura da tela, da imagem. Tudo acontece diante da tela da televisão, do cinema, do computador, do celular ou de tantos outros aparelhos, cada vez mais eficientes. Mais que um instrumento, eles se tornaram uma mediação que muda nossa maneira de pensar, de perceber o mundo e de nos situar, nossa maneira de simbolizar, de imaginar, de criar. Uma mediação comunicacional transforma a mensagem

**“Quase sempre,  
os jovens se veem  
tratados como  
crianças, para quem  
as regras decidem, em  
nome de Deus, o que  
podem ou não fazer  
de sua vida.”**



comunicada. Ganha força e conquista espaços o mundo virtual, a ponto de a juventude se tornar totalmente dependente dele, já não saber existir fora dele.

A psicologização do social: nas décadas de 1960 a 1980, nós nos sentíamos como um agente social totalmente necessário para a mudança do mundo. Acreditávamos na utopia de um mundo novo, sem dor nem mazelas, construído sobre as bases da fraternidade que sustenta a fé cristã. Mas o tempo mudou. O Reino sonhado não veio; caímos na descrença de que um dia ele será real. Nossa razão foi capaz de coisas horríveis, e os desmandos do ser humano nos fizeram entender que não somos tão bons e abertos para Deus como pensávamos. A utopia social perdeu sua força. Nossos projetos são mais modestos e dizem respeito, normalmente, à nossa vida pessoal, nossa realização, nossa família, nossa carreira. Essa mudança de foco do social para o subjetivo coloca a sociedade pós-moderna sob a égide dos indivíduos. O indivíduo atual quer, antes de mais nada, ser um agente livre de tudo para poder dispor absolutamente de seu tempo. As ideologias sociais do universo foram desmascaradas, e o desejo de um mundo melhor foi transportado para mundos bem menores: da vida privada e da subjetividade.

### 3. Desafios catequéticos

Diante das características da pós-modernidade mencionadas, apresentamos alguns desafios que a catequese não pode evitar, a não ser a preço de ver a fé cristã ignorada pelos jovens e pelas gerações futuras.

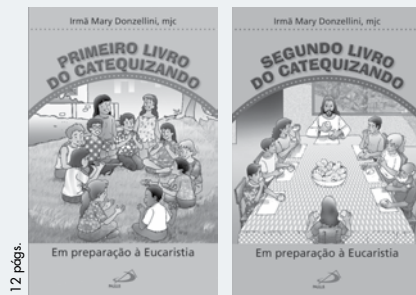
#### 3.1. Desafio da interioridade

O indivíduo pós-moderno já não pode fiar-se numa ordem das coisas, como nos tempos de outrora. Vivemos hoje no terreno da incerteza identitária. Nossos jovens se encontram alienados das antigas pertencas familiares, sociais, religiosas ou políticas. Para

## COLEÇÃO DE CATEQUESE

### Primeiro livro do catequizando e Segundo livro do catequizando

Irmã Mary Donzellini



112 págs.

Esperamos que este subsídio possa ajudar a pastoral bíblico-catequética da preparação à Primeira Eucaristia, fazendo crescer a fé de todos aqueles que participam dos encontros catequéticos. Traz ilustrações coloridas e algumas dinâmicas para incentivar a criatividade dos que preparam os encontros catequéticos.

### Livro do catequista Fé, Vida, Comunidade

Irmã Mary Donzellini



352 págs.

Tem o objetivo de fazer com que catequistas e catequizandos percorram juntos a vivência do princípio de interação fé/vida. Apresenta a história do povo de Israel, a prática de Jesus, e a caminhada da Igreja, especialmente na América Latina e no Brasil.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





a maioria dos jovens hoje, o desafio não é tornar-se um agente sociotransformador (como na modernidade), mas assumir-se inteiramente como sujeito, construindo uma identidade confiável para si, numa verdadeira fidelidade a si mesmo (VILLEPELET, 2009, p. 64). Trata-se de assumir sua singularidade, sua individualidade, ou ainda, sua unidade, sua integridade e sua diferença, tornando-se sujeito de si mesmo. Num mundo complexo, onde as pessoas podem ser o que elas quiserem ser, nossos jovens se encontram expostos a todos os ventos, pois seus alicerces axiológicos se apresentam abalados.

A catequese não está sem recursos no trabalho de desenvolvimento da interioridade. A experiência de Deus que a catequese comunica – especialmente por meio da meditação, da oração, da acolhida da palavra de Deus, do mergulho no mistério – possibilita ao cristão transitar nesse ambiente sem receios. O amor de Deus revelado em seu Filho, que o ato catequético dá a conhecer, mostra-se como grande aliado nessa construção. Deus é íntimo ao coração e se revela a nós nas profundezas de nossa interioridade. A catequese não deve, pois, ter receio de trabalhar a dimensão espiritual da relação com Deus por meio da oração e da contemplação, as quais permitem perceber sua presença no mais íntimo do ser.

A catequese enfrenta então o desafio de proporcionar aos jovens essa experiência humanizante da fé, que pode ajudá-los na construção de sua identidade. O amor de Deus é energia para viver; é força vivificante. Cada jovem, interpelado por Deus, pode acolher sua palavra no profundo de si mesmo como uma palavra atual e viva que Deus lhe dirige, graças ao seu amor sem medidas. A catequese se faz lugar propício para essa interatividade construtora e desconstrutora. Deus toma a

palavra nas palavras humanas e provoca um deslocamento naquele que aceita ser interpelado por ele. A catequese não trabalha com a simples transmissão de uma informação sobre Deus ou com a simples comunicação de verdades intangíveis. Ela comunica a palavra de Deus, que “é um acontecimento ao mesmo tempo que faz acontecimento” (LACROIX; VILLEPELET, 2008, p. 34).

**“Parece que o  
nú da questão  
não está no  
vocabulário  
adotado, mas  
no conteúdo  
comunicado.”**

### 3.2. Desafio querigmático

A secularização da sociedade moderna hoje observada impele a Igreja a dar uma orientação resolutamente mais querigmática à catequese. A crescente secularização fez que o mistério cristão – a vida, morte e ressurreição de Jesus – fosse exilado do horizonte

de compreensão do indivíduo pós-moderno. Para muitos de nossos jovens, a proposta cristã não passa de “lenga-lengas por longo tempo remoídas, de velhas histórias desgastadas e estéreis” (VILLEPELET, 2000, p. 83). O caminho de vida que o cristianismo propõe se encontra sob suspeita de impertinência.

Uma catequese mais querigmática requer uma volta ao centro da fé cristã, o mistério pascal: Jesus foi crucificado, mas Deus o ressuscitou, e do Ressuscitado vida nova jorra para os seres humanos. A ressurreição de Jesus não é, pois, um detalhe que se acrescenta ao resto da fé, mas seu núcleo mais fundamental. O paradoxo da vida que vence a morte não pode passar em brancas nuvens. Nossos jovens precisam conhecer Jesus de Nazaré, o Crucificado que se encontra Ressuscitado entre nós, e saber por que motivo foi crucificado: sua práxis. No mistério pascal, o distanciamento entre Deus e a humanidade fica anulado, pois Deus se deixa reconhecer na figura de seu Filho, que se fez homem e foi fiel até a cruz. É no Crucificado que Deus mostra quem é: puro amor. É na



vida entregue de Cristo que ele se deixa conhecer como amor-gratuidade. O conhecimento da verdade cristã não se dá por via natural, mas no escândalo da cruz, pois o Deus totalmente outro é pura gratuidade revelada em Jesus, que ele ressuscitou dos mortos. A catequese precisa recuperar seu fôlego e anunciar aos jovens o mistério pascal.

### 3.3. Desafio pedagógico

Eis que o grande sinal dos tempos modernos – a desconstrução da razão clássica – se faz visível: as igrejas que adotam certo estilo espiritualizante estão repletas de fiéis; os movimentos religiosos alternativos atraem numerosos adeptos; grupos religiosos de todo tipo estão abarrotados de gente; as Jornadas Mundiais da Juventude, em torno da figura do papa, congregam multidões de todos os recantos do mundo. Todos querem Deus, ainda que não saibam que Deus é esse. Por meio da busca alucinada por algo que console o ser humano e o arranque de sua própria insignificância, revela-se que a palavra de Deus quer ser ouvida: “Vinde a mim todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso” (Mt 11,28).

Diante dessa sede de Deus, percebemos que novo desafio se impõe ao ato catequético: proporcionar a experiência cristã de Deus, pois a catequese já não pode pressupor a familiaridade das pessoas com o mistério cristão nem pode se contentar em ensinar a fé como se a adesão a Jesus Cristo se limitasse ao problema do conhecimento. Nosso Deus é um Deus que fala ao coração bem mais que à cabeça. Esse coração se entusiasma, apaixona-se e se rejubila, mas não sem razão, é claro. Então, perguntamos: que pedagogia é mais apropriada para proporcionar a experiência cristã de Deus?

Na cristandade, a *pedagogia do ensinamento* encontrou seu espaço. Ela deu seus frutos em tempos de controvérsias doutrinárias entre os pensadores da fé, permeada pela igno-

rância religiosa das multidões. Mas a fé ficou encarcerada na cela da doutrina e da transmissão de um saber. Na modernidade, a *pedagogia da aprendizagem* alçou voos na catequese. Fez conquistas no campo da experiência, unindo fé e vida. Mas ela copiava a pedagogia humanista da escola: seus ritmos, seu modo de gerar aprendizagem, sua concepção de conhecimento etc. Ao adotar a pedagogia humanista do mundo escolar ocidental, em que a razão é situada no centro e o conhecimento é construído em vista da figura do aprendiz, a catequese eliminou do seu dinamismo o mistério.

Na pós-modernidade, porém, a experiência de Deus em Jesus Cristo, que os contemporâneos ainda não fizeram, ultrapassa todo entendimento, apesar de pressupô-lo. A catequese atua no campo da acolhida do mistério, e não no campo da racionalização da fé, apesar de todo esforço para dar suas razões. No ato catequético, a categoria de mistério se apresenta inegociável; ela é seu cerne, seu cume. Na humilde atitude de acolhida, o mistério é vivido.

Em razão da estranheza das novas gerações diante do mistério pascal, insistimos na urgência de uma pedagogia que se distancie da pedagogia escolar e proporcione a experiência do Deus misterioso que ultrapassa todo entendimento: a *pedagogia da iniciação*. Trata-se de propor o evangelho como força para viver; de apresentar o mistério pascal sem rebaixar o que ele tem de exigente, de abrupto e de desconcertante. E propor não é ensinar, nem impor verdades, nem apenas construir a fé por indução com base em realidades terrenas. É crer que o indivíduo pós-moderno pode fazer seu encontro pessoal com o Deus de Jesus Cristo e que esse encontro é o começo de longo discipulado. O jovem contemporâneo é capaz da experiência de Jó, que, depois de lutas homéricas com Deus, rende-se a ele, exclamando: “Eu te conhecia só por ouvir dizer, agora, vejo-te com meus próprios



olhos” (Jó 42,5). É tarefa urgente da catequese, em dias atuais, propor a fé.

### 3.4. Desafio comunitário

A nova gramática da existência que orienta o indivíduo contemporâneo se apresenta, à primeira vista, como alheia a todo instinto gregário, a todo laço de pertença. Percebe-se hoje, especialmente no meio dos jovens, a tentação de dispensar todo laço de pertença religiosa, de querer viver sem entraves institucionais: cada um construindo para si uma religião à sua imagem e semelhança, numa atitude de subjetivação da crença. Para muitos, ser cristão já não significa necessariamente ter uma pertença estável, recebida em herança dos familiares ou da sociedade, nem mesmo uma pertença alicerçada nas bases do engajamento solidário na missão. A adesão, nos dias atuais, é fortemente personalizada, mas móvel.

Apesar de essa procura ser subjetiva, ela não é solitária, não é isolada, mas se dá no interior de comunidades nas quais o clima de união e de convívio facilita o consenso. A experiência da transcendência é atingida quando a vida se transforma em momentos de intensidade emocional partilhados com outros irmãos de fé. A pertença depende de uma escolha que diz respeito ao campo de investimento pessoal, do retorno que esse engajamento pode proporcionar. Como lidar com isso? Teria a fé cristã, cuja índole é de natureza comunitária, algo a oferecer a este mundo pós-moderno, onde os laços frater-nos se encontram tão fragilizados?

Para enfrentar esse desafio, o primeiro passo importante é ajudar nossos jovens a resolver o mal-entendido que opõe Igreja a comunidade. Esse mal-entendido indis põe os cristãos com a Igreja institucional e cria a ilu-

são de ser possível participar de uma comunidade ideal, onde os afetos transbordam e a convivência fraterna é natural. Normalmente, a palavra Igreja remete a instituição, normas, leis, regras, hierarquia, obediência, ritos. A palavra comunidade, ao contrário, quase sempre faz referência a laços de solidariedade, fraternidade, adesão, sem contratos e normas que estabeleçam essas relações. São ambientes de oração, partilha e diálogo onde a solidariedade se assenta por afinidade, por comunhão de interesses.

A Igreja não é, entretanto, nem uma sociedade fria, organizada hierarquicamente, nem uma comunidade quente, sem nenhuma legislação, que vive ao sabor dos afetos.

Ela é a família dos filhos de Deus, uma comunidade de irmãos, onde os membros não se escolhem mutuamente, mas são dados uns aos outros como irmãos, filhos de um mesmo Pai. Essa irmandade, que se dá em torno do único Pai, ensina os irmãos a se aceitar uns aos outros sem que tenham se escolhido mutuamente, pois têm a mesma filiação. Ela ensina a Igreja a viver relações verdadei-

ramente fraternas em meio a relações assimétricas e hierárquicas. Ela ordena a vivência do amor sem medidas e do serviço aos mais fracos. Ela, apesar de não eliminar os laços contratuais (a hierarquia, a obediência, as normas etc.), ressignifica esses laços.

O apelo de Deus para que vivamos fraternalmente corre o risco de ser malcompreendido, como se a fraternidade eliminasse toda diferença e toda especificidade das funções e serviços assumidos. A Igreja pode ser idealizada como uma comunidade quente, de relações afetivas, onde reina a espontaneidade e o desejo de estar junto. Mas viver fraternalmente não é, antes de tudo, experimentar relações afetivas e calorosas, apesar da importância dos afe-

**“Trata-se de propor o evangelho como força para viver; de apresentar o mistério pascal sem rebaixar o que ele tem de exigente.”**



tos. “Não é a intensidade ou o calor dos sentimentos que fazem a fraternidade, mesmo que isso contribua fortemente” (VILLEPELET, 2003, p. 74). A relação fraterna não se estabelece só na esfera da afetividade, mas na esfera da ética. Ela é criada por um terceiro, Deus, que nos congrega.

Encerrando nossa reflexão, voltemos aos desencontros entre a Igreja e os jovens mencionados no começo deste artigo: a moral sexual da Igreja, as celebrações litúrgicas, a linguagem da fé e o modelo de comunidades eclesiais que prevalece em nossas paróquias. O que esses pontos levantados têm a ver com os desafios catequéticos acima apresentados? Vejamos.

1) A moral sexual: na sociedade pós-moderna, em que a afirmação já não vem dos valores transmitidos por outrem, mas da construção laboriosa da interioridade de cada pessoa, parece inútil dar aos jovens a receita pronta acerca dos comportamentos morais, também no campo da sexualidade. Ou a Igreja educa os jovens para a responsabilidade, ajudando-os, por meio da boa-nova do evangelho, a tomar decisões éticas e morais compatíveis com a vida cristã, ou estará falando para ninguém. Sua moral sexual não será acolhida por meio da força e da teologia do medo, pois esses argumentos já não são aceitos pelos jovens de hoje, libertos da culpa e do medo do castigo eterno. Enfrentar o desafio da interioridade, ajudando os catequizandos a construir para si uma identidade que não seja fútil, será o caminho mais penoso, porém mais eficaz para que a moralidade cristã tenha respaldo entre a juventude.

2) As celebrações litúrgicas: se nossos jovens não receberam a fé no berço familiar e por isso não conhecem Jesus e não fizeram sua experiência cristã de Deus, é hora de promover esse encontro. A liturgia é o lugar ideal para essa experiência transformadora. Mas com as celebrações ritualistas e tímidas de nossas igrejas não conseguiremos promover

esse encontro. Nosso povo católico, mesmo os mais afastados da vida eclesial, gosta de celebrar, cantar, rezar, meditar... As celebrações litúrgicas, a começar das missas, precisam ser repensadas. O “rubricismo” precisa dar lugar ao bom senso, a monotonia à criatividade, a linguagem formal e técnica à linguagem do coração, o cumprimento dos ritos ao mergulho no mistério pascal, a frieza das celebrações ao calor juvenil e à participação alegre dos jovens.<sup>1</sup>

3) A linguagem da fé: quando falamos que a linguagem da fé diz bem pouco a nossa gente juvenil, lembramos que essa linguagem não se refere apenas ao vocabulário, mas ao mundo de significações dos jovens, ou seja, à gramática existencial deles, tão marcada pelo afeto e pela subjetividade, enquanto a nossa geração foi marcada pela razão e pela utopia social. Nosso desafio hoje não é ensinar a fé, mas ser iniciado nela. Para atrair os jovens, teremos de vencer preconceitos pedagógicos antigos; haveremos de deixar para trás os caminhos pedagógicos já conhecidos e precisaremos nos aventurar em construir com os próprios jovens uma pedagogia mais ousada.

4) O modelo eclesial: participar de comunidades fraternas, com exigências éticas até a doação radical da vida, pode ser ótima alternativa para ajudar o sujeito à procura de si mesmo a se encontrar. Mas essa participação já não se dá por convenção, tradição ou obrigação, mas porque é um investimento importante na construção da interioridade. O encontro entre identidade cristã e pertença eclesial se instaura na e pela iniciação à fraternidade, que se dá em comunidades cristãs que procuram viver essa fraternida-

1 Não estamos defendendo certamente que a missa seja transformada em espetáculo. Hoje há tanta missa alegre que não comunica o mistério... Muitos trouxeram para a missa a lógica do auditório, da festa, do *shopping*... Não se trata disso, mas de fugir do engessamento litúrgico, que não permite que a celebração seja, em primeiro lugar, expressão da vida e cultivo da amizade com Deus.



de. A catequese deveria, pois, ser vivida como um âmbito criador de relações fraternas; fraternidade essa que ultrapassa até mesmo o ambiente eclesial. Enquanto nos-

as comunidades eclesiais não se tornarem esse espaço fraterno que afirma o sujeito, nossos jovens vão se recusar a construir seus laços de pertença. ●

## Referências

- ALBERICH, Emilio. A catequese tem futuro? *Revista de Catequese*, São Paulo, v. 28, n. 109, p. 22-28, 2005.
- AMADO, Joel Portella. Uma Igreja em mudança de época: pontos relevantes para a compreensão da Igreja na segunda década do século XXI. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 70, n. 279, p. 565-579, 2010.
- CONGAR, Yves. Cristianesimo come fede e come cultura. *Il Regno – Documenti*, Bologna, n. 21, p. 41, 1976.
- GONZALEZ-FAUS, José Ignacio. *Sexo, verdades e discurso eclesialístico*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LACROIX, Roland; VILLEPELET, Denis. *Une question à la foi: la catéchèse, écho d'une parole de vie*. Paris: L'Atelier, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2005.
- MARTÍNEZ ÁLVAREZ, Donaciano et al. Mesa redonda. *Catequética*, Cantabria, v. 45, n. 3, p. 130-154, 2004.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a criação*. São Paulo: Paulus, 1998.
- VILLEPELET, Denis. Catéchèse et crise de la transmission. In: \_\_\_\_\_; GAGEY, Henri Jérôme (Org.). *Sur la proposition de la foi*. Paris: L'Atelier, 2000. p. 77-92.
- \_\_\_\_\_. *L'avenir de la catéchèse*. Paris: L'Atelier: Ouvrières, 2003. p. 19. (Tradução brasileira: *O futuro da catequese*. São Paulo: Paulinas, 2007.)
- \_\_\_\_\_. Crise de la transmission et proposition de la foi en France. In: MULLER, Hadwig Ana Maria; VILLEPELET, Denis (Org.). *Risquer la foi dans nos sociétés: Églises d'Amérique Latine et d'Europe en dialogue*. Paris: Karthala, 2005. p. 137-145.
- \_\_\_\_\_. Transmettre: initier, intérioriser e fraterniser. *Les Cahiers de l'Atelier*, Paris, n. 517, p. 6-11, 2008.
- \_\_\_\_\_. La centralité du présent. *Les Cahiers de l'Atelier*, Paris, n. 523, p. 56-64, 2009.

Também na internet:  
[vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)

\* Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos, professor de Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina (Itesc).  
E-mail: [loraschi@itesc.org.br](mailto:loraschi@itesc.org.br)



Celso Loraschi\*

Dia dos fiéis defuntos

2 de novembro

## Saudade, esperança, compromisso

### I. Introdução geral

A Igreja celebra o dia dos Fiéis Defuntos ou dia de Finados imediatamente após o dia de Todos os Santos. Ambas as celebrações estão intimamente ligadas, uma vez que fazemos a memória dos que já se encontram na pátria celeste. Veneramos os santos reconhecidos oficialmente pela Igreja e pedimos a sua intercessão. No entanto, todos os que estão junto de Deus são também santos. Muitos deles foram nossos parentes, amigos ou conhecidos. Lembramo-nos deles e também de todas as pessoas que faleceram. Desde os primeiros séculos, os cristãos rezam pelos falecidos, visitando os túmulos dos mártires



e recordando seus testemunhos de fé e amor. A partir do século V, a Igreja dedica um dia do ano para rezar por todas as pessoas falecidas, também por aquelas que ninguém lembra. É um dia que evoca saudade, esperança e compromisso. *Saudade* daqueles que partiram e marcaram, de uma maneira ou de outra, a vida de todos nós que ainda peregrinamos neste mundo. *Esperança* porque nos foi revelado que a morte não tem a última palavra, é passagem para a vida em plenitude. *Compromisso* porque queremos que nosso tempo histórico seja vivido de acordo com o que nos exorta a palavra de Deus. Como Jó, depositamos nossa confiança naquele que é o defensor da vida (I leitura). Renovamos nossa convicção de que “a esperança não decepciona”, como afirma Paulo em sua carta aos Romanos (II leitura). E nos consolamos, agradecidos, com a declaração de Jesus: “Esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não deixe perecer nenhum daqueles que me deu, mas que os ressuscite no último dia”.

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. I leitura (Jó 19,1.23-27a): Eu o verei com os meus próprios olhos

O livro de Jó faz parte da literatura sapiencial. Foi escrito, em sua maior parte, no período pós-exílico, por volta do ano 400 a.C. Reflete sobre a questão do sofrimento das pessoas justas, retratadas na figura de Jó. Em situação calamitosa, abandonado por todos, Jó recebe a visita de três “amigos”. Em vez de manifestar solidariedade a Jó, procuram convencê-lo de que o sofrimento se deve aos pecados que certamente cometera. Eles representam o pensamento teológico dominante: a conhecida “teologia da retribuição”, segundo a qual Deus retribui o bem com o bem e o mal com o mal. Podemos imaginar as

consequências dessa teologia na vida das pessoas empobrecidas, abandonadas, doentes... O sistema religioso oficial as considerava pecadoras ou impuras e, portanto, indignas da salvação divina.

Jó está convencido de sua inocência. Debate com os amigos até dar-se conta de que está realmente sozinho em suas convicções. Com quem poderá contar? Pouco a pouco, Jó vai abandonando suas pretensões de se fazer entender. Dentro de sua própria realidade de dor e trevas, encontra novo caminho de acesso a Deus, já não vinculado ao dogma da retribuição. Para além de qualquer instituição, abre-se para Deus, fonte de toda a vida. Jó confessa: “Eu sei que meu defensor está vivo”. Defensor, vingador ou redentor (*go'el* em hebraico), na antiga tradição de fé do povo de Israel, é aquele cuja função é proteger os membros mais fracos da família, como também resgatar os bens, a vida e a liberdade das pessoas endividadadas.

A certeza da intervenção divina em favor da vida das pessoas justas é ressaltada nesse texto. É uma declaração cujas palavras merecem ser “consignadas num livro, gravadas por estilete de ferro num chumbo, esculpidas para sempre numa rocha”. Deus se interessa pela vida pessoal de cada um de seus filhos. Ele nos ama, nos liberta e nos salva. A experiência religiosa de Jó o leva a proclamar: “Eu mesmo o contemplarei, meus olhos o verão...”.

### 2. II leitura (Rm 5,5-11): A esperança não decepciona

Esse texto está relacionado com o seu contexto imediatamente anterior. Paulo refere-se à justificação pela fé, o dom gratuito da salvação que Deus nos concede por meio de Jesus Cristo. Somos todos pecadores. Eis em que consiste o amor divino: Cristo morreu por nós, pessoas fracas, injustas e infiéis. Pela morte expiatória de Jesus, revela-se o rosto misericordioso de Deus. Ele não leva em con-



ta a nossa condição de pecadores. Seu amor não é baseado em nossos méritos. Por meio de Jesus, fomos reconciliados com Deus e, pela fé, vivemos em paz com ele.

Nessa certeza, a caminhada nesta vida terrena é marcada pela “esperança que não decepciona, pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”. Ora, o amor de Deus em nossos corações nos dá a garantia de um futuro de plenitude e glória. A vida plena não é ilusão: é revelação divina que nos foi dada definitivamente na vida, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, reconciliados com Deus, vivemos o nosso tempo histórico como expressão de alegria e de gratidão a Deus, que nos criou e nos salva na gratuidade de seu amor. Se Deus nos ama desse modo, também nós devemos amar uns aos outros. Se Jesus entregou sua vida livremente para a vida do mundo, também nós doamos a vida, livremente, pelo bem dos outros.

### 3. Evangelho (Jo 6,37-40): A vida eterna

O capítulo 6 do Evangelho de João apresenta o ensinamento de Jesus sobre o pão da vida. Ele se dirige à multidão perto do mar da Galileia. Chama-lhes a atenção para que não se ocupem somente com o alimento que perece, e sim com o “pão da vida”, o alimento que dura para a vida eterna.

O pão da vida é o próprio Jesus, que livremente se doa como alimento: “Eu sou o pão da vida: aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede” (6,35). Na caminhada do Êxodo, rumo à terra prometida, Deus enviou do céu o “maná” que alimentou o povo durante todo o tempo. É o símbolo da palavra de Deus que alimenta e dá a vida. Agora, Jesus é o verdadeiro maná descido do céu como eterno alimento para todos os que nele creem. Ele é a Palavra de Deus que se fez carne. Dele nos

alimentamos (palavra e eucaristia) neste novo êxodo rumo à pátria celeste.

Toda pessoa que, pela fé, acolhe Jesus e dele se alimenta já possui a vida eterna. A fé em Jesus não se resume a um assentimento intelectual nem apenas a uma adesão religiosa, sem compromisso concreto. A fé é um jeito de ser que perpassa o cotidiano da vida. É a configuração da nossa vida na vida de Jesus. Assim, todo aquele que vive em Jesus não perecerá. Foi para isso que Deus enviou o seu Filho ao mundo. “Esta é a vontade de meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia”. A fé nos possibilita “ver” Jesus, penetrar no seu mistério e inundar todo o nosso ser pelo dom da verdadeira vida.

A comunidade joanina confessa que Jesus veio ao mundo “para que todos tenham vida e vida em plenitude” (Jo 10,10). Esta é também a nossa confissão de fé: ele é o doador da vida plena já para este mundo e para a eternidade. Ele mostrou o caminho da justiça e da fraternidade a este mundo e venceu a morte pela sua ressurreição. Ele não exclui ninguém. Nele já ressuscitamos para a vida. A morte não tem a última palavra.

### III. Pistas para reflexão

- *Meus olhos verão a Deus.* Deus se revela na história humana de modo processual. Pouco a pouco, conforme atesta a Bíblia. Ele se deu a conhecer juntamente com o seu plano de amor e salvação. O livro de Jó mostra que o ser humano é um buscador de Deus. No meio de muitas perguntas, dúvidas e crises, Deus permite que amadureçamos até nos convencermos de que ele realmente existe e é a fonte de toda a vida. Reconhecemos que, sem sua presença amiga e misericordiosa, a vida perderia todo o sentido. O encontro com Deus transforma o nosso jeito de pensar e agir. Ele é defensor da vida, o doador de todos os bens.



Dele viemos e para ele voltamos. Com base nessas afirmações, é importante nos perguntarmos como estamos administrando a vida que Deus nos deu. Que rumo estamos dando à nossa breve existência? Com quais valores irrenunciáveis orientamos os nossos passos na direção da morada definitiva?

- *Meus olhos veem a Deus.* Enquanto Jó confessa sua fé na futura visão de Deus, o Evangelho de João nos indica que já podemos “ver” a Deus na pessoa de Jesus Cristo. O processo de revelação de Deus e de seu plano de amor e salvação culminou em Jesus. Ele veio ao mundo para que tenhamos a vida, e vida plena. Ver a Jesus com os olhos da fé implica viver conforme sua prática e seus ensinamentos. Quem está em Jesus e dele se alimenta (palavra e eucaristia) já possui a vida eterna. Uma pessoa é irradiadora da verdadeira vida quando pauta seus pensamentos, projetos, palavras e ações no evangelho de Jesus Cristo...

- *Caminhar como se víssemos o invisível.* A saudade dos nossos entes queridos nos faz refletir sobre a nossa condição de pessoas transitórias neste mundo. Seria uma lástima viver sem conhecer o verdadeiro significado da nossa existência. São Paulo, em sua incansável missão de anunciar o evangelho, insiste na verdade da salvação gratuita de Deus. Seu amor incondicional foi definitivamente comprovado na vida, morte e ressurreição de Jesus. Por ele fomos reconciliados com Deus e, “estando reconciliados, seremos salvos por sua vida”. Essa esperança não decepciona, e sim orienta os nossos passos neste êxodo rumo à pátria eterna. Essa esperança impregna o tempo presente de um sentido “caiológico”: é tempo propício de acolher a graça divina; de desapegar-se do que é efêmero; de cultivar a amizade pessoal com Deus; de discernir e acolher a sua vontade. Como seguidores de Jesus, é tempo de defender e promover a vida neste mundo, sinal da vida futura.

Dedicação da Basílica

De S. João do Latrão – Catedral do papa – Bispo de Roma

9 de novembro

# Com Jesus, os cristãos formam um templo espiritual

## I. Introdução geral

“A basílica de São João do Latrão (dedicada a São João Batista e São João evangelista) em Roma foi a primeira catedral do mundo, por muito tempo considerada a igreja-mãe de Roma, e nela se realizaram as sessões de cinco grandes concílios ecumênicos” (*Missal dominical – Missal da assembleia cristã*, Paulus, São Paulo, p. 1.409).

Celebrando a festa dessa igreja romana, catedral do bispo que “preside na caridade” entre os demais bispos do mundo inteiro, lembramos também todas as catedrais e dioceses e o vínculo de unidade entre elas. Os textos bíblicos ressaltam não os templos de pedra, mas o novo templo “espiritual” que gera vida; apontam para a vida que brota do seio de Deus (templo de Jerusalém) e se destina a todos (I leitura). O templo, anunciado por Ezequiel como fonte de vida, tornou-se fonte de exploração e morte. E o Messias declara sua superação, sendo substituído pelo corpo de Cristo Jesus. Ele é o novo templo onde Deus se encontra e se manifesta plenamente (evangelho). Paulo, escrevendo aos coríntios, mostra Jesus como base-alicerce insubstituível da comunidade, comparando-a com um santuário, construído, porém, com pedras vivas. A comunidade, construída sobre o alicerce que é Cristo, é templo de Deus e moradia do Espírito (II leitura).

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. I leitura (Ez 47,1-2.8-9.12): O verdadeiro templo gera vida para todos

O profeta Ezequiel exerce sua atividade entre os anos 593 e 571 a.C. Sacerdote exilado na Babilônia com uma parte do seu povo, ele anuncia as sentenças de Deus. Com sua linguagem simbólica, Ezequiel indica os passos para a construção do mundo novo: assumir a responsabilidade pelo fracasso histórico de um sistema que se corrompeu completamente, provocando a ruína de toda a nação; converter-se para Javé, assumindo o seu projeto; e, com base nisso, construir uma sociedade justa e fraterna, voltada para a liberdade e a vida. Com esse “programa profético”, vislumbramos um futuro novo: Deus volta para o meio de seu povo, provocando o surgimento de uma sociedade radicalmente nova. Os versículos escolhidos para a primeira leitura da festa de hoje falam desse “futuro novo” vislumbrado pela conversão. Pertencem a uma seção maior (capítulos 40-48), que tem como tema central “Deus no meio do seu povo”. Nesses capítulos aponta-se para uma “nova Jerusalém”, tendo como centro vital o templo, onde habita o Deus que caminha com seu povo.

O tema central desses cinco versículos passa pelas palavras *templo* e *água*. Ezequiel percebe que sai água do templo em direção ao oriente. O volume de água vai crescendo sempre mais, até superar o do rio Jordão (v. 5, ausente na leitura). A rota das águas é marcada pela vida. Ao entrar no mar, a água do templo torna-se potável. Por isso, por todo lugar por onde passar a torrente, os seres vivos que a povoam terão vida. “Haverá abundância de peixes, pois, aonde quer que essa água chegue, ela levará vida, de modo que haverá vida em todo lugar que a torrente atingir” (vv. 8-9).

Como se pode ver, trata-se de água extre-

### O Processo de formação da identidade cristã

Marlene Maria Silva, Rita de Cássia Pereira Rezende e Vanildo de Paiva



246 pág.

Auxílio importante na tarefa que as comunidades eclesiais têm na formação de seus catequistas. Ao refletir sobre temas clássicos da espiritualidade cristã – tais como a sede de Deus, a conversão, a profissão da fé, a vida comunitária –, de maneira orante e celebrativa, esse livro se coloca como instrumento bastante útil e significativo para a meditação do catequista acerca da própria vocação e vivência cristã, bem como sugere um itinerário espiritual a ser percorrido com os seus catequizandos no processo de iniciação à vida cristã.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





mamente fecunda, portadora de vida para os seres que nela vivem. E essa água sai do templo onde mora Deus. É, portanto, mensageira de vida do Deus da vida que habita no meio do seu povo. O mar Morto chama-se assim porque, apesar de receber todo o volume de água doce do rio Jordão, não tem vida nem vazão. É, pois, símbolo de ausência de vida, sinônimo de morte. Mas com a água que sai do templo torna-se extremamente fecundo, e não somente para a fauna.

O Novo Testamento apropriou-se dessa imagem de Ezequiel em várias ocasiões. As mais significativas estão na literatura joanina: a água que jorra do lado aberto de Jesus (Jo 19,34) e a descrição da nova Jerusalém em Ap 22,2.

## 2. Evangelho (Jo 2,13-22): Jesus é o novo templo

Por ocasião da festa da Páscoa, a cidade de Jerusalém se enchia de peregrinos. A Páscoa era, para os judeus, a festa principal, pois nela o povo recordava a libertação da escravidão do Egito. No tempo de Jesus, o povo ia a Jerusalém para essa celebração festiva. Contudo, a Páscoa deixara de ser uma festa popular e de vida por ser manipulada pelas lideranças religiosas, econômicas e políticas daquele tempo. O povo vai a Jerusalém para celebrar a libertação, mas o que lá encontra é a maior exploração. Pior ainda: parece que Deus está de acordo com tudo isso. Além de ser o sustentáculo econômico da Judeia e de sua elite (18 mil funcionários, sacerdotes, levitas e outros, mais a promoção do turismo religioso), o templo era o grande negócio do pequeno grupo de sumos sacerdotes, formado praticamente pela família de Anás. Vendiam os animais a preço acima do mercado e, em seguida, os recebiam de graça para sacrificar e queimar parte deles em honra de Deus, enquanto o restante sempre lhes pertencia.

Jesus não concorda com essa situação. João nos mostra Jesus usando um chicote.

Toca os animais e os vendedores para fora do templo. Manda que os vendedores de pombas tirem aquilo dali. Elas serviriam para as ofertas dos pobres, e era aí que se verificava a maior exploração, chegando o preço de um casal de pombos a ser cinco vezes maior do que nas aldeias. Os pobres, não tendo condições de oferecer a Deus ovelhas ou bois, sacrificavam pombos para os ritos de expiação e purificação, bem como para os holocaustos de propiciação (cf. Lv 5,7; 14,22.30s). Com esse gesto, Jesus inaugura os tempos do Messias. Zacarias previa um tempo em que o culto estaria plenamente isento da exploração do povo. Para João, esse tempo chegou com Jesus. A partir de agora ninguém mais poderá, mesmo que o faça em nome de Deus, defender um culto ou religião que sejam coniventes com a exploração do povo.

Para aprofundar esse aspecto, é preciso ter presente a situação econômica daquele tempo. Nessa época, a maioria das terras da Palestina estava nas mãos de latifundiários. Estes pertenciam à elite religiosa (sumos sacerdotes e anciãos) e moravam em Jerusalém. O sumo sacerdote era o presidente do Sinédrio, o supremo tribunal que condenará Jesus à morte. Três semanas antes da Páscoa, os arredores do templo se tornavam grande mercado. O sumo sacerdote enriquecia com o aluguel dos espaços para as barracas dos vendedores e cambistas. Os animais criados nos latifúndios eram conduzidos a Jerusalém e vendidos. A teologia veiculada pelo templo de Jerusalém é extremamente conservadora, isso porque os dirigentes do templo estão por trás de todo o comércio que nele se desenvolve.

Deus, o aliado dos sofrendores empobrecidos, sempre denunciou, por meio dos profetas, a exploração da religião. Ele é o Deus que ouve o clamor dos marginalizados. Mas a teologia veiculada pelo templo de Jerusalém afirma o contrário. Para ser ouvido, Deus precisa ser comprado mediante sacrifícios. A ira de Jesus tem toda razão de ser.



Os dirigentes, que se sentem lesados pelo gesto de Jesus, reagem. Eles o querem intimidar: “Que sinal nos mostras para agir assim?” (v. 18). Jesus lhes responde que sua morte e ressurreição serão o grande sinal: “Destruam este templo, e em três dias eu o levantarei” (v. 19). Temos aqui o centro do evangelho deste dia. Jesus não só aboliu os sacrifícios do templo de Jerusalém, mas decreta que o novo templo será o seu corpo, morto e ressuscitado. A essa altura o Evangelho de João já aponta para os responsáveis pela morte de Jesus.

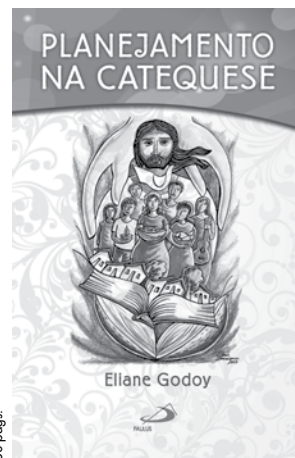
### 3. II leitura (1Cor 3,9c-11.16-17): A comunidade é santuário de Deus

Na comunidade de Corinto haviam surgido “panelinhas” em torno dos principais evangelizadores que por lá passaram: Paulo, Apolo, Cefas... (1Cor 1,12), o que gerava tensões na comunidade. Paulo, na primeira carta aos Coríntios, ajuda a entender melhor essa tensão comunitária. Mostra aos coríntios que Cristo é o centro da comunidade e sua razão de ser, ao passo que os agentes de pastoral não o são. Em outras palavras, Paulo, Apolo, Cefas e tantos outros evangelizadores são como que instrumentos que conduziram e conduzem os coríntios a Cristo. Esse tema aparece na carta em 1,10-17; 3,1-17; 4,1-13.

Um pouco antes (3,5), Paulo afirmou que ele e Apolo são servidores de Deus, por meio dos quais os coríntios foram conduzidos à fé, e cada um deles agiu conforme os dons que Deus lhe concedeu. Agora, porém, Paulo sente necessidade de falar da comunidade, comparando-a com uma lavoura e com uma construção (v. 9c). Ele, fundador da comunidade de Corinto, compara-se ao bom arquiteto que iniciou a construção, o grupo cristão naquela cidade. Outros agentes de pastoral, a seguir, deram sequência ao trabalho iniciado por ele. Foi o que aconteceu com Apolo e, provavelmente, Cefas. Todavia – garante Paulo –, o alicerce não pode ser mudado: Jesus Cristo. Ele é a razão de ser, o centro, a base sobre a qual

#### Planejamento na catequese

*Eliane Godoy*



80 págs.

A falta de planejamento, de conhecimentos metodológicos e de conteúdos articulados com começo, meio e fim desestimula os catequistas e catequizandos, além de enfraquecer a catequese. Faltando planejamento, tende-se a utilizar da improvisação como rotina, e não como exceção. A boa intenção é importante, mas a qualidade da catequese não pode depender apenas dela. A preparação e o planejamento adequados são necessários. Este livro oferece uma reflexão sobre a necessidade do planejamento, seus objetivos e possíveis resultados, como também dicas práticas e concretas para ajudar os catequistas na criação ou fortalecimento da habilidade de planejar.

Ilustrações: Maria Helena L. L. L.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





nasceu e se constrói a comunidade cristã. Ninguém pode mudar esse alicerce.

Paulo continua seu raciocínio: se a base-alicerce é Cristo Jesus, como definir a construção-comunidade que se ergue sobre essa base? Eis, então, que surge uma das grandes convicções de Paulo a respeito do perfil da comunidade cristã: “Vocês não sabem que são templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (v. 16). Certamente Paulo, na primeira fase da evangelização em Corinto, quando aí permaneceu por 18 meses (At 18,11), dissera essas coisas à comunidade nascente. Agora lhes recorda isso em forma de pergunta, e a resposta que os próprios coríntios deveriam dar é esta: “Sim, nós sabemos que somos templo de Deus. E sabemos que o Espírito dele habita em nós”.

### III. Pistas para reflexão

- *Fé e vida.* A verdadeira religião e a fé cristã são fonte de vida, conduzem-nos para a vida e a esperança, a transformação da aridez e das situações de morte em situações de vida. A vontade de Deus é que o mundo e todas as pessoas tenham vida em abundância. Se temos Deus no coração, empenhamo-nos pela concretização dessa sua vontade.

- *Contra a ingenuidade e a exploração religiosa.* O evangelho mostra que Jesus não compactua com uma religião que se torna simples fator econômico, explora e massacra os pobres. Ainda que se diga que isso é em nome de Deus, são coisas que não se sustentam diante da prática de Jesus e merecem acabar. A exploração da fé ingênua das pessoas termina à medida que essa fé deixa de ser tão ingênua e assume verdadeiramente Jesus como o centro.

- *Comunidade santuário.* A comunidade bem centrada em Jesus e coerente com seus ensinamentos e sua prática supera as tensões e adversidades e se torna santuário, fonte de vida para todos.

33º Domingo do Tempo Comum

16 de novembro

## Vigilância: o jeito sábio de viver

### I. Introdução geral

O tempo é dom de Deus. É a oportunidade que ele nos oferece para a realização de boas obras. Somos administradores do seu plano. Para isso, Deus dá a cada pessoa diferentes talentos. Ele pedirá contas do que fizermos ou deixarmos de fazer (evangelho). Portanto, é importante saber viver o tempo presente de modo digno, aguardando a vinda do Senhor. A vigilância é atitude sábia: permite que estejamos sempre à disposição da graça, prontos para o encontro definitivo com Deus, não importa quando e como ele venha. Com a vigilância vem a sobriedade, a maneira simples e transparente de viver, como fazem os “filhos da luz” (II leitura). As necessidades cotidianas, tanto materiais como afetivas, precisam ser supridas. A dedicação amorosa, retratada na mulher exemplar (I leitura), produz na família e na comunidade um clima de alegria e de confiança mútua. É preciso discernimento: o ser humano não pode ser avaliado pelo que produz, mas deve ser acolhido e amado pela sua dignidade. Todos, no entanto, devem contribuir para a construção do mundo justo e fraterno, sinal do Reino de Deus.

### II. Comentário dos textos bíblicos

#### 1. Evangelho (Mt 25,14-30): Para que servem os talentos?

O evangelho deste domingo faz parte do quinto e último discurso de Jesus (Mt 24-25), conforme o esquema literário de Mateus.



Está voltado para as realidades futuras, apontando a segunda vinda de Jesus como o evento norteador de todo comportamento no tempo presente.

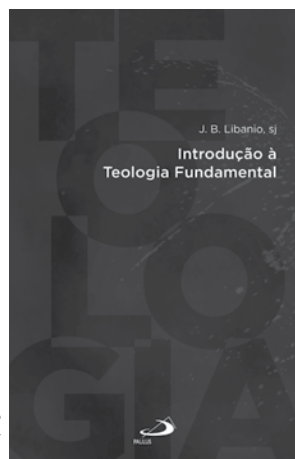
A parábola apresenta um homem que, ao viajar para o estrangeiro, chama seus três servos, confiando-lhes os seus bens. A cada um entrega os talentos conforme a sua capacidade. Mesmo o que recebe um talento tem em mãos algo de muito valor, considerando que o talento equivalia a aproximadamente 34 quilos de ouro. O centro da questão está na maneira como cada um aplica o que recebe do seu senhor. A forte reprimenda dada ao que enterrou o talento indica a chamada de atenção que os autores desejam fazer aos interlocutores. O que estaria acontecendo na comunidade cristã de Mateus, ao redor do ano 85, época da redação do seu evangelho?

Podemos suspeitar que, entre os judeu-cristãos, havia alguns que se acomodaram numa situação de fechamento e de indiferença para com o próximo. Considerando o conjunto do livro, percebemos a intenção fundamental que é a prática da justiça, não conforme a interpretação oficial da Lei, e sim conforme a vontade divina. Esta se realiza pela vivência do amor aos pobres e pequeninos. Parece que alguns judeu-cristãos ainda manifestavam extrema dificuldade de abrir-se à nova proposta inaugurada por Jesus. Permaneciam fechados num sistema religioso legalista e excludente. Não conseguiam conceber que o próximo também eram os estrangeiros, os doentes, os marginalizados e todas as pessoas em situação de necessidade.

Portanto, o personagem que enterrou o talento por medo do seu senhor representa as pessoas que permanecem na “segurança” do sistema em que se encontravam antes de sua adesão à fé cristã. Representa todas as que estão acomodadas em seu “ninho”, preocupadas apenas com o seu bem-estar e indiferentes ao sofrimento alheio. A comunidade toda é chamada a fazer render os talentos, isto é, agir

## Introdução à Teologia Fundamental

J. B. Libanio



224 págs.

A dimensão religiosa sofre fortemente o impacto da cultura. Por conseguinte, a cultura urbana moderna bate de cheio contra o imaginário tradicional, questionando-o ou mesmo desfazendo-o. Ao conhecer esse mundo cultural, ao menos de modo sumário, brotam perguntas à fé, às quais a Teologia Fundamental trabalha. Nessa introdução, J. B. Libanio abordou os elementos basilares dessa disciplina teológica, seu percurso histórico até a atualidade e suas perspectivas e desafios diante da evolução cultural e do quadro religioso contemporâneo.

Imagem meramente ilustrativa.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





de modo criativo, promovendo relações de justiça e fraternidade. Esse é o jeito certo de se preparar para a volta do Senhor.

Percebemos que a parábola não pode ser interpretada na ótica capitalista. Ela não foi contada para legitimar a produção econômica em vista do acúmulo de bens nas mãos dos esperados, e sim para corrigir as atitudes egoístas e encorajar a prática do amor e da justiça, superando os sistemas de poder que excluem a maioria da população. A proposta de Jesus é de inclusão de todos no seu Reino, e, para isso, ele conta com o empenho dos seus seguidores. Temos muitas e diferentes qualidades. Não podemos enterrá-las por egoísmo, medo ou comodismo.

## 2. II leitura (1Ts 5,1-6): Viver como filhos da luz

Um dos temas centrais da primeira carta aos Tessalonicenses diz respeito à segunda vinda do Senhor Jesus. Conforme se constata em vários outros textos do Segundo Testamento, a volta de Jesus ou o “dia do Senhor” é uma convicção de fé (cf. 1Cor 1,8; 5,5; Fl 1,6.10; 2,16...). As dúvidas referiam-se a quando e como se daria esse acontecimento. Paulo preocupa-se em orientar a comunidade cristã de Tessalônica, pondo ênfase no verdadeiro modo de se comportar neste tempo de espera. No que se refere à época da volta de Jesus, ela não deve motivar especulação por parte dos cristãos. Estes devem apenas ter consciência de que ele virá de surpresa. O próprio Jesus havia prevenido seus discípulos: “Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas... Felizes os servos que o Senhor, à sua chegada, encontrar vigilantes... Vós também estai preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que não pensais” (Lc 12,35-40).

A expressão “dia do Senhor” aparece também em vários textos do Primeiro Testamento. Refere-se à intervenção especial de Deus na história humana, normalmente com o objetivo de estabelecer um julgamento. Para Paulo, ter consciência da volta inesperada do Senhor

é de extrema importância, pois determina a maneira correta de viver a fim de, assim, não temer o julgamento divino. Todo momento é decisivo. Portanto, é necessário agir como o vigilante que não sabe a hora em que o ladrão vai chegar. Não podemos dormir!

Tessalônica era uma cidade portuária, capital da província da Macedônia, com grande fluxo de gente provida de várias partes do mundo. O ambiente social favorecia a multiplicação de propostas prazerosas que davam a sensação de “paz e segurança”. Viver acordados ou vigilantes significa ter o cuidado para não “dopar-se” com o modo de ser dos que querem “aproveitar o tempo” para a satisfação dos seus desejos egoístas; é vencer a insensibilidade e a indiferença para com as necessidades do próximo; é viver na sobriedade, na simplicidade e na transparência; enfim, é acolher Jesus Cristo, Luz que brilha nas trevas e Verdade que nos liberta de todo tipo de escravidão...

## 3. I leitura (Pr 31,10-13.19-20.30-31): O exemplo da mulher

O texto do qual foram tirados os versículos da primeira leitura (Pr 31,10-31) retrata uma visão patriarcalista, descrevendo a mulher na perspectiva masculina. No entanto, seguindo a indicação de algumas estudiosas da Bíblia, é preciso atentar para o fato de que esse texto conclui o livro de Provérbios. A conclusão está ligada ao início do livro, dedicado à reflexão sobre a sabedoria. A mulher e a sabedoria estão relacionadas. Nesse sentido, os versículos selecionados para a liturgia deste domingo visam contribuir para a reflexão sobre o bom uso do tempo.

A mulher é apresentada como alguém que tem extrema habilidade de gerenciar a sua casa; exerce ofícios diversos com destreza; é aplicada e sabe como adquirir os bens necessários para a família. Além disso, é sensível às necessidades alheias e sabe partilhar: “Estende a mão ao pobre e ajuda o indigente”. A conclusão revela a



característica de uma pessoa sábia: “Enganosa é a graça e fugaz é a formosura! A mulher que teme ao Senhor, essa merece o louvor...”.

O texto exalta, portanto, uma vida pausada no temor ao Senhor. É um dom do Espírito Santo. É a fonte de onde brota a sabedoria, com todas as suas boas ações. Quem teme a Deus faz de sua vida um dom que lhe agrada. Todas as coisas são transitórias, também a graça e a beleza. As obras da sabedoria, porém, duram para sempre, porque são expressões do amor. Como escreverá Paulo: “O amor jamais passará” (1Cor 13,8).

### III. Pistas para reflexão

- O tempo é dom de Deus para boas obras. Deus concedeu os talentos, de modo original, a cada um de nós. Ninguém está isento de contribuir para a construção de um mundo de fraternidade e justiça. Cada pessoa, conforme a sua capacidade, é chamada a fazer parte do grande mutirão a favor do Reino de Deus. O comodismo e a indiferença contradizem a fé cristã. É bom que cada um de nós se pergunte: que talentos recebi de Deus e de que modo os desenvolvo e aplico? Conforme a parábola de Mateus, o servo que enterrou seu talento o fez por medo do seu senhor. O contrário do medo não é a coragem, e sim a fé. Quais medos, hoje, impedem o testemunho de vida coerente com a fé e o seguimento de Jesus Cristo? Em nossa comunidade de fé (e também na sociedade), que boas ações precisam urgentemente ser feitas?

- *Viver como filhos da luz.* O tempo é sagrado. Caminhamos nesta terra ao encontro do Senhor. Não sabemos quando nem como será. São Paulo nos alerta sobre o que é realmente importante: viver cada momento de modo digno, como filhos da luz. Para isso, é necessária a atitude de vigilância. Se não estivermos acordados, poderemos ser arrastados pela tendência ao individualismo, à indiferença, à dro-

ga, à corrupção, ao hedonismo... Poderemos nos fechar em nosso mundo e nos desinteressar pelo sofrimento alheio, pela destruição do planeta... Somos capazes de vislumbrar quais são as consequências provenientes destas duas propostas: viver como filhos da luz e viver como filhos das trevas?

- *Com sabedoria e com amor.* Há muita gente que põe o sentido de sua vida nos bens transitórios. Podem ter tudo e faltar-lhes a sabedoria. A mulher apresentada na primeira leitura nos indica como viver com sabedoria: no temor ao Senhor, isto é, na submissão ao seu plano de amor. Tudo o que fazemos deve ser realizado com especial dedicação, pensando no bem da família e também das pessoas que passam necessidade. A vida nos foi dada não para sermos escravos do ativismo, e sim para louvarmos a Deus em tudo o que fizermos. Todo momento é propício para amar a Deus e ao próximo.

34º Domingo do Tempo Comum  
/Cristo Rei

23 de novembro

## Opção preferencial pelas pessoas excluídas

### I. Introdução geral

O tema central enfocado neste dia em que homenageamos a Jesus Cristo como Rei do Universo é o cuidado preferencial com as pessoas necessitadas. Na I leitura, pela boca do profeta Ezequiel, Deus se revela como o Rei-Pastor que vai ao encontro das ovelhas que se dispersaram por causa da negligência dos maus pastores, os líderes do povo. Ele as recolhe sob o seu cuidado direto. Dispensará a cada uma o tratamento necessário para a sua cura e integridade. O Evangelho de Mateus



apresenta a parábola do julgamento final. Jesus identifica-se com as diversas categorias de pessoas sofredoras. O amor a Jesus é sinônimo de amor a cada pessoa em situação de necessidade. É condição para passar no teste do juízo final. Na II leitura, são Paulo proclama aos cristãos de Corinto a fé na ressurreição, tendo Cristo como primeiro a ressuscitar. Nele, todos receberão a vida. Por Cristo, todos os poderes de morte serão destruídos, até que “Deus seja tudo em todos”. São indicações importantes para nós, hoje, chamados a viver de maneira digna do evangelho, ligando a fé com o compromisso social.

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. I leitura (Ez 34,11-12.15-17): Eu mesmo cuidarei do meu rebanho

A vocação profética de Ezequiel nasceu em pleno exílio da Babilônia (século VI a.C.). Sua profecia suscita esperança aos exilados, na certeza da volta para a terra prometida, de onde foram arrancados. O exílio é analisado teologicamente como resultado da infidelidade de Israel à aliança com Deus. A transgressão se dá, especialmente, pelo comportamento negligente das lideranças, conforme podemos constatar pelas denúncias contidas em Ez 34. Aqueles que deveriam ser os cuidadores do povo tornaram-se pastores de si próprios e abandonaram as ovelhas. Agora elas estão dispersas, longe de seu aprisco, à mercê dos aproveitadores estrangeiros. Nessa situação lamentável, Deus intervém de modo a prescindir da mediação das lideranças. É o que enfatiza o texto da liturgia deste domingo.

A caracterização de Deus como o verdadeiro Pastor é comum em vários outros textos do Primeiro Testamento. Por exemplo, rezamos e cantamos frequentemente o Salmo 23(22). Com base na situação cultural

da Palestina, onde o pastoreio é atividade cotidiana, os autores bíblicos extraem lições teológicas de especial significado para a fé judaico-cristã.

As pessoas empobrecidas depositam total confiança em Deus. Humilhadas e desprezadas por causa de sua condição social, entregam-se nas mãos daquele que as pode salvar. Desde a origem do povo de Israel, Deus revela-se como o “padrinho” dos abandonados. No contexto do exílio da Babilônia, ele vê a aflição do povo disperso, acolhe o seu grito e intervém para libertá-lo. Os verbos indicam a maneira como age o Bom Pastor: “Cuidarei do meu rebanho, dele me ocuparei, recolherei de todos os lugares, lhe darei repouso, buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a desgarrada, curarei a fraturada, restaurarei a abatida... Eu as apascentarei com justiça”.

Deus julga e age corretamente. Sabe perfeitamente discernir entre ovelhas e ovelhas, entre bodes e carneiros. Não tolera a exploração nem a dominação de uns sobre os outros. Todo o seu rebanho tem o mesmo direito às condições para uma vida digna e saudável. Deus se põe a serviço do povo sofredor: é o que também Jesus vai fazer, bem como deverão fazer os seus seguidores.

### 2. Evangelho (Mt 25,31-46): O amor que salva

O capítulo 25 de Mateus é formado por três parábolas cujo tema central é a vigilância: a das dez virgens, a dos talentos e a do julgamento final. As três descrevem as atitudes de prudência ou de insensatez com relação à espera da vinda do Senhor. Nessa última parábola, novamente, o cotidiano dos pastores da Palestina serve de fonte de inspiração.

Jesus, o Filho do homem, veio para salvar a todos os povos. Sua prática histórica indicou o verdadeiro caminho da salvação: fez-se servo de todos, dedicando-se priorita-



riamente às pessoas excluídas. Na concepção da comunidade cristã de Mateus, ele voltará como governante, de modo glorioso, para o estabelecimento definitivo do Reino de Deus. Todas as nações reunir-se-ão ao seu redor. Como verdadeiro Pastor, julgará com justiça. Os critérios de julgamento não serão a pertença a determinado povo (como pensava o judaísmo oficial), nem a esta ou àquela tradição religiosa, nem o cumprimento de todas as leis. Há uma só lei determinante, o amor às pessoas que sofrem necessidades: famintas, sedentas, forasteiras (migrantes), nuas, doentes e presas.

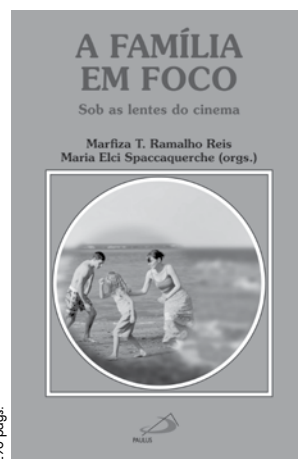
De acordo com o sistema sacerdotal da época, todos esses grupos faziam parte da categoria das pessoas impuras, que traziam o estigma da condenação divina. No entanto, Jesus conhecia muito bem as causas da exclusão social e jamais iria conceber a ideia de castigo divino. Pelo contrário, apresentou o verdadeiro rosto de Deus por meio de seu jeito terno e misericordioso de relacionar-se com as vítimas dos sistemas político e religioso.

A parábola também questiona: “Onde está Deus?” A ideia dominante é que Deus se encontra no templo de Jerusalém. No tempo em que Mateus escreve (pelo ano 85), o templo já não existe: fora destruído pelo exército romano no ano 70. Agora, para os rabinos, Deus está nas sinagogas e naqueles que cumpriam a Lei e, por isso, eram chamados de “justos”. Na parábola, as pessoas justas não são as que cumprem a Lei, e sim as que partilham o pão com os famintos, vestem os nus, acolhem os forasteiros, visitam os doentes e os presos...

Percebemos, então, que a justiça se confunde com a prática do amor ao próximo. Do mesmo modo, Deus e a pessoa necessitada estão em íntima relação: “O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”. Nem o templo, nem a sinagoga, nem a Lei são “lugares” privilegiados de encontro com Deus, e sim os “pequeninos”. Te-

## A família em foco

Marfiza T. Ramalho Reis  
e Maria Elci Spaccaquerche



296 págs.

Nas telas do Cinema e da TV, imagens surgem e nos revelam, sendo, portanto, necessário explorá-las para compreender um sentido mais amplo da cultura e sua relação com a psique. Consideramos a análise de filmes muito apropriada para compreendermos essas relações de tempo e espaço, assim como as ansiedades que emergem. Quando nos permitimos ser guiados por uma história, realizamos a nossa leitura, aquela de que precisamos. Existem muitas leituras, e nossa proposta neste livro é mostrar uma leitura, interpretar personagens e símbolos sem categorizá-los. Na verdade, este livro não é sobre cinema, nem sobre a família, e sim sobre películas com a temática “família”.

Imagens e memórias ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





mos a possibilidade de escolher o caminho de salvação ou de condenação. O Reino de Deus é amor, paz, justiça e fraternidade. Nele não há lugar para o egoísmo.

### 3. II leitura (1Cor 15,20-26.28): Em Cristo todos receberão a vida

Paulo, no capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios, dedica-se a refletir sobre a verdade da ressurreição, o fundamento da fé cristã. Ele parte da ressurreição de Cristo, fato que vai além de qualquer dúvida. Assim como a morte entrou no mundo por meio da transgressão de Adão, a ressurreição nos é dada pela fidelidade de Cristo. Sofremos as consequências do pecado, mas em Cristo recebemos a graça salvadora. Nele a vida foi definitivamente resgatada. Ele tomou sobre si a nossa natureza humana pecadora e nos redimiu.

A história da salvação continua até a parúsia. O pecado, com suas consequências, será definitivamente destruído. Todas as coisas serão submetidas a Jesus e ao Pai. Então “Deus será tudo em todos”. A redenção, portanto, é graça divina para toda a humanidade e para toda a criação. De fato, formamos uma fraternidade cósmica.

A convicção de fé na ressurreição, bem como a certeza da graça redentora de Jesus Cristo, dá novo colorido aos nossos pensamentos, palavras e ações. Podemos entrar na dinâmica do Espírito e nos deixar transformar segundo a imagem de Cristo. Podemos viver cada momento na perspectiva da vida eterna e nos relacionar de modo fraterno com todas as pessoas e com todas as criaturas.

### III. Pistas para reflexão

- *Deus é o Bom Pastor que cuida de cada um de nós.* O profeta Ezequiel, no meio do povo exilado, suscitou um movimento de esperança e de confiança em Deus. O povo disperso não precisa cair no desespero, pois, sempre que alguém se encontra em situação de sofri-

mento, Deus intervém de maneira especial. Ele é o governante justo que zela pela vida e pela integridade de cada ser humano. Garante comida, saúde e paz para todos. É o Pastor que busca as ovelhas desgarradas e orienta as que estão sem rumo, trazendo-as para junto de si. Em quem depositamos nossa esperança hoje? Existem ovelhas desgarradas em nossa comunidade? E o que fazemos para zelar pela vida uns dos outros?

- *A pessoa necessitada: lugar privilegiado de encontro com Deus.* O Evangelho de Mateus fala do julgamento final. Jesus, rei do universo, age com justiça. Identifica-se com as pessoas excluídas. O amor concreto aos que sofrem é o caminho garantido de encontro com Deus e de salvação eterna. Todas as pessoas, de todas as religiões e culturas, podem escolher o caminho do amor, dedicando-se à promoção da vida digna sem exclusão. Em nossos dias, há muitos rostos de pessoas sofredoras. Podemos listá-los de acordo com a realidade de cada comunidade (podemos também conferir o *Documento de Aparecida*, n. 65).

- *Viver na perspectiva da vida eterna.* Formos redimidos por Jesus. Com ele ressuscitaremos. O pecado e a morte são vencidos em Cristo. Desde já, podemos viver de tal maneira que “Deus seja tudo em todos”. Como será o cotidiano de uma pessoa que vive essa convicção de fé?

1º Domingo do Advento

30 de novembro

## A argila nas mãos do oleiro

### I. Introdução geral

Estamos iniciando novo ano litúrgico, entrando no Advento, tempo de renovar as esperanças, na expectativa da vinda de Jesus.



“Vigiai!” é a advertência do próprio Jesus a seus discípulos. Todo momento é propício para acolher o Salvador. Que ninguém seja surpreendido (evangelho). O amor de Deus se manifestou na história do povo de Israel e, de forma plena, por meio de Jesus Cristo. Séculos antes do nascimento de Jesus, o povo dirigia-se a Deus como Pai e Redentor. Mesmo com as infidelidades dos seus filhos, o Pai permanece fiel à aliança de amor. Ele perdoa e protege os pecadores arrependidos; está próximo de quem pratica a justiça e age em favor de quem espera nele. Deus Pai nos educa e nos transforma: nós somos a argila, e ele é o oleiro (I leitura). Sua graça foi derramada abundantemente sobre todos nós por meio do seu Filho, Jesus. Paulo constata o efeito dessa graça no comportamento dos cristãos de Corinto. Também a nós, hoje, Deus concede todos os dons para sermos irrepreensíveis na esperança da plena revelação de Cristo (II leitura). Conduzidos pelo espírito da palavra de Deus contida nas leituras deste domingo, preparamo-nos de modo digno para o Natal, voltando ao caminho do amor e da fidelidade a Deus e ao próximo.

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. Evangelho (Mc 13,33-37): Vigiai, vigiai, vigiai!

Nos últimos domingos, os textos do evangelho enfatizaram o tema da vigilância. Mergulhados no clima das primeiras comunidades cristãs, os evangelistas orientam para o modo digno de viver na expectativa da segunda vinda de Jesus. Também hoje, o Evangelho de Marcos insiste na atitude de vigilância. É tema oportuno para o início de novo ano litúrgico e a entrada no tempo do Advento.

O acontecimento histórico que está por trás das reflexões contidas no capítulo 13 de Marcos é a destruição do templo e da cidade

### Percorramos os caminhos da Paz

Papa Francisco



144 págs.

“Uma corrente de esforço pela paz possa unir todos os homens e mulheres de boa vontade. É o forte e premente convite que dirijo a toda a Igreja Católica, e que estendo a todos os cristãos de outras confissões, aos homens e mulheres de qualquer religião, e também aos irmãos e irmãs que não creem: a paz é um bem que supera qualquer barreira, porque é um bem de toda a humanidade. A cultura do encontro e do diálogo é o caminho para a paz.” Papa Francisco

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**



Integração e movimento de ilustrações.



de Jerusalém pelo exército romano, no ano 70. Foi enorme o impacto dessa catástrofe, que arrasou os símbolos maiores da fé judaica, provocou a morte de muita gente e forçou a fuga de quem havia conseguido se salvar. Muita gente do povo foi pega de surpresa.

A comunidade de Marcos extrai desse acontecimento, à luz da fé em Jesus Cristo, importantes lições que orientam o modo de viver dos cristãos. Trata-se de uma exortação para a vigilância. Por três vezes, nesse pequeno texto, aparece o imperativo: “vigiai!”.

Como em vários outros momentos, o evangelista faz uso da parábola (recurso que Jesus deve ter usado frequentemente) para despertar a atenção e levar à reflexão e a conclusões pessoais. Os “servos” e o “porteiro” são os membros da comunidade, convocados a não “adormecer” (seduzidos pelas propostas de um mundo afastado de Deus) nem desanimar diante das perseguições e de todos os tipos de dificuldades. Uma dessas dificuldades, evidentes no Evangelho de Marcos, é a disputa interna pelo poder, como podemos constatar nos três anúncios da Paixão (8,31-38; 9,30-37; 10,32-45). Jesus insiste na prática do serviço: “Aquele que dentre vós quiser ser grande seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós seja o servo de todos” (10,43-44). Quem leva a sério essas palavras de Jesus é “servo vigilante”. Não precisa temer a hora em que voltará o Senhor...

A parábola termina com a frase: “O que eu vos digo, digo a todos: vigiai”. Portanto, a exortação de Jesus é, em primeiro lugar, para os discípulos que se encontram ao seu redor e a todos os que viriam depois deles. Hoje é dirigida a todos nós que temos a graça de ouvi-la e praticá-la.

## 2. I leitura (Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7): Deus é nosso Pai e nosso Redentor

Esse texto do Terceiro Isaías consiste numa súplica dirigida a Deus, na qual o povo confes-

sa os seus pecados e reconhece a soberania divina conforme foi revelada na história de Israel. A situação que transparece é de desolação nacional. Somente a intervenção de Deus poderá salvá-lo. Não seria a primeira vez: em muitos outros momentos de desgraça, Deus ouviu o clamor do seu povo. Nesse sentido, a memória histórica funciona como importante elemento de animação da esperança.

A época da redação do Terceiro Isaías é em torno do ano 420 a.C. A comunidade judaica pós-exílica está organizada sob o domínio dos persas. O templo está reconstruído e o sistema sacerdotal de pureza está imposto. Boa parte da população sofre as consequências da exploração econômica e é excluída do templo por ser considerada impura.

O texto que hoje meditamos reflete a perplexidade desse povo socialmente pobre e religiosamente excluído. A esperança está em Deus. Ele é Pai e Redentor. O termo hebraico *go'el* (redentor) faz parte da tradição histórica de Israel: é aquele que resgata a dívida dos pobres. Se o sistema religioso oficial rejeita os “impuros”, Deus os acolhe, perdoa e redime. O texto reivindica o governo direto de Deus, transcendendo as mediações humanas. Os justos não são os que seguem o legalismo do templo, e sim os que depositam a confiança em Deus. O Deus de Israel sempre agiu a favor dos que esperam nele. “Tu te achegaste àquele que, cheio de alegria, pratica a justiça; aos que, seguindo pelos teus caminhos, se lembram de ti” (Is 64,4a).

A experiência do povo, porém, naquele momento, é marcada pela sensação de estar abandonado pelo próprio Deus. Ainda assim, o povo não abdica da confiança. A súplica transforma-se em arrependimento pelas transgressões, com firme propósito de emendar-se e deixar-se moldar por Deus Pai: “Tu és nosso Pai, nós somos a argila; e tu és o nosso oleiro, todos nós somos obras de tuas mãos” (64,7). Essa bela confissão pode muito bem tornar-se, para cada um de nós, um caminho de espiri-



tualidade neste tempo de Advento e na caminhada ao encontro definitivo com Deus.

### 3. II leitura (1Cor 1,3-9): Deus nos chama à comunhão

Paulo manifesta sua alegria diante do testemunho cristão revelado pela comunidade de Corinto. Ao longo da carta, ele oferecerá diversas orientações para o crescimento ainda maior dos participantes daquela igreja. Já na introdução, expressa uma ação de graças a Deus e incentiva os cristãos à fidelidade ao Senhor Jesus Cristo. A comunidade de Corinto era formada, em sua maioria, por gente que não era sábia segundo a lógica do mundo, não era poderosa e não tinha prestígio social. Em outras palavras, eram pessoas consideradas sem valor (cf. 1Cor 1,26-27). Então, quais são os motivos da ação de graças?

Os motivos que Paulo enumera são vários: ele diz que a comunidade acolheu “a graça de Deus dada através de Jesus Cristo”; também diz que Jesus cumulou a comunidade “de todas as riquezas: da palavra e do conhecimento”; alegra-se ainda porque “o testemunho de Cristo tornou-se firme a tal ponto que não falta nenhum dom”. É também uma comunidade que está vigilante, à espera da “revelação de nosso Senhor Jesus Cristo”.

São motivos de exultação para Paulo, pois foi ele que primeiramente anunciou o evangelho em Corinto, ao redor do ano 50. Estabeleceu-se por lá, na casa de Priscila e Áquila, durante um ano e meio. Fez questão de trabalhar para não depender da ajuda alheia. Aprendeu a renunciar ao egoísmo farisaico para seguir a Jesus Cristo crucificado, unindo-se aos “crucificados” da sociedade. Organizou a comunidade cristã... Agora, Paulo, cinco anos depois, encontra-se em Éfeso e recebe a notícia de que a comunidade continua viva e atuante.

Então, Paulo, como bom evangelizador, não perde a oportunidade de animar os seus filhos espirituais, dizendo que Cristo os “for-

talescerá até o fim, para que sejam irrepreensíveis”. E lembra-lhes qual vocação receberam de Deus: a comunhão com Jesus. A “comunhão” é o que caracteriza as famílias e as comunidades cristãs. É o jeito de ser das pessoas que seguem a Jesus. A fé e a unidade andam juntas.

### III. Pistas para reflexão

- *Somos servos vigilantes?* Jesus sabe que enfrentamos dificuldades de toda espécie no caminho da santidade. Vivemos pressionados por muitas propostas atraentes e enganosas. Não podemos “dormir”, como quem se deixa levar pelo espírito de alienação, indiferença e acomodação. O evangelho que ouvimos insiste na atitude da vigilância. O servo vigilante é aquele que vence o egoísmo pela prática do amor-serviço. O tempo de Advento é propício para avaliar as nossas atitudes cotidianas: somos servidores “vigilantes” ou somos egoístas “dorminhocos”?

- *Somos argila nas mãos do Oleiro?* Temos a oportunidade de participar deste tempo de graça que é o Advento. Não podemos desperdiçá-lo com distrações que nos desviam do essencial: acolher Jesus Cristo de forma digna. O texto de Isaías nos lembra que Deus é nosso Pai querido: ele nos criou e nos educa. Quando erramos e nos arrependemos, ele nos perdoa. Ele é o Redentor (*go’el*) que assume as nossas dívidas e nos oferece nova oportunidade para sermos pessoas verdadeiramente livres. Sejam como a argila nas mãos do oleiro: Deus nos corrige, molda-nos, transforma-nos e nos realiza plenamente. O que está impedindo a ação do divino Oleiro em nossa vida? Quando e como estamos manifestando resistência à sua graça?

- *Vivemos em comunhão?* São Paulo alegrou-se profundamente com o testemunho cristão da comunidade de Corinto. Ressaltou o chamado que Deus nos faz para viver e promover a “comunhão”. Certamente conhe-



ceamos as consequências de uma comunidade desunida e também os ótimos frutos produzidos por uma comunidade unida... A preparação para o Natal não pode ser apenas pessoal, mas também familiar e comunitária: como estamos vivendo a comunhão com Deus e entre nós?

2º Domingo do Advento  
7 de dezembro

# Preparai o caminho do Senhor

## I. Introdução geral

Os textos bíblicos da liturgia deste 2º domingo do Advento são uma convocação à mudança de vida. O povo de Israel, em pleno exílio da Babilônia, faz a experiência da misericórdia de Deus, que, por meio do profeta Isaías, se revela como aquele que perdoa toda iniquidade e cuida com carinho de cada um de nós. A certeza do perdão e do cuidado de Deus traz consolo, revigora as forças e projeta novo futuro para o povo (I leitura). João Batista, o precursor de Jesus, prepara-lhe o caminho, “proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados”. O seu testemunho pessoal indica o verdadeiro modo de preparar-se para a vinda de Jesus: viver humildemente, anunciando a grandeza e a bondade do Senhor (evangelho). Jesus é o amor de Deus que se fez carne para a salvação de toda a humanidade. Ele usa de paciência para conosco e “não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a converter-se”. Esse tempo histórico em que vivemos pode transformar-se em tempo de salvação (II leitura). São palavras que nos encorajam a renovar a confiança no amor misericordioso

de Deus e a reconduzir nossos passos no caminho do bem e da vida plena.

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. I leitura (Is 40,1-5.9-11): Consolai, consolai meu povo

Esse texto corresponde ao início da profecia de Isaías Segundo (Is 40-55). É um movimento de animação da esperança, suscitado por Deus, no meio do povo exilado na Babilônia, ao redor do ano 550 a.C. Com entusiasmo poético, o profeta anuncia novo êxodo: o povo de Israel será libertado e reintroduzido à terra que Deus concedera aos antepassados. Assim como o clamor do povo escravizado no Egito chegou aos ouvidos do Senhor, também o sofrimento do povo exilado é conhecido por Deus. O profeta avalia-o como um sofrimento expiatório. Deus acolhe e apaga toda culpa. Na sua bondade, perdoa-lhes todos os pecados e os livra de todo mal.

Assim como no primeiro êxodo Deus havia libertado os escravos das mãos dos opressores egípcios e os conduzido à terra prometida, também agora ele os livrará da opressão da Babilônia e os conduzirá à sua pátria. Assim como no primeiro êxodo o deserto constituiu caminho de libertação para o povo, guiado pelo próprio Deus, também agora serão conduzidos pela mesma mão divina. Toda barreira será vencida e toda dificuldade transposta. No horizonte: um tempo de bênçãos.

O Senhor vem ao encontro do seu povo como o pastor em busca de suas ovelhas. Ele as reúne, tomando no colo as que necessitam ser carregadas. Deus é o resgatador da vida ameaçada e o cuidador das pessoas enfraquecidas e indefesas. Nisto consiste a sua glória: a vida do povo.



Teologicamente, esse segundo êxodo aponta para um horizonte ilimitado, a libertação em plenitude. Ela acontecerá com a vinda de Jesus Cristo, o Emanuel – “Deus-conosco”. Como em terceiro e definitivo êxodo, ele nos põe em marcha, na certeza não apenas das libertações históricas, mas da salvação eterna. O Advento é tempo de vencer as resistências e pôr-se em caminhada, celebrando a presença salvadora de Deus.

## 2. Evangelho (Mc 1,1-8): Preparai o caminho do Senhor

Marcos apresenta o “princípio do evangelho de Jesus Cristo” – o alegre anúncio do Filho de Deus que assumiu a condição humana. A palavra “princípio” vai além do sentido cronológico. Indica nova origem, novo tempo inaugurado por Jesus. Ele vem para dar início à nova criação. João Batista é o mensageiro que vem preparar-lhe o caminho.

De acordo com a tradição judaica, o Messias seria precedido por Elias (cf. Ml 3,23). Marcos respeita essa tradição, apresentando João Batista como o novo Elias. Sua missão é comprovada por meio da citação de dois textos da Primeira Aliança (Ml 3,1 e Is 40,3). Sua mensagem é ousada; ele fala no mesmo espírito de Elias. É verdadeiramente um profeta. E até “mais do que um profeta”, como dirá Jesus (Lc 7,26). Sua pregação no deserto corresponde ao anúncio de um tempo de graça e libertação. O deserto, na história de Israel, constituiu lugar teológico da manifestação de Deus tanto no primeiro como no segundo êxodos (cf. comentário da I leitura); constituiu caminho pedagógico de conversão do povo ao projeto de Deus. Também agora, com João Batista, o “deserto” é o espaço/tempo de arrependimento e de conversão. A intervenção salvadora de Deus vai se dar por meio do seu Filho, Jesus Cristo.

O batismo de João indica o início de novo movimento que será levado à plenitude por

### A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl

Thiago Antonio Avellar de Aquino



96 págs.

Por meio da análise existencial, Viktor Frankl descobriu uma religiosidade inconsciente, ou seja, uma relação intencional para com Deus velada para a consciência do homem moderno. Essa compreensão apenas pôde ser captada e sintetizada por um autor que fosse de fato uma pessoa profundamente sensível ao fenômeno religioso, o que permitiria vislumbrar e reintegrar a religiosidade em uma dimensão saudável do ser humano. Nessa perspectiva, o presente livro teve como principal escopo compreender o significado da religião e da religiosidade para a logoterapia e identificar as principais implicações nas concepções de homem e de mundo.

Imagem meramente ilustrativa.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





Jesus. Enquanto João batiza com água, Jesus batizará com o Espírito Santo. O batismo de João está associado à confissão e ao perdão dos pecados. A imersão na água constituía rito purificador com consequente transformação do coração, conforme se percebe nas palavras do profeta Ezequiel: “Borrifarei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei coração de carne” (Ez 36,25-26).

João Batista deve ter causado profunda impressão aos olhos dos que o conheceram. Vários se fizeram seus discípulos. Chegou a ser considerado o Messias esperado. O texto de Marcos corrige essa concepção. O Messias é Jesus. Seu batismo é com o Espírito Santo, isto é, sua prática é produzida de acordo com a dinâmica eficaz do Espírito Santo. Ele vem combater todas as forças demoníacas. Diante dele, João Batista apresenta-se como um servo indigno de desatar-lhe as correias das sandálias. Jesus é “mais forte”. Percebe-se aqui o eco das palavras de Isaías (9,5): “Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: *Conselheiro-maravilhoso*, Deus-forte, Pai-para-sempre, Príncipe-da-paz”.

A atitude de humildade e de serviço de João Batista diante de Jesus torna-se modelo e caminho para todos os que desejam celebrar o Natal de uma maneira coerente com a fé cristã. O convite que nos é lançado é de mudança de vida. “Dobrar-se” perante Jesus é não desperdiçar a graça da salvação que entra definitivamente na história humana.

### 3. II leitura (2Pd 3,8-14): Para que ninguém se perca

A segunda carta de Pedro pode ser considerada um “testamento”. Atribuída ao apóstolo Pedro, oferece conselhos às comunidades cristãs espalhadas pelo império ro-

mano no início do segundo século, orientando-as para viverem na fidelidade à tradição apostólica. Diversas situações estão desencorajando os cristãos a permanecer na fé que receberam das primeiras testemunhas da vida e da proposta de Jesus.

Uma dessas situações diz respeito à fé na segunda vinda de Jesus. A expectativa da iminência da sua volta já não é tão grande. Um grupo de pregadores trata da questão com zombaria, dizendo: “Não deu em nada a promessa de sua vinda... Tudo continua como desde o princípio da criação” (3,4). O texto deste domingo rebate as ideias desses falsos pregadores. Argumenta que não é uma questão a ser medida pela lógica humana. Os cálculos humanos não conseguem penetrar os desígnios divinos. Seus pensamentos e seus caminhos não são os nossos (cf. Is 55,8-9). A atitude a ser tomada é de nos abandonar, com toda a confiança, ao plano salvador de Deus.

O texto reafirma a volta de Jesus numa nova dimensão de tempo: “Para o Senhor, um dia é como mil anos e mil anos como um dia”. O tempo aqui é entendido em seu sentido “caiológico”. Este tempo cronológico, tão fugaz, pode se transformar em caiológico, propício para acolher a salvação que Deus nos oferece gratuitamente. O tempo do relógio é a oportunidade que Deus nos dá para entrarmos na dinâmica do “tempo eterno”. Deus usa de muita bondade e paciência para conosco “porque não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a converter-se”. A primeira carta a Timóteo (2,4) completa: “Ele quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”. O nosso empenho cotidiano, portanto, não é fantasiar sobre quando ou como será o fim do mundo e a volta de Jesus, mas viver na santidade e na justiça, contribuindo para que já neste mundo seja concretizada a sua proposta de vida em abundância, conforme anunciada no evangelho.

### III. Pistas para reflexão

- *Sempre a caminho.* Deus se revelou na história do povo de Israel em caminhada pelo deserto. Também suscitou a esperança do povo exilado na Babilônia, anunciando-lhe novo êxodo. Jesus se tornou o caminho para todas as pessoas que nele acreditam. Nós também somos peregrinos neste mundo, sempre em caminhada. Todos nos encontramos na condição de êxodo, isto é, em caminho para uma vida sempre melhor: mais justa, mais fraterna, mais santa... Nesta caminhada, temos a certeza do “Deus-conosco”. Ele nos educa, orienta, perdoa, encoraja... Ele cuida de cada um de nós como o pastor cuida de suas ovelhas, carregando no colo as mais frágeis. Preparar-se para o Natal é fazer o êxodo pessoal, familiar e comunitário: mais bondade, mais sinceridade, mais atenção, mais justiça, mais amor, mais fé, mais esperança, mais... Isso implica menos correrias, menos consumismo, menos...

- Aos pés de Jesus. João Batista preparou-se para a vinda de Jesus por meio de uma vida simples. Deu testemunho de humildade e serviço. Sentiu-se indigno de ser um escravo de Jesus para desatar-lhe as correias das sandálias. Sua vida foi uma denúncia contra o consumismo e a busca de poder. Sua pregação visava à confissão dos pecados, à conversão e ao perdão divino. O batismo era o sinal externo da disposição interna de purificação e mudança de vida. Preparar-se para o Natal do Senhor é prestar atenção na vida e na mensagem de João Batista. É renovar as promessas do nosso batismo. É “dobrar-se” aos pés de Jesus e renunciar a toda espécie de egoísmo...

- O tempo passa: é preciso saber viver. Para Deus, “mil anos são como um dia...”. Dizemos que o tempo passa sem que percebamos. O tempo do relógio, nós o perdemos mesmo contra a nossa vontade. Porém, dentro do tempo cronológico, podemos viver o tempo cairológico, o tempo de Deus, que “não quer que ninguém se perca, mas que todos

#### Josefina Bakhita

#### O coração nos martelava no peito

Roberto Italo Zanini (Org.)



96 págs.

“Uma pérola negra, africana, está incrustada na coroa da glória de Deus. Bakhita é para nós todos o testemunho dos mais doces atributos de Deus: o seu fiel e eterno amor, a sua misericórdia e compaixão, a sua infinita bondade. Bakhita, precisamente para nós, fala da absoluta liberdade de Deus nas suas escolhas, com preferência privilegiada pelos pobres e humildes. A vida de Bakhita, antes no Sudão, depois na Itália, é a história do amor de Deus que salva e redime, que ergue do monturo os pobres, para fazê-los assentar-se entre os grandes do seu povo. Ela nos ajuda a iluminar o mistério pascal: o mistério da grande passagem da morte para a vida, da escravidão para a liberdade, do desespero para a esperança.”  
Cardeal Gabriel Zubier Wako, arcebispo de Cartum, Sudão.

Introdução, apresentação e ilustrações.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





venham a converter-se”. Depende de nossas escolhas: ou “perdemos tempo” com superficialidades que nos satisfazem apenas momentaneamente (e não faltam “pregadores” para nos convencer disso), ou “ganhamos tempo” com o cultivo de valores eternos que nos realizam plenamente... O tempo cronológico do Advento é propício para a tomada de decisões que transformem a nossa vida inteira em tempo cairológico, de graça e salvação.

3º Domingo do Advento

14 de dezembro

# Jesus é a luz verdadeira

## I. Introdução geral

Nas leituras deste domingo, transpira alegre expectativa. O Salvador vem! O testemunho de João Batista não deixa dúvidas de quem é Jesus: a luz verdadeira que vem iluminar todo ser humano. Com a missão de preparar a sua vinda, João Batista nos convoca a “endireitar o caminho do Senhor” (evangelho). Jesus é o Messias, o ungido de Deus, enviado ao mundo “para trazer a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a liberdade aos oprimidos, para libertar os presos e anunciar o ano da graça do Senhor...” (I leitura). O amor gratuito de Deus manifestado em Jesus Cristo nos enche de alegria e confiança; somos tomados pelo sentimento de gratidão. Em oração e em ação de graças, acolhemos a vontade divina e nos esforçamos para viver na santidade (II leitura). É preciso aguçar os ouvidos e abrir o coração para que a palavra de Deus penetre em cada um de nós a fim de se desdobrar em boas obras. Quando uma pessoa se decide convictamente a viver na luz de Jesus, passa também a iluminar o mundo...

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. Evangelho (Jo 1,6-8.19-28): O testemunho de João Batista

O prólogo do Evangelho de João apresenta Jesus como a Palavra que existe desde sempre, pois ele é Deus. Por meio dela, tudo foi feito. “Nela estava a vida, e a vida era a luz dos seres humanos. Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la... E a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (1,4-5.14). Quem poderia acreditar nessas afirmações?

Um homem, enviado por Deus, vem para testemunhar essa verdade. Seu nome é João, que significa “Deus é favorável”. O seu testemunho é verdadeiro, pois não é dado por algum interesse pessoal, mas pelo cumprimento de uma missão divina. Em sua humildade, ele nega ser Elias ou algum dos profetas. No entanto, ele “foi enviado”, assim como os profetas eram enviados por Deus para proclamar a sua vontade ao povo. Alguns deles anunciaram a vinda do Messias. João Batista completa a profecia do Primeiro Testamento, bem próximo à vinda do Messias, preparando-o o seu caminho.

O testemunho fala alto. A pregação que sai da boca de quem vive o que fala penetra fundo no coração dos ouvintes. O testemunho de João Batista era tão forte, que muitos achavam que ele fosse a verdadeira luz. Possuía uma autoridade especial, sem a delegação do sistema religioso centrado no templo. Isso provocou ciúme nas autoridades religiosas e também preocupação, por causa do seu poder de atrair multidões. Por isso, os judeus de Jerusalém enviavam uma comissão de sacerdotes e levitas para investigar quem é João Batista. Ele esclarece: “Eu não sou o Cristo”. Ao negar também ser Elias ou qualquer outro profeta, está renunciando a entrar na forma institucional para permanecer livre e fiel à missão de precursor do verdadeiro Messias, que vem de forma



transgressora e contrária à expectativa oficial.

A postura firme e coerente de João Batista, que culminou com o seu martírio, tornou-se para as primeiras comunidades cristãs um sinal de luz muito forte. Ao redor dele formou-se um movimento de seguidores. Foi necessário dirimir as dúvidas a respeito da sua identidade e missão. João Batista “não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz”. Ele não é um obstáculo ou uma sombra, mas reflexo da grande luz. Seu ministério possui imensurável importância: proporcionar a acolhida do dom da fé no Messias verdadeiro.

O evangelho fundamenta a missão de João Batista no texto do Segundo Isaías (40,3): ele é “a voz que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor”. Os que entortaram o caminho do Senhor foram as autoridades judaicas, ali representadas pela delegação de sacerdotes e levitas. Elas vão se opor radicalmente a Jesus, tentando impedi-lo de exercer o seu ministério. É preciso ouvir a voz da profecia que clama no deserto. Pelo deserto, apoiado na certeza da presença de Deus, o povo foi abrindo o caminho para a terra de liberdade e vida. A presença salvadora de Jesus Cristo abre caminho para um novo mundo: depende de nossa acolhida e adesão à sua proposta. A voz da profecia – conforme o testemunho e a pregação de João Batista – incomoda quem não deseja mudanças. É para a nossa conversão e consequente adesão a Jesus como nosso salvador que João Batista foi enviado...

## **2. I leitura (Is 61,1-2a.10-11): O Espírito Santo nos ungiu**

O movimento profético de Isaías Terceiro (Is 56-66) emergiu no período do pós-exílio (ao redor do ano 500 d.C.). A situação do povo é conturbada. Há sérios conflitos entre os que voltaram do exílio e os que permaneceram na terra de Judá. Um pequeno grupo se impõe com o apoio do governo persa, arrogando-se o direito de tomar posse da terra.

Uma elite sacerdotal reconstrói o templo e organiza o sistema de pureza. O povo é oprimido e cada vez mais empobrecido sob a obrigatoriedade de pagamento de impostos tanto aos persas como ao templo.

O grupo profético toma posição a favor dos pobres. Sente-se vocacionado por Deus e ungido pelo Espírito Santo para fortalecer o ânimo e a esperança das pessoas vítimas do poder político e religioso. Pelas categorias citadas, descobrimos a condição social dessa gente: são pobres, possuem coração ferido, são pessoas oprimidas e são presas. A elas Deus envia o profeta com a missão específica de anunciar a boa notícia, curar, proclamar a liberdade e libertar. É Deus intervindo na história humana para resgatar a vida onde ela está sendo ameaçada.

A utopia que move esse movimento profético é uma sociedade justa e fraterna, como foi no tempo do tribalismo israelita. É o que se constata pela referência à promulgação do “ano da graça do Senhor”: diz respeito à celebração do ano jubilar, com a tomada de medidas para a repartição da terra às tribos, o perdão de todas as dívidas e a libertação dos escravos, a fim de que não houvesse pessoas excluídas. Essa utopia serviu de matriz inspiradora para a ação do grupo profético do Terceiro Isaías, comprometido com a organização de uma sociedade justa. Sua concepção de Deus contrapõe-se à dos sacerdotes do templo. É outra teologia, que emerge do lugar social das pessoas injustiçadas. Jesus se alimentou dessa teologia comprometida com a vida em abundância para todos. Conforme vai relatar o Evangelho de Lucas (4,18-19), é exatamente esse texto de Isaías (61,1-2a) que Jesus vai assumir como síntese reveladora de sua missão.

A segunda parte dessa I leitura (61,10-11) consiste num hino de louvor e alegria pela certeza do agir libertador de Deus junto a seu povo. Vislumbra-se a realização da utopia de um novo mundo, porque Deus assim o quer. “Eis que vou criar um novo céu e uma



nova terra” (Is 65,17). O povo, ungido pelo Espírito de Deus, sente-se renovado: vestido com vestes de salvação, coberto com o manto da justiça, preparado para a celebração de um novo casamento. Deus, sempre fiel à aliança, “faz germinar a justiça e o louvor em todas as nações”. A vinda de Jesus é a realização desse sonho...

### 3. II leitura (1Ts 5,16-24): Alegrai-vos sempre

Em sua primeira carta aos Tessalonicenses (que também é o primeiro escrito canônico do Segundo Testamento), Paulo demonstra preocupação especial com o comportamento da comunidade cristã, que vive a expectativa da vinda de Cristo. Ele usa a palavra “parúsia” (“vinda”), que, na cultura greco-romana, designa a chegada solene de uma pessoa ilustre. Nesse caso, refere-se à volta triunfal de Jesus.

Paulo exorta os cristãos a viver preparados para a *parusia*, que se dará de forma repentina. Em que consiste essa preparação? Pode ser resumida neste apelo: “Vede que ninguém retribua o mal com o mal; procurai sempre o bem uns dos outros e de todos” (5,15). Tendo por fundamento o amor fraterno, a comunidade não precisa temer. Pelo contrário, pode alegrar-se sempre. Na certeza do encontro com o Senhor, deve orar incessantemente, dando graças a Deus.

A alegria do cristão é contínua e funda-se na fé no Senhor Jesus. Ela não depende de circunstâncias externas; mesmo num mundo hostil, permanece viva. A alegria constante está intimamente ligada ao hábito da oração, num espírito de ação de graças a Deus, fonte de todo bem. É de sua vontade que estejamos conscientes disso e levemos uma vida de gratidão. Ele nos dá o Espírito Santo com seus dons; ele suscita profecias, isto é, maneiras diversas de instruir para edificar e para discernir o que é bom. Paulo continua com tom imperativo: “Guardai-vos de toda espécie de mal”.

Percebe-se que o apóstolo oferece suas instruções num tom de seriedade e vigilância. Ele nos exorta a ser íntegros e irrepreensíveis, vivendo conforme a vontade do “Deus da paz”, que nos concede a santidade perfeita e nos sustenta nesta caminhada ao encontro do Senhor que vem. Essa paz divina é muito mais do que a ausência de conflitos, não consiste em mera tranquilidade, mas está ligada à reconciliação definitiva com Deus e com as bênçãos messiânicas.

### III. Pistas para reflexão

- Acolher a luz verdadeira. Em preparação ao Natal do Senhor, é importante prestar atenção à voz de João Batista, que anuncia a vinda de Jesus, a luz verdadeira. Como profeta, enviado por Deus, ele nos exorta a “endireitar os caminhos do Senhor”. Com a vinda de Jesus, já não precisamos andar às cegas ou tateando na direção de pequenas luzes que logo se apagam. As trevas foram definitivamente vencidas pelo Messias, a luz do mundo. Como João Batista, podemos transformar nossa vida em reflexo da luz verdadeira. É Jesus que deve brilhar por meio de nosso jeito de ser e agir... Que trevas existem em nós que precisam ser dissipadas?

- Ungidos pelo Espírito Santo. A profecia de Isaías Terceiro revela que o Espírito de Deus está sobre as pessoas marginalizadas pelo sistema de poder. Também João Batista é um profeta marginalizado que prega no deserto. São pessoas pequeninas, reflexos do amor de Deus. São ungidas pelo Espírito Santo... Também Jesus vai nascer à margem da cidade de Belém. Ele é o Filho de Deus. Ungido pelo Espírito Santo, vai assumir a causa da libertação das situações que oprimem o ser humano. Deus age por meio das pessoas humildes e frágeis... O que isso quer dizer para nós hoje?

- Alegria e oração. São Paulo exorta: “Alegrai-vos sempre, orai sem cessar”. A alegria



cristã nasce da fé em Jesus. Ela jamais se apaga, não importam as circunstâncias. Está intimamente ligada à oração constante. É pela oração e pelo amor fraterno que permanecemos na paz de Deus e irradiamos a sua luz. As trevas se dissipam, e o Espírito Santo nos ajuda a discernir o que é bom e a viver na santidade... Neste tempo de Advento, é bom nos perguntar: como vai a nossa vida de oração pessoal, familiar e comunitária?

4º Domingo do Advento

21 de dezembro

## A acolhida necessária para gerar o Filho de Deus

### I. Introdução geral

Neste 4º e último domingo do Advento, meditamos sobre a anunciação do Senhor, conforme relata o Evangelho de Lucas. O Salvador encarna-se no mundo pela via não oficial. Ele é concebido no seio de Maria, camponesa de uma pequena cidade sem importância de uma região marginalizada: Nazaré da Galileia. O Espírito Santo de Deus encontra em Maria a acolhida necessária para gerar o Filho de Deus: “Eu sou a serva do Senhor...”. Jesus é da descendência de Davi, conforme a promessa feita por Deus por meio do profeta Natã. Davi foi escolhido por Deus para pastorear o povo, e não para projetar-se mediante magníficas construções. Não precisa construir um templo para Deus, e sim adorá-lo pela fidelidade à missão recebida. É a vida das pessoas que interessa a Deus. Ele as liberta e as protege. Por isso, prefere morar no meio do povo (1 leitu-

### Para ler o Apóstolo Paulo

Chantal Reynier

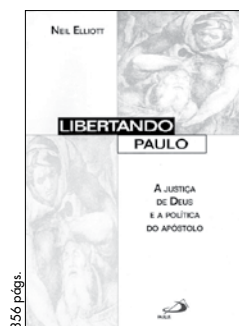


Esclarecimentos necessários, para que todos os interessados na temática paulina tenham acesso à profundidade de sua mensagem.

### Libertando Paulo

**A justiça de Deus e a política do apóstolo**

Neil Elliott



Apresenta Paulo como evangelizador e guia das comunidades cristãs, a fim de que ele seja liberto das amarras que o prendiam a sistemas opressores.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





ra). Jesus é o extravasamento do amor divino derramado sobre todos os povos. Ele nos foi dado a conhecer pelos anúncios proféticos e pela bondade e sabedoria de Deus, a quem queremos glorificar eternamente (II leitura). Entrando na semana do Natal, na mesma disposição de Maria, a mãe de Jesus e nossa, queremos acolher o Salvador e dizer-lhe com o coração e com a vida: “Eis aqui os servos e as servas do Senhor...”.

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. I leitura (2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16): A tenda de Deus

A história de Davi, ao longo da Bíblia, vai sendo contada e recontada pelas sucessivas gerações. Ao redor dessa personagem cria-se verdadeiro movimento. O regime da monarquia produziu uma realidade de marginalização para muita gente. A memória de Davi como rei-pastor funciona, para as vítimas do poder monárquico, como resistência e esperança do estabelecimento de um Reino de justiça e paz.

A 1ª leitura deste domingo consiste numa denúncia à situação privilegiada em que se encontra Davi. Depois de uma trajetória de inúmeras lutas e conflitos, ele se torna rei de Israel, constrói para si uma casa luxuosa e pretende construir um templo magnífico para Deus. Por meio do profeta Natã, porém, Deus lembra a Davi que jamais precisou de uma casa, pois, desde o nascimento de Israel, sempre morou em tenda, a fim de caminhar com o seu povo, protegê-lo e libertá-lo.

O nó da questão é que Davi, ao conquistar o poder, tende a esquecer-se de suas origens humildes e de sua vocação de pastorear o povo. O projeto de construir um templo para o Senhor revela a intenção de projetar-se politicamente, firmar seu poder e perenizar

sua memória. Não é para isso que Deus o chamou, e sim para cuidar da vida do povo. Um templo material para o Senhor revela a pretensão de “apropriar-se” do sagrado e “legitimar” o domínio monárquico sobre o povo, como vai acontecer a partir de Salomão. A habitação em que Deus prefere morar não é a feita de cedro, pois isso significaria afastamento do lugar social onde vivem as pessoas comuns. A habitação humilde em que Deus quer morar é o chão onde se encontra o povo.

Deus, então, indica que a perenidade do reino de Davi se dará por outro caminho. De sua descendência virá o Messias. Seu reino, porém, não será monárquico nem atenderá à expectativa dos dominantes. O messianismo de Jesus revela-se transgressor desde o anúncio do seu nascimento.

### 2. Evangelho (Lc 1,26-38): A anunciação do Messias

Segundo o Evangelho de Lucas, o anúncio do nascimento de Jesus se dá no “sexto mês” a contar da concepção de João Batista. É evidente a ligação com o “sexto dia” da criação, quando Deus criou o ser humano. Jesus inaugura nova humanidade. O anúncio se dá em Nazaré da Galileia. No Primeiro Testamento, não encontramos referência a essa cidade, o que indica ser um lugar sem importância. Ninguém poderia supor que a promessa do Messias seria cumprida por meio de uma jovem camponesa de Nazaré.

Lucas tem clara intenção de contrapor a instituição religiosa oficial localizada em Jerusalém com a cidadezinha de Nazaré, de onde não se esperava nada de bom (cf. Jo 1,46). Maria está comprometida em casamento com José, da descendência de Davi. Cumpre-se a promessa divina conforme o anúncio profético. No evangelho, encontramos várias vezes a expressão “filho de Davi”. Assim, Jesus foi reconhecido pelas multidões como o Messias que, segundo a crença co-



mum, deveria pertencer à linhagem davídica. No entanto, ele é “grande” não por ser “filho de Davi”, e sim por ser “Filho do Altíssimo”. Por isso, “o seu reinado não terá fim”. O reino de Jesus é universal e eterno, não se ancora no poder temporal nem age com a força de nenhum exército. Seu programa está contido em seu nome: Jesus = “Deus salva”.

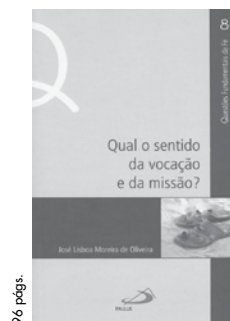
Com relação a Maria, Lucas não menciona sua ascendência. É uma mulher comum a quem o anjo anuncia que será a mãe de Jesus. A graça de Deus está nela e conceberá o “Filho de Deus” com o poder do Espírito Santo. A “sombra” que cobre Maria lembra a “nuvem” que simbolizava a presença de Deus no meio do seu povo em caminhada pelo deserto rumo à terra prometida. O livro do Êxodo relata também: “A nuvem cobriu a tenda da reunião e a glória do Senhor encheu a habitação” (Ex 40,34).

Maria é a nova habitação de Deus. O anjo Gabriel, mensageiro divino (cujo nome significa “Deus é forte”), anuncia: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra”. Ela é escolhida e agraciada como “sinal” salvífico de Deus, conforme anunciara o profeta Isaías (7,14): “O Senhor vos dará um sinal: eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel”. As expressões: “agraciada” e “encontreste graça diante de Deus” revelam que o anúncio se refere à intervenção gratuita e salvadora de Deus em favor da humanidade. Um sinal dessa intervenção já estava em andamento no seio de sua parente Isabel: uma mulher velha e estéril é capaz de gerar a vida, pois “para Deus nada é impossível”.

A receptividade de Maria ao anúncio do anjo Gabriel não tem nada a ver com passividade. O seu consentimento de fé liga-se com a atitude de serviço. Ao fazer-se serva de Deus, permite que sua Palavra se faça carne nela. Por essa sua atitude de humildade e de entrega ao plano divino, recebemos a graça do Salvador e Maria torna-se modelo para todos nós.

## Qual o sentido da vocação e da missão?

*José Lisboa Moreira de Oliveira*



Convite para percorrer o caminho feito desde o Concílio até agora, de modo que enxerguemos a dimensão vocacional da ação evangelizadora da Igreja.

## Vocação

### Convite para servir

*Pe. José Dias Goulart*



A liberdade na escolha da vocação faz do serviço uma espontânea entrega de si.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





### 3. II leitura (Rm 16,25-27): Jesus é a revelação de Deus ao mundo

Paulo encerra sua carta aos Romanos com um solene hino de louvor. É a expressão de fé e louvor das comunidades cristãs primitivas, maravilhadas com a bondade divina revelada pela encarnação de Jesus Cristo. Elas se percebem privilegiadas pelo fato de estarem vivenciando em seu tempo a realização da promessa do Messias salvador, conforme anunciada pelos profetas.

Jesus Cristo é a revelação do mistério de Deus “envolvido em silêncio desde os séculos eternos”. É como se Deus abrisse o coração para que todas as nações pudessem conhecer o seu desígnio de amor e salvação. Agora tudo foi revelado, e fica evidente o sentido das Escrituras Sagradas no que se refere ao Messias: é dom de Deus para a salvação universal.

O louvor é para “aquele que tem o poder de confirmar” o evangelho de Jesus Cristo anunciado por Paulo e pelas demais testemunhas oculares. A compreensão verdadeira da pessoa e da obra redentora de Jesus Cristo não se dá meramente pelo esforço humano, tanto de quem anuncia como de quem ouve, e sim pela ação do Espírito Santo. O louvor é para Deus, “o único sábio”, que se dispôs a derramar sua sabedoria sobre todos os povos e redimi-los em Jesus Cristo, mediante a “obediência da fé”.

### III. Pistas para reflexão

- A tenda de Deus. Por meio do profeta Natã, Deus esclarece a Davi que sua morada predileta é no meio do povo. Não lhe agrada a construção de um templo magnífico. Desde o início da história do povo de Israel, Deus “desceu” para caminhar com ele. Deus é reconhecido não pelas grandes construções feitas em sua homenagem, pois atrás delas podem se esconder intenções políticas de le-

gitimação do domínio de alguns sobre a maioria. Deus é reconhecido pela fidelidade à sua aliança de amor. Davi não pode se esquecer de sua missão de pastor junto ao povo. Da linhagem desse Davi, pastor humilde, nascerá o Messias, não conforme a expectativa oficial, mas a partir do corpo e do lugar social das pessoas simples e abertas ao amor de Deus...

- Maria, a serva de Deus. A anunciação do anjo Gabriel a Maria refere-se ao dom maior de Deus à humanidade: Jesus Cristo, o salvador do mundo. Deus intervém gratuitamente e de modo soberano. Não foi por meio do templo de Jerusalém nem foi com o aval da religião oficial que o Salvador veio ao mundo, e sim por meio do corpo de uma humilde jovem de Nazaré da Galileia. Nela Deus fez a sua tenda. Por ela Deus revela o seu poder e a sua glória. Em seu seio é gerado o Filho de Deus, o Messias, da descendência de Davi, conforme a promessa feita por meio dos profetas. Pela obediência da fé professada por Maria, a palavra divina torna-se eficaz. A vocação da mãe de Deus ilumina a nossa: também a nós, pelo mesmo Espírito Santo, nos é dado conceber a Jesus, de forma que se torne conhecido e amado no mundo. Inspirados pelo exemplo de Maria, pedimos a Deus que nos transforme em seus servos e servas... Qual concepção temos de Deus: é a de Davi, preocupado em homenageá-lo com obras materiais magníficas, ou a de Maria, que acolhe a sua vontade e se faz sua serva?

**Os roteiros homiléticos para o Natal do Senhor, missa da noite (dia 24) e missa do dia (25), encontram-se no site da revista: [vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)**



Sagrada família

28 de dezembro

# A família: bênção de Deus

## I. Introdução geral

A Igreja preocupa-se de modo especial com a família. Ela é o espaço privilegiado onde se desenvolve o maravilhoso dom da vida de cada ser humano. O Documento de Aparecida lembra que “a família é sujeito e objeto de evangelização, centro evangelizador de comunhão e participação”. Para isso, “deve encontrar caminhos de renovação interna e de comunhão com a Igreja e o mundo” (DAP 568s). O papa Francisco convocou recentemente um sínodo sobre os desafios pastorais da família no contexto da evangelização. De fato, são muitos os desafios que enfrenta a família na atualidade. Nela repercutem as influências positivas e negativas das rápidas mudanças pelas quais passa o mundo. Há valores importantes que precisam ser preservados e aprofundados em cada nova geração. Os textos bíblicos escolhidos para esta celebração da Sagrada Família refletem sobre esses valores que autenticam o verdadeiro relacionamento entre os diversos membros que formam a família, ampliando-se para a comunidade. O texto do Eclesiástico dirige-se especialmente aos filhos, a fim de que saibam honrar e servir os seus pais, em obediência à lei de Deus. Assim, atrairão sobre si bênçãos divinas (I leitura). A carta aos Colossenses ressalta os sentimentos de que devem revestir-se os cristãos, como a compaixão, a bondade, a humildade, a mansidão e a paciência. Assim, a paz de Cristo reinará na vida da família-comunidade, pois todos os membros formam um só corpo (II leitura). Ao contem-

## Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino

**Introdução, Lógica, Cosmologia – Vol. 1**

*Henri-Dominique Gardeil*



472 págs.

Conserva todo o frescor graças aos magníficos textos de São Tomás, cuidadosamente traduzidos e disponibilizados simultaneamente em seu teor latino original.

## Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino

**Psicologia e Metafísica – Vol. 2**

*Henri-Dominique Gardeil*



544 págs.

Mostra que o estudo da alma, em Aristóteles, é parte integrante da investigação física, na qual ele se inscreve como uma espécie de introdução para a biologia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





plar a família de Nazaré (evangelho), constatamos que Deus realiza o seu plano de amor por meio do assentimento de fé dos pais, como Maria e José. A família é sagrada na medida em que seus membros se amam, pois, onde há amor, Deus aí está.

## II. Comentário dos textos bíblicos

### 1. I leitura (Eclo 3,3-7.14-17a): Honrar pai e mãe

O livro do Eclesiástico (ou Sirácida) foi escrito originalmente em hebraico em torno do ano 200 a.C. por um senhor chamado de Jesus filho de Sirac. O original não chegou até nós. O que temos é a tradução em grego feita pelo neto do autor, por volta do ano 130 a.C. É um livro que busca preservar a tradição religiosa do povo judeu, cuja identidade está ameaçada pelo domínio grego. Um dos temas mais caros desse livro é a sabedoria aplicada ao cotidiano. O texto da liturgia de hoje ressalta a Sabedoria que se expressa no relacionamento dos filhos com os seus pais. Constitui um comentário do quarto mandamento do Decálogo. É bom verificar todo o conjunto do texto: 3,1-18. A honra aos pais refere-se tanto ao respeito à autoridade como ao sustento em suas necessidades. O desprezo desse mandamento corresponde à ofensa a Deus.

Apesar da cultura patriarcalista em que o autor está inserido, percebe-se (pelo menos neste texto) igualdade de tratamento para pai e mãe, assim como se constata também na formulação do quarto mandamento. Esse mandamento, como afirma a carta aos Efésios, é “o primeiro que vem acompanhado de uma promessa: para que sejas feliz e tenhas vida longa sobre a terra” (Ef 6,2-3). Essa promessa, no texto do Eclesiástico, é desdobrada em várias bênçãos divinas ao filho ou à filha que honra e respeita o seu pai e a sua mãe: alcança o perdão dos pecados; é como quem

ajunta um tesouro; será respeitado pelos seus próprios filhos; quando rezar, será atendido; terá uma vida longa; dará alegria à sua mãe; a compaixão para com o pai não será esquecida e, em lugar dos pecados, serão aumentados os méritos; no dia da aflição, será lembrado por Deus...

### 2. II leitura (Cl 3,12-21): Santos e amados de Deus

Este texto da carta aos Colossenses, atribuída a Paulo, orienta a comunidade cristã no que se refere ao relacionamento na família. A cultura grega predominava em toda a região da Ásia Menor, onde se situava a cidade de Colossas. A casa, normalmente, era constituída por esposa e marido, pais e filhos, escravos e patrões. É esse o modelo de casa que tem presente o autor.

Ao ler o conjunto do texto (3,5-17), percebe-se o motivo pelo qual os membros da casa devem ser instruídos. Há comportamentos condenáveis, como a “imoralidade sexual, impureza, paixão, maus desejos, especialmente a ganância, que é uma idolatria” (3,5). E mais: há desordens provocadas por “ira, furor, malvadeza, ultrajes e palavras indecentes” (3,8) e também há mentiras (3,9) e discriminação de pessoas, “entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo e livre” (3,11).

Esse modo de pensar e de agir, é claro, ameaça a vida familiar também dos cristãos. São comportamentos que contrariam o que deveria ser o modo de viver dos seguidores e seguidoras de Jesus, “eleitos de Deus, santos e amados”. Então, qual é a maneira coerente de viver desses “eleitos de Deus”? O texto (3,12-17) é tão claro, que prescinde de explicação. Constitui um caminho privilegiado para a felicidade das famílias no tempo atual.

No que se refere à “submissão” da mulher ao marido (3,18), deve-se levar em conta o sistema familiar dominante na época, em que o poder de decisão se concentrava na figura do



pai/patrão. O autor é filho da sua época. À luz dos ensinamentos de Jesus, porém, foi restabelecida a igualdade entre mulher e homem, entre esposa e marido. Todos os seres humanos, cada qual com suas originalidades e especificidades de funções, possuem a mesma e imprescindível dignidade. Isto é agradável ao Senhor, que nos criou à sua imagem e semelhança.

### 3. Evangelho (Lc 2,22-40): A família de Nazaré

O texto de Lucas faz parte do conhecido “evangelho da infância” de Jesus (Lc 1-2). Os personagens citados nesse evangelho da infância são retratados como escolhidos de Deus, por meio dos quais ele realiza o seu plano de amor e de salvação universal. A própria etimologia dos nomes, na língua hebraica, revela traços do rosto divino: Gabriel (Deus é forte), Zacarias (Deus se lembra), Isabel (Deus é plenitude), João (Deus é favorável), Maria (amada de Deus), José (Deus acrescente), Ana (misericórdia), Simeão (Deus ouviu) e Jesus (Deus salva).

O texto deste domingo apresenta alguns desses personagens, Maria e José, Simeão e Ana, como fiéis seguidores da tradição religiosa de Israel. Cumprindo o que está escrito na Lei, Maria e José levam o menino Jesus ao templo para ser apresentado diante do Senhor e para oferecer sacrifícios (Lv 12,2-8). Se a mãe “não dispuser de recursos suficientes para oferecer um cordeiro, tomará duas rolas ou dois pombinhos” (Lv 12,8).

Lucas, em seu evangelho, faz questão de ressaltar que Deus se revela na história humana não por meio do poder, do dinheiro ou do prestígio social. É por intermédio dos simples e pequeninos que ele se dá a conhecer, e conta com eles para realizar o seu plano no mundo. Maria e José não faziam parte dos personagens importantes. Faziam parte dos “pobres de Javé”, isto é, punham sua total confiança em Deus e esperavam a vinda do Salvador; eram abertos à vontade de Deus e dispostos a assumir a missão que ele lhes indicava.

### Teoria das ideias de Platão Uma introdução ao idealismo Vol. 1 e 2

Paul Natorp



416 págs.



544 págs.

O autor quer resgatar a teoria de Platão de uma crítica a ela dirigida por Aristóteles, da qual tem sido difícil livrar-se desde então.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
**paulus.com.br**





Também Simeão e Ana são apresentados por Lucas como pessoas afinadas com o plano de Deus. Não estão aí por acaso: representam o povo de Israel, que se manteve fiel na certeza da vinda do Salvador, conforme a promessa feita por meio dos profetas. O texto diz que Simeão “era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel”; Ana era profetisa e “servia a Deus dia e noite com jejuns e orações”. São pessoas conduzidas pelo Espírito Santo que sabem discernir e acolher os sinais de Deus na história humana. Por isso, ambos se alegram, louvam a Deus e anunciam suas maravilhas.

Jesus, portanto, cresceu sob o cuidado de Maria e José, na simplicidade de um lar comum, participando de sua comunidade de fé e respeitando a tradição religiosa de seu povo. Conheceu a Deus com base no testemunho de seus pais e foi tomando consciência de sua identidade e de sua missão salvadora. “O menino foi crescendo, ficando forte e cheio de sabedoria. A graça de Deus estava com ele” (Lc 2,40). A sagrada família de Nazaré inspira as famílias cristãs de nossos dias: quando Deus é levado a sério e seu amor é vivido entre todos os que estão na casa, essa família torna-se portadora da bênção divina, “sujeito e objeto de evangelização, centro evangelizador de comunidade e participação”. É uma família “sagrada”.

### III. Pistas para reflexão

- A família é bênção de Deus que precisa ser cultivada. Nas entrelinhas dos textos do

Eclesiástico e da carta aos Colossenses, podemos captar o alerta diante do que pode ameaçar a vida familiar. É necessário cultivar os valores que a tradição de fé nos deixou como herança. São valores que atraem a bênção divina, como o comportamento de honra e de respeito dos filhos para com os pais, bem como os sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão, paciência e perdão mútuo. A família de Nazaré inspira a família de hoje a ser “sagrada”, tendo em vista a plena realização de cada um dos seus membros e a sua missão evangelizadora no mundo, como esclarece o Documento de Aparecida:

O casal santificado pelo sacramento do matrimônio é um testemunho da presença pascal do Senhor. A família cristã cultiva o espírito de amor e serviço. Quatro relações fundamentais da pessoa encontram seu pleno desenvolvimento na vida da família: paternidade, filiação, irmandade, nupcialidade. Essas mesmas relações compõem a vida da Igreja: experiência de Deus como Pai, experiência de Cristo como irmão, experiências de filhos em, com e pelo Filho, experiência de Cristo como esposo da Igreja. A vida em família reproduz essas quatro experiências fundamentais e as compartilha em miniatura: são quatro facetas do amor humano (DAp 583).

Outras reflexões sobre a família no Documento de Aparecida, números 567 a 616. ●

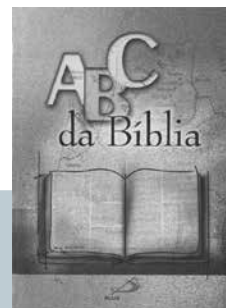
#### ABC da Bíblia

Trata-se de um livrete-programa para cinco encontros, destinados às comunidades de base, círculos bíblicos e outros grupos dedicados ao estudo da Bíblia. É útil também para uma leitura pessoal. De apresentação bastante simples, não oferece dificuldade para o leitor de nenhuma categoria social. (40 páginas)

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011 | SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL | [paulus.com.br](http://paulus.com.br)



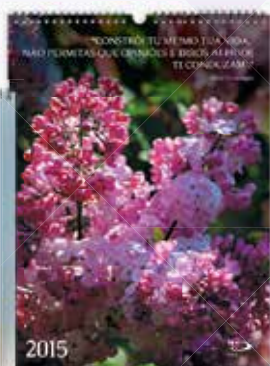
Imagens meramente ilustrativas.

# MATERIAL SAZONAL 2015

## CALENÁRIOS DE PAREDE



Santos  
Cód.: 7891210013071



Paisagens  
Cód.: 7891210013088



## CALENÁRIO DE MESA

Cód.: 7891210013118

## CALENÁRIOS DE MENSAGENS (PAREDE OU MESA)



Mensagens Dízimo  
Cód.: 7891210013149



Mensagens  
Cód.: 7891210013132

## MINI CALENÁRIOS



Bíblico  
Cód.: 7891210013095



Variedades  
Cód.: 7891210013101

Dízimo  
Cód.: 7891210013125

## AGENDA DE PLANEJAMENTO



Grande  
Cód.: 7891210013835  
Pequena  
Cód.: 7891210013873



Agenda Litúrgica  
Cód.: 7891210013842

## LITURGIA DA PALAVRA DE CADA DIA ANO B



PB - Grande  
Cód.: 7891210013866  
PB - Pequena  
Cód.: 7891210013897



Colorido - Grande  
Cód.: 7891210013859  
Colorido - Pequena  
Cód.: 7891210013880



## AGENDA CATEQUÉTICA

Cód.: 7891210013910

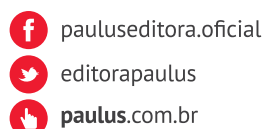
## AGENDA DE MESA LUXO

Preta  
Cód.: 7891210013804  
Creme  
Cód.: 7891210013903



## VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011  
vendas@paulus.com.br



# A questão humana existencial no sentido da vida



**O LIVRO DO SENTIDO**  
**Volume 1**  
**Crise e busca de sentido hoje**  
**(parte crítico-analítica)**  
*Clodovis Boff*

Qual é o sentido da vida? Pergunta aguda em nosso tempo. Este primeiro volume trata da questão do sentido em sua problemática geral, tanto no plano real, quanto no teórico.

## VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

[ventas@paulus.com.br](mailto:ventas@paulus.com.br)

